

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
ALICE RIBEIRO ASSAD WASSALL

**HOSPITALIDADE E CIDADE: CONTINUIDADES E
AMBIVALÊNCIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO**

SÃO PAULO

2017

ALICE RIBEIRO ASSAD WASSALL

**HOSPITALIDADE E CIDADE: CONTINUIDADES E
AMBIVALÊNCIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Dimensões e Contextos da Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles.

SÃO PAULO

2017

Para Eduardo e Maria Leonor que me ensinaram a acreditar na diferença que as pessoas podem provocar no mundo e a ir em frente, sempre.

AGRADECIMENTOS

Chegar à etapa de agradecimentos em uma Dissertação de Mestrado não é fácil. Foram muitas horas dedicadas a todas as tarefas que envolveram esta pesquisa. Mas, antes de todo este esforço próprio, existe um grupo particular de pessoas que se dedicaram muito para que eu chegasse aqui: meus professores.

À Maria do Rosário Rolfsen Salles, minha orientadora de Mestrado, que com muita paciência me mostrou o caminho mais prazeroso para seguir com esta pesquisa e me ensinou a beleza da hospitalidade. A todos os meus professores do Programa de Mestrado em Hospitalidade que direta ou indiretamente me deram sugestões, orientações e puxões de orelha para que eu pudesse chegar até aqui. E não posso deixar de agradecer à Mônica Bueno Leme, minha orientadora de Iniciação Científica, que me mostrou a importância de se estudar o tema Sustentabilidade e à Aline Delmanto, minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação, responsável por me apresentar o tema Cidade Criativa.

Professores, todos vocês são responsáveis por uma parte de mim e os carregarei comigo sempre. Obrigada por me mostrarem como é bom se debruçar, desvelar e esmiuçar um assunto.

Agradeço também aos meus colegas de Mestrado que colaboraram de diversas formas com esta pesquisa, me indicando caminhos possíveis a serem trilhados.

Agradeço à equipe da São Paulo Obras (SPObras), que me recebeu para conversarmos sobre a Praça Roosevelt. À Dona Terezinha, que me abriu os olhos sobre as relações de hospitalidade e hostilidade na Praça Roosevelt. Ao Vagner dos Santos, que disponibilizou seu tempo para me contar sobre seu trabalho dedicado à Praça do Coco. E finalmente, ao Sr. Lauro Moreira que gentilmente me recebeu em sua casa para conversamos boas horas sobre sua experiência como Cônsul em Barcelona.

Não posso deixar de agradecer à minha equipe e colegas de trabalho que durante esses dois anos foram muito pacientes e compreensivos nas minhas ausências.

Agradeço pelo apoio incondicional que recebi da minha família desde o início dessa jornada. Leonor, Eduardo e Pedro viver ao lado de vocês é um privilégio extraordinário.

E ao Giuliano, meu amigo, marido e companheiro de vida, sem seus incentivos, paciência, tempo e dedicação essa Dissertação ainda estaria no plano das ideias.

Cities have the capability of providing something for everybody, only because, and only when, they are created by everybody..

Jane Jacobs

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal buscar compreender, à luz do conceito de hospitalidade, as relações entre as cidades e os espaços públicos do ponto de vista de seus frequentadores e moradores. Foram escolhidas como objetos de estudo, duas praças públicas localizadas em diferentes cidades do Estado de São Paulo, Campinas e São Paulo, que passaram por processos muito significativos de mudanças, porém não se pretende chegar a uma comparação entre as praças. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, cuja pergunta norteadora formulada foi: Qual o significado das intervenções nos espaços públicos e, em especial das praças, que evidenciam a mobilização dos frequentadores, moradores e visitantes? Em desdobramento, pode esse fato significar maior sentimento de identidade e pertencimento e em consequência, cidadania? Se sim, por meio de que tipo de indicadores? Do ponto de vista metodológico, utilizou-se da observação *in loco*, da aplicação de questionários *survey* a moradores e frequentadores, e da análise de conteúdo de matérias de jornais diários que faziam referência às praças. Além disso, complementou-se a coleta de informações, com entrevistas com pessoas chave que puderam esclarecer detalhes da trajetória e dinâmica de cada praça. Os resultados apontam para a importância desses espaços na constituição da vida coletiva nas grandes cidades e nas mudanças no uso do espaço público em diferentes momentos. Conclui-se que esses espaços são lugares privilegiados para o entendimento das relações de hospitalidade no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Hospitalidade. Cidade. Praça. Espaço público. Frequentadores.

ABSTRACT

The main objective of this work is to understand, in the light of the concept of hospitality, the relations between cities and public spaces from the point of view of its goers and residents. Two public squares located in different cities of the State of São Paulo, Campinas and São Paulo, were chosen as objects of study, which passed through very significant processes of change, but it is not intended to do a comparison between the squares. It is an exploratory research and by the methodological point of view was used observation in loco, the application of survey questionnaires to residents and goers, and content analysis of daily newspaper material that referred to the squares. In addition, the collection of information was complemented by interviews with key people who were able to clarify details of the trajectory and dynamics of each square. The results point to the importance of these spaces in the constitution of collective life in large cities and in the changes in the use of public space at different times. It is concluded that these spaces are privileged places for the understanding of the relations of hospitality in the contemporary world.

Keywords: Hospitality. City. Square. Public Space. Goers.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 Boulevard Henri IV, em Paris: a) perspectiva antes (1862); e b) depois (2016) das intervenções do Barão Haussmann. Fonte: Fotografia de Charles Marville., Revista Zum. Consultado em: 03/04/2017. | 35 |
| Figura 2 - Chicago após o incêndio de 1871. Fonte: Multiplataforma de mídia Mashable. Consultado em: 03/04/2017 | 37 |
| Figura 3 A hospitalidade como um caminho para cidade criativa. Fonte: A autora. . | 45 |
| Figura 4 Representação da Praça do Coco, no distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) Fonte: Google Maps, de 09 de maio de 2017 | 52 |
| Figura 5 Kombi Praça do Coco em 1999. Fonte: Portal Praça do Coco. Consultado em: 27/08/2016. | 53 |
| Figura 6 Espaço Cultural Praça do Coco. Fonte: Portal Praça do Coco. Consultado em: 27/08/2016. | 55 |
| Figura 7 Conjunto de placas retratando a história de símbolos do Distrito de Barão Geraldo. Fonte: Acervo próprio | 56 |
| Figura 8 Mapa Circuito Praça do Coco exposto no local. Fonte: Acervo próprio. | 58 |
| Figura 9 Representação da Praça Roosevelt, em São Paulo (SP) . Fonte: Google Maps de 09 de maio de 2017..... | 59 |
| Figura 10 Praça Roosevelt, um estacionamento a céu aberto. Fonte: Filme “São Paulo S. A.” de Luís Sérgio Person, 1965 (111 min)..... | 62 |
| Figura 11 Obra na praça Roosevelt. Fonte: Acervo Folha de São Paulo..... | 63 |
| Figura 12 Praça Roosevelt em 1970. Fonte: Revista Acrópole. Ano 32, nº 379, novembro de 1970 | 64 |
| Figura 13 Morfologia arquitetônica ao redor da Praça do Coco. Fonte: Acervo próprio..... | 84 |
| Figura 14 Circulação e permanência de pessoas na Praça do Coco. Fonte: Acervo próprio | 85 |
| Figura 15 Trecho Ciclovia do distrito de Barão Geraldo. Fonte: Acervo próprio | 86 |
| Figura 16 Praça do Coco adaptada. Fonte: Acervo próprio. | 87 |
| Figura 17 Tipologia de fachada ao redor da Praça do Coco. Fonte: Acervo próprio. | 88 |
| Figura 18 Praça do Coco a noite. Fonte: Acervo próprio | 89 |
| Figura 19 Parquinho para crianças na Praça do Coco. Fonte: Acervo próprio | 89 |
| Figura 20 Praça do Coco arborizada. Fonte: Acervo próprio | 90 |
| Figura 21 Mobiliário urbano da Praça do Coco. .Fonte: Acervo próprio | 90 |
| Figura 22 Calçadas Praça do Coco. Fonte: Acervo próprio | 91 |
| Figura 23 Morfologia arquitetônica Praça Roosevelt. Fonte: Acervo próprio | 92 |
| Figura 24 Uso misto edifícios da Praça Roosevelt. Fonte: Acervo próprio..... | 92 |
| Figura 25 Circulação e permanência de pessoas na Praça Roosevelt. Fonte: Acervo próprio..... | 93 |
| Figura 26 Fachadas bloqueadas da Praça Roosevelt. Fonte: Acervo próprio | 94 |
| Figura 27 Vegetação seca na Praça Roosevelt. .Fonte: Acervo próprio | 95 |
| Figura 28 Vegetação florida na Praça Roosevelt. Fonte: Acervo próprio | 96 |
| Figura 29 Via Roosevelt. Fonte: Acervo próprio..... | 97 |

| | |
|---|----|
| Figura 30 Quiosque vazios na Praça Roosevelt. Fonte: Acervo próprio | 97 |
| Figura 31 Bancos da Praça Roosevelt. Fonte: Acervo próprio..... | 98 |
| Figura 32 Praça Roosevelt adaptada. Fonte: Acervo próprio..... | 99 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 Tempos e espaços da hospitalidade | 23 |
| Quadro 2 Síntese do conceito de hospitalidade urbana. | 31 |
| Quadro 3 Praças que foram ou são sede de eventos significativos em diferentes épocas..... | 32 |
| Quadro 4 Dados do Distrito de Barão Geraldo, do município de Campinas e da Região Metropolitana de Campinas (RMC)..... | 50 |
| Quadro 5 Comparação entre o projeto inicial de 2010 e o resultado final das mudanças na Praça Roosevelt..... | 67 |
| Quadro 6 Faixa etária de frequentadores entrevistados na Praça do Coco, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) e da Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo..... | 75 |
| Quadro 7 Fator de motivação dos entrevistados na Praça do Coco, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) e da Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo..... | 78 |
| Quadro 8 Grau de prioridade (ranking) dos benefícios percebidos após reformas nas praças por entrevistados na Praça do Coco, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) e da Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo. | 78 |
| Quadro 9 Análise de conteúdo resultados pesquisa survey na Praça do Coco no distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP). | 81 |
| Quadro 10 Análise de conteúdo resultados pesquisa survey na Praça Roosevelt no centro de São Paulo (SP)..... | 82 |
| Quadro 11 Atributos espaciais de hospitalidade urbana | 83 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO 1 – A HOSPITALIDADE, A CIDADE E A PRAÇA..... | 20 |
| 1.1 O desvelar da hospitalidade..... | 20 |
| 1.2 A hospitalidade urbana | 25 |
| 1.3 A cidade e a praça | 31 |
| 1.4 A hospitalidade como um caminho para cidade criativa | 38 |
| 1.5 Síntese do capítulo..... | 45 |
| CAPÍTULO 2 – O RESGATE DA FUNÇÃO DA PRAÇA | 47 |
| 2.1 Barão Geraldo o distrito cultural de Campinas..... | 47 |
| 2.2 A Praça do Coco..... | 52 |
| 2.3 Praça Roosevelt, espaço público em transformação | 59 |
| 2.3.1 Dona Veridiana, a protagonista da história antes da praça (1799 – 1930) 60 | |
| 2.3.2 Os tempos áureos da Praça Roosevelt (1930 – 1969) | 60 |
| 2.3.3 A decadência da Praça Roosevelt (1970 – 1999)..... | 63 |
| 2.3.4 A Praça Roosevelt ressurge? (2000 – 2016) | 65 |
| 2.4 Síntese do capítulo..... | 69 |
| CAPÍTULO 3 - A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO | 71 |
| 3.1 Metodologia | 71 |
| 3.1.1 Pesquisa survey..... | 71 |
| 3.1.2 Análise de conteúdo | 72 |
| 3.2 Resultados e análise..... | 74 |
| 3.2.1 Pesquisa survey..... | 74 |
| 3.2.2 Análise de conteúdo de matérias de jornais e do questionário survey | 79 |
| 3.3 A hospitalidade: elementos tangíveis..... | 82 |
| 3.3.1 Praça do Coco: categorias de análise | 84 |
| 3.3.2 Praça Roosevelt: categoria de análise..... | 91 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 100 |
| REFERÊNCIAS..... | 103 |
| REFERÊNCIAS AMPLIADA | 110 |
| APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SURVEY | 112 |
| APÊNDICE B - CATEGORIA 1 DO LEVANTAMENTO DE MATÉRIAS REFERENTES A MANIFESTAÇÕES DE HOSPITALIDADE NAS PRAÇAS DO COCO E ROOSEVELT. | 114 |

| | |
|--|-----|
| APÊNDICE C – CATEGORIA 2 LEVANTAMENTO DE MATÉRIAS REFERENTES A MANIFESTAÇÕES DE HOSTILIDADE NAS PRAÇAS DO COCO E ROOSEVELT. | 118 |
| APÊNDICE D – ROTEIRO ANÁLISE DE ELEMENTOS TANGÍVEIS..... | 119 |
| ANEXO 1 – REGRAS DE CONVIVÊNCIA DA PRAÇA ROOSEVELT | 121 |
| ANEXO 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO VAGNER DOS SANTOS..... | 122 |

INTRODUÇÃO

[...] Cidades são agrupamentos de população que não produzem seus próprios meios de subsistência alimentar. A existência das cidades pressupõe portanto, desde sua origem, uma divisão técnica, social e espacial da produção e implica trocas de natureza diversa entre aqueles que produzem os bens de subsistência e os bens manufaturados (artesãos), bens simbólicos (religiosos, artistas, etc), o poder e a proteção (guerreiros).

A dinâmica da urbanização está ligada ao potencial de interação oferecido pelas cidades, à sua “urbanidade”, ou seja, à potência multiforme que gera o reagrupamento de uma grande quantidade de pessoas em um mesmo lugar. (ASCHER, F. Os novos princípios do urbanismo, p. 19)

A cidade supõe uma dimensão pública que se opõe ou se complementa com a dimensão privada da vida cotidiana e vai adquirindo diferentes contornos ao longo da história, redefinindo a relação espaço privado e espaço público. “[...] a casa se afasta da rua e dos vizinhos ganhando e murando seu lote ao redor” (Rolnik, 1998, p. 51), ao mesmo tempo que os cômodos da casa vão se especializando e separando, constituindo um espaço para o receber “público”, um público previamente selecionado, à maneira da família burguesa, que então, se retira da rua, lugar de perigo e de desordem.

Ao mesmo tempo, criam-se os bairros, a segregação, as diferenças entre os espaços públicos, implicando necessariamente a intervenção do Estado, do poder público na cidade, redefinindo o conceito original de cidade como espaço de sociabilidade e de cidadania. Espaços públicos como as praças, por exemplo, são ainda, a expressão da possibilidade da reunião, do encontro, da construção das relações de sociabilidade e da identificação das pessoas. Nas sociedades contemporâneas, as praças têm se esvaziado e se tornado, muitas vezes, locais de passagem apenas, perdendo seu sentido original de reunião, de pertencimento e identificação entre pessoas de um mesmo local, de um mesmo bairro.

Muito se tem discutido sobre a participação da população nas decisões de bairro, região, cidade ou país. Em 2003, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou o Programa Cidades, cuja agenda estabelece dez princípios para o desenvolvimento sustentável das cidades. Em 2010, a Primavera Árabe mostrou para o mundo que pessoas unidas por uma causa podem sim derrubar ditadores e lutar pela democracia. Em 2013, o Brasil vivenciou inúmeras manifestações populares que

provocaram mudanças permanentes no país. Soma-se a estes fatos, a facilidade com que todos os acontecimentos são noticiados, divulgados e compartilhados numa velocidade difícil de acompanhar e facilitando a comunicação, a reunião.

A cidade parece criar seus espaços públicos mais vitais, as ruas e as calçadas (Jacobs, 2000), levando em conta fatores como a intervenção do poder público e a participação dos moradores na criação de relações com a vizinhança, especialmente nos bairros, dando importância a diversidade de sua formação. São fatores que, segundo Jacobs (2000), combinados, podem gerar a vitalidade urbana na diversidade de usos, complexa e densa. Entretanto, a “cidade do capital” (Rolnik, 1988, p. 30) impõe seu ritmo e interfere na sociabilidade subjacente ao próprio conceito de cidade. Nesse sentido, consideram-se as praças, como objeto privilegiado para o estudo da sociabilidade nas cidades.

Autores como Sitte (1992), Lamas (1993), Lynch (1997) e Caldeira (2007) explicam como as praças exercem o papel de protagonistas no desenvolvimento das cidades. Isto porque, as praças possuem uma relação próxima do cenário urbano, como um lugar de encontro, convivência, festividades, identidade, trocas, reconhecimento do outro, fronteiras imaginárias de pertencimento. Talvez seja um dos espaços mais autênticos dentro de uma cidade, pois sua função não se alterou como pode ser visto, por exemplo, em edificações históricas que se transformam em grandes centros comerciais. As praças são espaços públicos destinados a manifestações coletivas desde as civilizações gregas e romanas. De acordo com Caldeira (2007, p. 22), a Ágora (gregos) e o Fórum (romanos) eram espaços que representavam o lugar da vida cívica, onde se exercia a política, o centro vital da cidade. Assim, as praças se mantiveram presentes na estrutura das cidades ocidentais, como verdadeiros centros da vida social.

Contudo, Caldeira (2007) ainda explica que a importância das praças na sociedade é marcada por altos e baixos. Nos séculos XVIII e XIX, a construção de novos espaços de sociabilidades, tais como teatros, cafés, bares, galerias e bulevares, fez com que as praças sofressem um esvaziamento generalizado, gerando uma crise identitária. Soma-se a isso, o advento da indústria automobilística que fez com que as praças passassem a se integrar a novos elementos urbanos, como vias, entroncamentos, lugares de circulação, estação de trem, etc.

Borja (2003) defende que a vida na cidade depende de um equilíbrio na tríplice relação cidade, espaço público e cidadania sendo que, nenhum destes aspectos pode

ser compreendido isoladamente. Palavras como espaços coletivos e engajamento social entraram no vocabulário diário, acompanhadas de uma mudança de comportamento das pessoas, evidenciada por exemplo, pela maior ocupação dos espaços públicos. A partir deste fenômeno, cada vez mais, criam-se espaços que resistem ao individualismo das grandes cidades, que tende a crescer com a globalização, principalmente a partir da década de 1990. Nesse caso, o foco é no plural, no encontro entre pessoas, na busca por atitudes e ações coletivas sustentáveis que beneficiem o máximo possível de pessoas. Os cenários das cidades estão repletos de transformações, propostas inovadoras para problemas antigos, como por exemplo, a revitalização de espaços públicos como as praças.

Discutir espaço público não é uma tarefa simples. Trata-se de assunto abordado na Filosofia, Sociologia, Urbanismo, Direito e outras. Esse amplo leque de perspectivas enriquece a construção deste conceito e sua compreensão. Por isso, Narciso (2009, p. 271) explica que, em se tratando de espaço público, é difícil encontrar uma definição que contemple as diferentes visões, concluindo que:

O espaço público é um lugar aberto, de acesso irrestrito, um ponto estruturante da malha urbana e confluência de vários caminhos e lugares, é um espaço de passagem e de permanência, construído por diversos agentes, quer na sua forma material ou vivencial. O espaço público é uma estrutura e estratégia de forma caracterizada pelos seus elementos constituintes (que o individualizam), social e economicamente.

Em síntese, por espaço público pode-se compreender um local de uso comum, de posse coletiva, para expressão da sociabilidade urbana. Aqui vale acrescentar que, a palavra “espaço” quando não acompanhada do adjetivo público remete a ideia de vazio, o que reflete a linha tênue do seu papel na cidade. A chegada do século XXI, trouxe consigo uma nova dinâmica para as cidades e gestores públicos. A ruptura mencionada anteriormente, provocou mudanças consideráveis na forma de se gerir uma cidade, colocando em voga a retomada do papel do espaço público no dia a dia da população. Isto gerou, conseqüentemente, um processo de ampla revitalização, ou seja, recuperação, reabilitação de áreas abandonadas, antigas, subutilizadas ou degradadas.

É a partir deste ponto que as manifestações das relações de hospitalidade podem ser observadas. De um lado, tendências contraditórias, como o crescimento das manifestações em lugares públicos, e de outro, o esvaziamento de lugares potencialmente produtores de sociabilidade, como as praças. Quanto à hospitalidade

pública, esta pode se valer da dinâmica urbana como ela se apresenta na atualidade. De acordo com Camargo (2004, p. 52), a definição simplificada para hospitalidade é “ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter as pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural”. Trata-se de uma relação que cria vínculos, elos com significados e valores como solidariedade e sociabilidade. Nesse contexto, é uma relação que se verifica pela tríplice relação entre o dar, receber e retribuir, forma que Mauss (1974) evidenciou como o fundamento das relações sociais que assim se prolongam indefinidamente, e que se reveste de um caráter ao mesmo tempo desinteressado e obrigatório na manutenção dos vínculos sociais.

Segundo Sigaud (1999) e Severini (2014), a tríplice relação dar, receber e retribuir não necessariamente precisa ocorrer entre as mesmas pessoas, ou seja, aquele que doou pode receber o contradição de outro indivíduo, pois a retribuição pode ser usufruída pelo grupo ou sociedade, mantendo assim a relação de continuidade. Afinal, nas palavras de Severini (2014, p. 94)

A fim de estabelecer o vínculo social, busca-se “dar” algo, que pode ser um presente, um serviço ou a própria hospitalidade. Essa “doação” é que caracteriza todo o processo, pois quem recebe terá que retribuir um dia, criando um ciclo sem fim. Mas a retribuição na dádiva não é o objetivo final. Você dá para que o outro também dê.

Desta forma, é possível buscar entender a hospitalidade e analisá-la no contexto da cidade. Sinteticamente, hospitalidade e sua expressão urbana podem ser entendidas como um fato social total, no sentido atribuído por Mauss (1974), na medida em que são processos que recobrem todas as dimensões da vida humana em sociedade. No caso das cidades, há uma implicação social na doação do gestor público ao hóspede urbano com a oferta de benfeitorias, no estímulo que estas podem provocar na identidade e pertencimento do morador para com a cidade. Há implicação econômica na retribuição do hóspede urbano com as ações de civilidade e do turista ao visitar a cidade. Há também uma implicação política, pois é um processo que envolve todos aqueles que vivem a cidade, moradores, gestores, turistas, imigrantes e visitantes. Entende-se, portanto, que os sentimentos de pertencimento e identidade são dimensões da hospitalidade como criadora de vínculos e sociabilidade em espaços públicos.

Assim, objetivou-se com a presente pesquisa, focalizar dois espaços públicos – duas praças – que apresentam em suas trajetórias históricos bastante diferentes, e

que talvez, por isso mesmo, possam representar dinâmicas que esclareçam a relação das pessoas (frequentadores, moradores e visitantes) com o espaço público. Ambas têm em comum o fato de terem sido objeto de reformas, intervenções, com maior ou menor participação e decisão do poder público. Mas podem ser entendidas sob a ótica da hospitalidade e particularmente da hospitalidade urbana, no sentido de possibilitarem espaços de convivência e sociabilidade.

Com o objetivo mais geral de compreender a relação entre a hospitalidade e a cidade, à luz do conceito de hospitalidade, elegeram-se como objetos de estudo a Praça Roosevelt, localizada no Centro da cidade de São Paulo, e a Praça do Coco, localizada no distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP). A primeira, mais antiga, tem uma trajetória de ponto de encontro e vivência política, artística e cultural; a segunda está localizada num distrito intelectualizado e estudantil, pela sua proximidade com a Universidade de Campinas. Ambas, como apontado, sofreram reformas, entendidas como processo de ressignificação, o que acaba por mobilizar enormemente a participação e percepção dos moradores e visitantes. Assim os objetivos específicos são:

1. Entender o papel da praça como espaço público na cidade;
2. Identificar o significado das mudanças ao longo de tempo na percepção dos frequentadores;
3. Verificar na atualidade, indicadores de hospitalidade, no contexto das mudanças efetuadas.

Logo, a questão norteadora pode assim ser formulada: qual o significado das intervenções nos espaços públicos e, em especial as praças, que evidenciam a mobilização dos frequentadores, moradores e visitantes? Em desdobramento, pode esse fato significar maior sentimento de identidade e pertencimento e em consequência, cidadania? Se sim, por meio de que tipo de indicadores?

Definidas as questões norteadoras da pesquisa, trabalhou-se com as seguintes proposições: i) o envolvimento das sociedades civil, pública e privada pode facilitar o processo de ressignificação de espaços públicos e de uso coletivo; e ii) a revitalização de espaços urbanos pode resultar no aumento da ocupação pública e estimular o vínculo ou esgarçamento das relações com o Outro.

O critério para a escolha dos espaços, não teve o intuito comparativo. A Praça Roosevelt e a Praça do Coco foram escolhidas por terem passado por reformas ao

longo da sua história e por representarem espaços públicos, cada um à sua maneira, fortemente vinculados às histórias do seu entorno. A Praça Roosevelt tem sua história urbana intrinsicamente ligada às transformações do próprio centro da cidade de São Paulo e possui um histórico importante de mobilização da população e dos frequentadores, quanto às propostas de revitalização ou de reformas. A Praça do Coco tem uma trajetória singular dentro do distrito Barão Geraldo e também conheceu importantes ações de reformas e revitalizações que mobilizaram grandemente os frequentadores e seu entorno, tornando o espaço num importante “lugar de hospitalidade”, no sentido de Baptista (2002).

Desta forma, a pesquisa se caracteriza como exploratória, organizada numa primeira etapa, pelo levantamento documental sobre as praças e as diferentes intervenções; na segunda etapa, pela busca e seleção de informações na mídia, no sentido de acompanhar as discussões e impressões; e na terceira, com a aplicação de um questionário para estabelecer o perfil dos frequentadores, acompanhada de pesquisas *in loco*, como se esclarecerá mais adiante.

Cabe destacar que o trabalho foi realizado com a colaboração de algumas pessoas que forneceram informações pertinentes sobre o assunto. Para a contextualização da Praça do Coco, foi realizada uma entrevista com o Sr. Vagner dos Santos, proprietário do quiosque Praça do Coco, fundamental para se compreender a sucessão dos fatos do processo de revitalização deste espaço. Também, foram realizadas conversas informais com frequentadores e observações direta, sendo todo o material registrado em anotações e fotografias. Já para o desenvolvimento da contextualização da Praça Roosevelt, inicialmente, foram realizadas duas entrevistas, a primeira com a Sra. Terezinha, moradora de um edifício localizado em frente à Praça Roosevelt e com a equipe da São Paulo Obras (SP Obras), que participou direta e indiretamente da última etapa de revitalização da praça. Estas duas entrevistas foram importantes para entender o panorama das reformas realizadas e os conflitos locais entre frequentadores e moradores.

Estas entrevistas e anotações foram fundamentais para se compreender o cenário de cada praça. Foi feita também uma entrevista com o Sr. Lauro Moreira, que foi Cônsul-Geral em Barcelona de 1990 a 1994. Este contato foi muito significativo para a compreensão do tema “hospitalidade e cidade” e a definição dos objetos de estudo desta Dissertação.

A Dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro apresenta o referencial bibliográfico que embasa as questões abordadas ao longo do texto. Procurou-se promover o diálogo entre autores que discutem hospitalidade, como Camargo (2004 e 2015), hospitalidade urbana, como Grinover (2006, 2007, 2013 e 2016), Bell (2007), Lashley (2004 e 2015) e Severini (2014). Neste capítulo, vale destacar a discussão sobre os contrapontos da hospitalidade e a hostilidade. Isto porque, considera-se importante a visão de Camargo (2015) sobre a hospitalidade como um ato humano que se realiza nos interstícios de uma sociedade permeada pela inospitalidade, hostilidade e segregação. Também foi elaborado um levantamento histórico do desenvolvimento das cidades na história da humanidade, dando destaque para o papel das praças na sociedade.

No segundo capítulo foi realizada a contextualização dos objetos de estudo selecionados, dando ênfase aos principais fatos que perpassaram suas histórias e os respectivos processos de revitalização. O objetivo foi mostrar as mudanças no perfil dos frequentadores ao longo do processo. Considerou-se também importante mencionar a discussão sobre cidade criativa, um conceito pleno de aspectos que se aproximam do conceito de hospitalidade, como sentimento de pertencimento, identidade e sociabilidade.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta os resultados o *survey* aplicado a moradores e frequentadores da Praça Roosevelt (105 respondentes) e Praça do Coco (101 respondentes), com o intuito de perceber o perfil dos frequentadores, assim como suas motivações e percepções sobre as mudanças e intervenções nas praças. Esperava-se assim, além de definir o perfil das pessoas, poder estabelecer um contraponto entre esses resultados e as entrevistas realizadas e a análise dos artigos dos jornais. Para tanto, ainda no terceiro capítulo, procurou-se realizar uma análise de conteúdo utilizando como *corpus*, não apenas as respostas às perguntas do *survey*, como as entrevistas e o conteúdo dos artigos de jornais.

CAPÍTULO 1 – A HOSPITALIDADE, A CIDADE E A PRAÇA

Este capítulo introdutório apresenta o conceito de hospitalidade e suas diferentes categorias de estudo do vínculo social. Discute-se ainda, o papel dessas relações no processo de formação das cidades e como as praças ao longo da história da humanidade assumem o papel de palco de grandes manifestações sociais. Por fim, foi realizada uma discussão que se considerou pertinente, sobre o conceito de Cidade Criativa e como esta proposta tem se manifestado nas cidades.

1.1 O desvelar da hospitalidade

Entender as relações de hospitalidade implica primeiro entender a etimologia da palavra. Segundo Grassi (2012), *hospitalitas* tem sua origem no substantivo latino *hospitalis*, derivado de *hospes* no sentido daquele que recebe o outro”, ou seja, hospedeiro, anfitrião. Contudo, ao trazer as referências históricas da prática da hospitalidade, Grassi (2012) revela que a palavra *hospes* era utilizada também para os hóspedes. Logo, temos em *hospes* a designação para aquele que recebe o outro e aquele que é recebido pelo outro. A autora ainda destaca que tanto a palavra *hospes* quanto a palavra *hostis* que significa estrangeiro, inimigo - derivam do mesmo verbo *hostire*, “tratar de igual para igual”, “compensar” e “retribuir”. Por esta razão, a hospitalidade é um gesto de compensação, de igualização, de proteção num mundo em que o estrangeiro originalmente não tem lugar (Grassi, 2012, p. 45).

É importante também buscar a origem etimológica da palavra estrangeiro, que se encontra na palavra grega *xenos*, que significa, ao mesmo tempo, hóspede e estrangeiro. Já em latim *extraneus* é também estrangeiro e coisa estranha. A autora explica que o conceito de ser estrangeiro responde a quatro critérios: ser desconhecido, vir de fora, estar de passagem e não ser conforme os hábitos do lugar (Grassi, 2012, p. 55, 56). Esta aproximação etimológica observada entre as palavras hóspede e estrangeiro expõe a ambiguidade que circunda as relações de hospitalidade, uma vez que hóspede é, em sua essência, estranho e outro, o que remete à noção de alteridade¹. Ou seja, a relação do eu com o outro, o estranho, pode

¹ Relação de interação e dependência de um ser humano com o outro. O “eu” só pode existir através de um contato com o “outro”. Valorização das diferenças existentes.

ser tanto de hospitalidade quanto de hostilidade, provocando o vínculo social ou desfazendo-o.

Este entendimento do vínculo social tem como base o princípio da dádiva de Mauss (1974). Lanna (2000) explicita que a tese principal do Ensaio sobre a Dádiva se resume no entendimento da constituição da vida social por um constante dar-e-receber, num conjunto de prestações e contraprestações que sedimentam a vida social, pressupondo continuidade. Isto se dá porque, nas palavras de Lanna (2000, p. 176), “ao receber alguém, estou me fazendo anfitrião, mas também crio, teórica e conceitualmente, a possibilidade de vir a ser hóspede deste que hoje é meu hóspede, mas amanhã pode ser meu anfitrião. A mesma troca que me faz anfitrião me faz também um hóspede potencial”.

Lanna (2000) ainda destaca que a etnografia da troca deu um novo sentido ao que é conhecido por etiquetas sociais e explica a importância da prática da empatia durante a cena de hospitalidade. Pois, para dar algo adequadamente a alguém, é necessário antes se colocar um pouco no lugar do outro, a fim de compreender como este, ao receber algo do anfitrião se sente. Assim, vê-se novamente a constante relação de alteridade. Diante disso, Camargo (2004) acrescenta quais são as leis não escritas da hospitalidade.

1. A hospitalidade começa com uma dádiva;
2. A dádiva implica sacrifício;
3. Toda dádiva traz implícito algum interesse;
4. O dom (dádiva) deve ser recebido, aceito;
5. Receber implica aceitar uma situação de inferioridade diante do doador;
6. Quem recebe, deve retribuir.

Estas podem ser observadas nas relações de troca e permitem entender que a hospitalidade implica em um elo assimétrico entre o anfitrião e o hóspede (quem recebe está em situação subalterna em relação a quem oferece a dádiva). Cabe destacar a importante contribuição de Sigaud (1999) ao afirmar que há um intervalo entre a dádiva e sua retribuição. Nota-se a dimensão de incerteza que cerca as transações, ou seja, a reciprocidade pode acontecer a qualquer momento, associada ou não a outros fatores de trocas. O que converge com Caillé (2002), quando ele afirma que a dádiva implica no laço social, que ocorre, contudo, sem a obrigatoriedade ou garantia de retribuição.

Logo, pode-se considerar que a hospitalidade pode ser compreendida como um sistema em rede na sociedade moderna. A tríplice relação dar, receber e retribuir não necessariamente precisa ocorrer entre as mesmas pessoas; ou seja, aquele que doou pode receber a dádiva de outro indivíduo, pois a retribuição pode ser usufruída pelo grupo ou sociedade, mantendo assim a relação de continuidade. Afinal, nas palavras de Severini (2014, p. 94):

A fim de estabelecer o vínculo social, busca-se “dar” algo, que pode ser um presente, um serviço ou a própria hospitalidade. Essa “doação” é que caracteriza todo o processo, pois quem recebe terá que retribuir um dia, criando um ciclo sem fim. Mas a retribuição na dádiva não é o objetivo final. Você dá para que o outro também dê.

Lanna (2000) ainda ressalta que este ciclo universal aparece como uma obrigação, mas se organiza de modo particular em cada caso. É por esta razão que Mauss (1974) salienta a importância de se compreender como as trocas são praticadas nos diferentes tempos e lugares. Salles, Bueno e Bastos (2010) corroboram com esta ideia ao lembrarem que a hospitalidade é uma prática social que ocorre em diferentes dimensões da sociedade e que, por consequência, assume diferentes modalidades. Portanto, é igualmente importante reconhecê-las como fundamentais para compreender as especificidades dessas dimensões. Daí a necessidade de se entender os tempos e domínio da hospitalidade que Camargo (2004) e Lashley (2004) definem como pode ser visto no Quadro 1.

Tempos da hospitalidade

Receber: ato de acolher pessoas que batem à porta, seja em casa, na cidade, no hotel ou virtualmente.

Hospedar: o calor dedicado a alguém, sob forma de oferta de um teto ou ao menos de afeto, de segurança, ainda que por alguns momentos.

Alimentar: refere-se à oferta do alimento que delimita e concretiza o ato da hospitalidade, ainda que seja simbólico.

Entreter: entendido como o ato de proporcionar momentos agradáveis e marcantes do momento vivido (festas familiares, equipamentos urbanos de lazer e/ou jogos virtuais).

Domínios (contextos) da hospitalidade

O **domínio doméstico** considera todas as relações que ocorrem dentro de uma casa, considerado o mais antigo contexto de hospitalidade.

Já as relações associadas à alguma atividade econômica de hospitalidade, seja de restauração ou em um empreendimento hoteleiro, em que o serviço é prestado em troca de dinheiro, podem ser consideradas como o **domínio comercial**

Domínio social ou público no qual são considerados os contextos sociais e urbanos em que a hospitalidade e seus atos se desenrolam

Fonte: Adaptado de CAMARGO (2004, p. 52 – 53) e Lashley e Morison (2004), 2017

Camargo (2015) aprofunda sua análise ao explicar que a hospitalidade, no contexto comercial, doméstico ou público, se desenrola nos interstícios de um cotidiano marcado pela ausência de hospitalidade ou até mesmo pela hostilidade, quando assim se consolida o oposto do vínculo social. Logo, da mesma forma que as manifestações de hospitalidade podem ser compreendidas a partir da tríplice relação dar, receber e retribuir, a hostilidade é um ritual desencadeado por impedir, recusar e privar. O autor explica que a hospitalidade entendida como virtude, remete a ações de solidariedade, amor, altruísmo e outros. Por isso, Camargo (2015) aponta a versão de Telfer (2004) sobre virtude, como algo que exige vontade para corrigir

comportamentos indesejáveis, ou que falta. Logo, designar a hospitalidade como virtude é considerar que o panorama social é marcado pela sua ausência (Camargo, 2015, p. 51).

Welten (2015) reforça a ideia dos interstícios de hospitalidade quando traz à tona a realidade da sociedade pós-moderna que não valoriza mais o bem comum, mas que promove a exclusão do outro. O autor discute como a globalização impactou negativamente nas relações entre as pessoas, agravando a hostilidade, principalmente em razão do aumento do fluxo migratório. Para isso cita Bauman (1993), pois este explica que em um mundo sem fronteiras, as relações tradicionais de hóspede/anfitrião não se adéquam bem, haja vista que nas cidades contemporâneas vive-se entre estrangeiros e estranhos a todo momento. Esta realidade traz um desafio às habilidades humanas, principalmente de cidadania, uma vez que, há sempre a possibilidade do outro abusar da hospitalidade e ser hostil.

*The other upsets the balance: disturbs the order of alike phenomena I impose on the world to understand it. A stranger receives my open-armed welcome only if and when he distance himself from his strangeness and transformes into what I think he should be.*² (Welten, 2015, p. 12)

Nesta passagem, nota-se a dificuldade atual de se aceitar o estranho. Essa ausência da prática de alteridade acarreta na perda da habilidade básica das pessoas em interagir, acentuando o individualismo da sociedade. Welten (2015) ressalta que a prática da hospitalidade para com aqueles que são conhecidos, familiares e amigos não é necessária, porque já existe um vínculo humano, sentimentos de amor, amizade e carinho. Para o autor, a hospitalidade expõe à sociedade contemporânea que ela é muito maior do que os círculos afetivos conhecidos, que se faz necessário romper a zona de conforto e praticar a hospitalidade com o outro, o estranho. Pois estes não esperam nada além do respeito, bondade, acomodação e uma refeição. Por isso, a necessidade de se pensar em espaços que promovam a interação entre pessoas, com o outro que não é entendido.

Nota-se assim a responsabilidade atribuída à configuração das cidades e suas respectivas comunidades em se tratando das relações entre os habitantes e visitantes. Por isso, faz-se necessário ter uma análise crítica das relações de

² “O outro perturba o equilíbrio: perturba a ordem de fenômenos iguais que eu imponho ao mundo para compreendê-lo. Um estranho recebe minha acolhida de braços abertos somente se e quando ele se distanciar de sua estranheza e se transformar no que eu penso que deveria ser.” (Tradução livre)

hospitalidade e hostilidade no âmbito urbano, assim como fazem Chávez e Van der Rest (2014) que utilizam a metáfora da Ágora e da Fortaleza de Weber (1922), para mostrar que uma sociedade pode ser acolhedora e inclusiva ao mesmo tempo em que é excludente e opressora como as muralhas das cidades medievais.

Esses autores retomam o papel da Ágora na formação das cidades gregas, cuja principal função era promover encontros para discussões políticas, sociais, trocas culturais e comerciais. Sob a óptica da hospitalidade, a Ágora representa um aspecto da vida de uma cidade que pode ser equiparado a uma atitude hospitaleira em relação ao novo e ao estranho, à abertura ao outro e a troca democrática de ideias (Chávez e Van der Rest, 2014, p. 34). Cientes das diferenças da Ágora grega, os autores afirmam que utilizam esta metáfora para explicar a qualidade da hospitalidade, que identifica e recebe o estranho, aceitando e integrando as diferenças.

Já a Fortaleza, em referência às muralhas e fortalezas das cidades medievais, é utilizada como metáfora para ilustrar as leis regulatórias das cidades e necessidade de segurança, principalmente para evitar a presença de estranhos/estrangeiros e limitar o comportamento dos cidadãos. Enquanto a Ágora simboliza a liberdade, algo muito valorizado pelos gregos, a Fortaleza representa o seu oposto, controlando a entrada de visitantes ou imigrantes, com exigência de vistos, por exemplo, ou limitando o contato entre as pessoas.

Assim, Chávez e Van der Rest (2014) elencam as diferentes formas que a Fortaleza pode ser identificada em uma cidade; são elas: muros residenciais, policiamento privativo e até mesmo o planejamento urbano que pode ser segregador. Os autores complementam explicando que essa metáfora pode simbolizar inclusive a ausência de hospitalidade, a inospitalidade nas relações com os seus visitantes.

No city can be completely closed to the Other, as it cannot be completely open to it. It is the very interplay of these two hospitality aspects that the life of cities takes places³. (Chávez e Van der Rest, 2014, p. 35).

1.2 A hospitalidade urbana

Ao perceber essa capacidade natural de atratividade (das cidades), alguns gestores públicos perceberam que **uma cidade boa para se viver também é uma cidade boa para se visitar. E não o contrário.** Ou seja, a preocupação passa a ser em primeiro lugar com o anfitrião –

³ “Nenhuma cidade pode ser completamente fechada para o Outro, uma vez que não pode ser completamente aberta a ele. É a própria interação desses dois aspectos da hospitalidade que a vida das cidades toma lugar.” (Tradução livre)

o ser que recebe - e em segundo lugar com o hóspede, ou como o turista – aquele que é recebido. Como consequência dessa percepção uma série de planos urbanos de longo prazo vêm sendo realizados desde o início do século XXI com a preocupação de inserir temas relacionados à qualidade de vida e ao bem-estar nas agendas das cidades brasileiras e estrangeiras (Severini, 2014, p.87, grifo próprio).

Há duas linhas de estudo no Brasil para compreender a dinâmica da hospitalidade urbana: pela ótica do urbanismo e pelo sistema da dádiva. De acordo com Grinover (2007), uma cidade é hospitaleira a partir da coexistência de três características fundamentais: identidade, legibilidade e acessibilidade. Posteriormente, em 2013, o mesmo autor acrescentou mais três características: qualidade de vida, urbanidade e cidadania. Mas o que significam estas categorias e o que elas representam para que a cidade seja acolhedora?

De acordo com o Grinover (2007), por acessibilidade entende-se o direito de acesso igualitário às oportunidades tangíveis por todos os cidadãos, como mobilidade urbana, serviços básicos como água, saneamento, educação, saúde e trabalho; há também as oportunidades intangíveis, tais como cultura, lazer e informação. Exemplificando a acessibilidade, o Parque Ibirapuera em São Paulo é um equipamento de lazer público que todos podem acessar livremente; o carnaval de rua do Rio de Janeiro é uma oportunidade cultural e de lazer público; e a disponibilidade de metrô, ônibus, veículo leve sobre trilhos (VLT) encontrados na cidade do Rio de Janeiro ou até mesmo estradas intermunicipais de boa qualidade como as do Estado de São Paulo são diferentes tipos de acesso a transporte público. Estes serviços são a essência de uma cidade, pois estimulam o convívio entre os habitantes, proporcionam interação social e, nas palavras do autor, “definem o espaço urbano como público, acessível, lugar das diferenças, da heterogeneidade” (GRINOVER, 2007, 140). A categoria de acessibilidade está diretamente relacionada com a de qualidade de vida, pois segundo Grinover (2013), o acesso a serviços públicos indicam o grau de satisfação e são referências para que os gestores públicos promovam inclusão social e aprimoramento da qualidade de vida dos moradores.

Por legibilidade pode-se entender como a qualidade visual da cidade, a imagem mental, ou seja, uma cidade legível é aquela que pode ser reconhecida e organizada de forma coerente. De acordo com Lynch (1997), a possibilidade de se identificar facilmente marcos ou caminhos de uma cidade também lhe confere o status de cidade legível. Para facilitar a compressão desta categoria, tem-se, como exemplos de

marcos que possibilitam reconhecer imediatamente onde estão localizados, o edifício do Museu MASP em São Paulo, a catedral de Brasília, o Morro do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, o Pelourinho em Salvador.

Seguindo as categorias de Grinover (2007), aqui cabe ressaltar que a identidade talvez seja a categoria mais importante a ser trabalhada, uma vez que está diretamente ligada ao estímulo do sentimento de pertencimento dos moradores para com sua cidade.

O pertencimento é vital: 'despertencidos' e desapropriados de nossas raízes perambulamos por nossas cidades, sem mitos fortes que nos amarrem, nossas heranças se perderam e não temos o que colocar no lugar; somos seres desagregados e sem coesão. No entanto, o desejo de pertencer a uma cidade, a um grupo, a um espaço ou a uma 'tribo' tem impulsionado movimentos sociais e ações culturais. (GRINOVER 2006, 35)

Nas palavras do autor, por identidade entende-se “algo vivo, sempre em uso, necessário e amado, lugares de confluências das memórias passadas e, sobretudo, das memórias futuras” (Grinover, 2007, p. 150). Logo, a identidade é a memória coletiva que pode ser compreendida como um conjunto de valores, de histórias, de hábitos e costumes que fazem com que o morador ou turista sinta que pertence àquele espaço. É possível ainda resgatar esta identidade por meio da restauração de espaços públicos promovendo a regeneração urbana. Para explicar como a cidadania se expressa na hospitalidade urbana, Grinover (2016) procura referências históricas e conclui que ser cidadão é ter direito de ir e vir, à vida, à liberdade, é poder participar das decisões do município. Cidadania é poder exercer seus direitos civis. Cidades que são marcadas pela desigualdade social, excludentes e hostis, são aquelas que impedem a cidadania plena.

Por fim, a urbanidade pode ser considerada em linhas gerais como o agrupamento de todas as características previamente destacadas, uma vez que “urbanidade se refere a como os espaços da cidade acolhem as pessoas (...) É o conjunto de qualidades boas e más que distinguem a cidade” (GRINOVER, 2016, p. 107). A urbanidade também pode ser associada à cortesia e civilidade das pessoas; aquele que é educado e cortês é um indivíduo dotado de urbanidade. Estas categorias estabelecidas por Grinover estão intrinsecamente relacionadas com a ideia de Raffestin (1997) sobre cidade hospitaleira. Este autor afirma que numa cidade ou rua acolhedora, as expressões da linguagem transmitem a ideia e a capacidade dos espaços em produzir sociabilidade entre anfitrião e hóspedes no espaço.

Partindo para linha de estudo da hospitalidade urbana sob a ótica do sistema da dádiva no contexto urbano, Camargo (2008, p.22) novamente contribui ao dizer que “o investimento estético de qualquer natureza em ruas, as praças, os monumentos e a sua infraestrutura de recepção e circulação, é uma manifestação regida pelo sistema da dádiva. A cidade se faz mais bonita e exibe sua beleza como dádiva aos que nela moram e aos que a visitam. Hospitalidade é um processo que envolve pessoas e espaços. A cidade se torna um espaço hospitaleiro para o ver e ser visto das pessoas”.

A partir deste ponto, pode-se trazer a tese de Severini (2014) sobre como o sistema da dádiva se manifesta na hospitalidade em uma cidade. Segundo a autora, a definição dos agentes da hospitalidade urbana não é muito clara devido à sua complexidade, pois é necessário refletir sobre o papel do hóspede urbano que pode ser tanto os moradores, turistas ou até mesmo imigrantes. Isto porque, todos que vivem a experiência da cidade se tornam turistas nela, pois um morador que se desloca para outro bairro a fim de conhecer um novo restaurante, museu ou história é um turista dentro da sua própria cidade. Severini (2014) ainda destaca que muitas vezes esta relação entre moradores e turistas é difícil de ser percebida no caso da hospitalidade urbana, uma vez que não é possível identificar a diferença entre as pessoas nos espaços. O que está de acordo com Allis (2012, p. 235) quando o autor aponta: “Não se trata de afirmar que morador seja turista, ou vice-versa, mas parece razoável tratar turistas e moradores como sujeitos da mesma atividade, convivendo em suas experiências urbanas e compartilhando espaços e serviços urbanos”.

De acordo com Severini (2014), a hospitalidade urbana se desenrola em diferentes tipos de espaço, sejam eles públicos ou privados, tais como cafés, restaurantes, lojas, lobbies dos hotéis, igrejas, bibliotecas, livrarias, cinemas, teatros, parques e museus. Logo, são espaços coletivos que permitem ao hóspede urbano acesso livre e/ou controlado. Mas, se o morador também é considerado como hóspede, quem assume o papel de anfitrião nesta relação? Segundo a autora, o gestor público, seja ele o prefeito ou o secretário de planejamento. E mais, o sistema da dádiva se manifesta na hospitalidade urbana de uma forma distinta quando comparada à hospitalidade em outros contextos. Isto porque se trata de uma relação imensurável, quem recebe estará sempre em débito com o seu doador. Sobretudo, porque não se trata de uma relação, cujo vínculo é necessariamente social, que ocorre

entre dois indivíduos; na hospitalidade urbana o sistema da dádiva se manifesta entre o hóspede urbano para com a sua cidade.

Severini (2014) explica que o gestor público no papel de anfitrião presenteia o hóspede urbano com ruas sinalizadas, iluminação, segurança, equipamentos de lazer etc. Logo, o valor do presente pode custar milhões ao doador. Por esta razão, trata-se de uma relação assimétrica, pois se na dádiva a retribuição é normalmente realizada por meio de significados equivalentes, na hospitalidade urbana isto não é possível. O gestor público, neste caso, é quem detém o poder colocando assim o hóspede urbano na condição permanente de dívida. Contudo, vale ressaltar aqui que a autora explica que esta dívida é com a cidade, o que garante o vínculo permanente nesta relação. E como ocorre a retribuição? A tese defendida por Severini (2014) é que o morador retribui com ações de cidadania e civilidade, zelando pelos espaços, pagando impostos e taxas. Já o turista, de certa forma, retribui com a receita gerada através do turismo.

Assim, percebe-se como a hospitalidade urbana pode ser entendida como um fato social total (MAUSS, 1974). Isto porque há: uma implicação social na doação do gestor público ao hóspede urbano com a oferta de benfeitorias e o estímulo que estas podem provocar na identidade e pertencimento do morador para com a cidade; uma implicação econômica na retribuição do hóspede urbano com as ações de civilidade já mencionadas e do turista ao visitar a cidade; e uma implicação política, pois envolve todos aqueles que vivem a cidade, desde moradores e gestores a turistas.

Há uma visão diferente sobre a dinâmica da hospitalidade urbana quando se busca por referências internacionais. Bell (2007) procura compreender a hospitalidade urbana sob a ótica da influência de espaços comerciais e da comensalidade no bairro. O capítulo *Hospitality and Urban Regeneration*, publicado em 2007 no livro *Hospitality: social lens*, faz uma análise da ressignificação de determinados bairros nas cidades de Manchester, na Inglaterra, e de Auckland, na Nova Zelândia, em função de espaços comerciais como cafés e restaurantes. Neste caso, Bell (2007) enxerga este fenômeno como a nova hospitalidade urbana com forte influência da hospitabilidade⁴.

⁴ Telfer (2000) apresenta as qualidades que podem ser observadas em uma pessoa hospitaleira. São elas: i) O interesse, a compaixão ou o desejo de agradar os outros; ii) O desejo de suprir as necessidades dos outros; iii) O desejo de receber amigos ou ajudar os que estão em dificuldade; iv) O desejo de ter companhia ou de fazer amigos; e v) O desejo de receber por prazer, de entreter os outros. O conceito de hospitabilidade implica em identificarmos as características de uma pessoa hospitaleira. Pode ser entendida, entre outras, como forma pela qual um indivíduo pode escolher exercer virtudes gerais, tais como benevolência, zelo pelo bem-estar público, compaixão, objetividade etc. Nas palavras

Considerou-se importante neste trabalho, a exposição de outros autores que estudam a hospitalidade na perspectiva da cidade, como Latham (2003), principal referência de Bell para o capítulo. Latham (2003) e Bell (2007) concordam que espaços comerciais tais como bares, restaurantes e cafés acolhedores, criativos, nos quais a equipe está engajada na prática da hospitabilidade, não podem ser considerados locais de hospitalidade, porque neles ocorrem apenas trocas comerciais. Na realidade, esses espaços podem estimular o convívio entre as pessoas, a comensalidade, o senso de coletivo e a solidariedade, gerando maior sentimento de pertencimento.

É interessante perceber como esta perspectiva de Bell (2007) e Latham (2003), num primeiro momento, podem parecer distantes dos conceitos de hospitalidade urbana sob a ótica do urbanismo ou da manifestação da dádiva. Contudo, fazem sentido porque, no papel que espaços comerciais podem ter na ressignificação de espaços públicos e regeneração urbana, percebem-se aspectos de urbanidade, legibilidade, identidade, qualidade de vida e a manifestação da dádiva. Um exemplo disso é o Mirante 9 de Julho, na cidade de São Paulo, que, em função da abertura de um centro cultural com ampla programação cultural, deu novos ares à área que antes era considerada um ponto de drogas. O que era um marco abandonado da cidade, hoje é facilmente identificado (legibilidade). Trata-se de um local que: i) teve sua história resgatada, o que estimulou a identificação dos frequentadores com o espaço (identidade); ii) melhorou a qualidade de vida dos moradores próximos do local e, por consequência, dos transeuntes e frequentadores (qualidade de vida); e iii) há a manifestação da dádiva, pois uma das razões dos empresários para investir no local foi promover a ocupação e recuperação de um espaço público para a cidade de São Paulo. Finalmente, há o ponto comum de se tratar de experiências de hospitalidade que transitam nos contextos social, comercial e público, como Camargo (2004) e Lashley (2015) defendem.

Visando contribuir para a compreensão do conceito, o quadro 2 sintetiza as três interpretações de hospitalidade urbana discutidas nesta revisão bibliográfica.

do autor: “Todos tentam ser compassivos, benevolentes e afetuosos, mas nem todos precisam tentar ser hospitaleiros” (LASHLEY, 2004, p. 76).

Quadro 2 Síntese do conceito de hospitalidade urbana.

| Autor | Teses |
|------------------------------------|--|
| Grinover (2006, 2007, 2013 e 2016) | Visão urbanística. A hospitalidade urbana ocorre num conjunto de características, tais como, legibilidade, identidade, acessibilidade, urbanidade, qualidade de vida e cidadania. |
| Ferraz (2013) e Severini (2014) | A manifestação da dádiva na cidade. Os agentes de hospitalidade são os hóspedes urbanos e os gestores públicos. |
| Bell (2007) e Latham (2003) | Nova hospitalidade urbana. Os espaços comerciais criativos e acolhedores podem estimular o convívio entre as pessoas, a comensalidade, o senso de coletivo e a solidariedade, gerando maior sentimento de pertencimento e promovendo a regeneração urbana. |

Fonte: A autora, 2017

1.3 A cidade e a praça

O mais antigo local para encontros de pessoas em uma cidade que se tem registro é a *Ágora* (do grego *ἀγορά*; "assembléia", "lugar de reunião"). Era o centro dinâmico da cidade, local para encontros, convivência, discussão sobre política, leis, sociedade e para se fazer trocas na Grécia Antiga (1.100 a.C. a 146 a.C.). A *Ágora* deu origem ao Fórum Romano e, posteriormente, orientou as praças nas cidades latinas e por toda Europa. Autores como Sitte (1992), Lamas (1993), Lynch (1997) e Caldeira (2007) destacam o papel da *Ágora* e do Fórum Romano no desenvolvimento da concepção de praças nas cidades. Caldeira (2007) reforça que estes eram espaços que representavam o lugar da vida cívica, o centro vital da cidade, e por isso, desde a Antiguidade, as praças exercem o papel de protagonistas no desenvolvimento das cidades ou palco de grandes acontecimentos. No quadro 3 estão indicadas algumas praças que tiveram papel importante na História, como sede de eventos significativos em diferentes épocas.

Quadro 3 Praças que foram ou são sede de eventos significativos em diferentes épocas.

| Cidade | Praça | Relevância |
|---|---|---|
| Idade Antiga (4.000 a.C a 476 d.C) | | |
| Atenas, Grécia | Ágora | Sócrates discutia sobre filosofia e política com os cidadãos gregos |
| Roma, Império Romano | Fórum Romano | Centro do poder romano, as questões políticas, econômicas, religiosas e administrativas eram resolvidas ali. Cremação do Imperador J. César |
| Idade Média (Século V a XV) | | |
| Siena, Itália | Piazza Del Campo | Praça principal da cidade de Siena, data do século XIII, e abarca prédios públicos |
| Cracóvia, Polônia | Praça do Mercado (Rynek Główny) | Maior praça medieval da Europa |
| Idade Moderna (Século XVI a XVIII) | | |
| Salvador, Brasil | Praça da Parada (Atualmente Praça Tomé de Sousa ou Municipal) | Primeira praça do Brasil |
| Vaticano* | Praça São Pedro | Missas Pontifícias |
| Paris, França | Praça da Bastilha | Queda da Bastilha, palco do evento central para a Revolução Francesa |
| Ouro Preto, Brasil | Morro de Santa Quitéria (Atualmente Praça Tiradentes) | Praça foi erguida onde a cabeça de Tiradentes foi exposta em 1792 |
| Idade Contemporânea (Século XIX a XXI) | | |
| Rio de Janeiro, Brasil | Largo do Paço (Atualmente Praça XV) | Dia do Fico e Abolição da Escravatura |
| São Petersburgo, Rússia | Praça do Palácio | Reunião dos bolcheviques na Revolução Russa |
| Pequim, China | Praça da Paz Celestial | Protestos contra as reformas na China |
| Cairo, Egito | Praça Tahrir | Protestos da Primavera Árabe |
| São Paulo, Brasil | Praça Roosevelt | Manifestações culturais e políticas na cidade |
| Campinas, Brasil | Praça do Coco | Eventos culturais e sociais no Distrito de Barão Geraldo |

Fonte: Adaptado de Schwarcz e Starling (2015) e BBC Brasil (2015), 2017

A praça medieval, assim como a *Ágora*, também representava espaço de sociabilidade. Sitte (1992) explica que as praças eram motivo de orgulho e alegria, onde eram organizadas as festas públicas, eventos, feiras, cerimônias oficiais, trocas e anúncio de leis. A Idade Média foi marcada pelo surgimento de um novo sujeito social, o comerciante. Franco Junior (2001) destaca que o comércio não era monetizado; as trocas eram realizadas por escambo dentro e fora dos feudos. O comércio passou a se desenvolver a partir do excedente de produção que, na impossibilidade de ser estocado precisava ser escoado; daí o surgimento das rotas comerciais e feiras, como a de Saint Denis (subúrbio de Paris) que, em sua maioria, aconteciam nas praças. O autor prossegue explicando que foram essas feiras que estimularam a formação da nova classe mercantil que deu origem à burguesia.

Benévolo (1993) explica que as cidades eram pequenas e não comportavam esses novos habitantes; por isso, foram se formando novos cinturões do lado de fora das muralhas e das portas dos feudos; eram os chamados burgos, onde a burguesia foi se instalar. O autor destaca que, esses burgos se transformaram posteriormente em cidades como Estrasburgo, Hamburgo, Salzburgo e outras.

A cidade da Idade Média é um espaço fechado. A muralha a define. Penetra-se nela por portas e nela se caminha por ruas infernais que, felizmente, desembocam em praças paradisíacas. Ela é guarnecida de torres: torres de igrejas, das casas dos ricos e da muralha que a cerca. Lugar de cobiça, a cidade aspira à segurança. Seus habitantes fecham suas casas à chave, cuidadosamente, e o roubo é severamente reprimido. A cidade, bela e rica, é também fonte de idealização: de uma convivência harmoniosa entre as classes. (Le Goff, 1998, p. 71)

Nesta passagem de Le Goff (1998), observam-se sinais de mudanças nas funções culturais e sociais das cidades, que até então, viviam sob o controle opressor da Igreja. Cultura e informação ganharam mais espaço na sociedade, sobretudo após a criação das primeiras Universidades do mundo, que datam desta época (século XIII); das feiras internacionais, que estimularam o aumento no fluxo de viajantes; e das trocas culturais entre territórios do Ocidente e Oriente.

Nesse contexto, as praças são o lugar por excelência do encontro, da sociabilidade e da hospitalidade. Até então, aqueles que vinham de fora das cidades eram acolhidos nos hospitais, albergues públicos e casas, ou seja, a hospitalidade acontecia nos domínios públicos e domésticos. A expansão do comércio trouxe consigo a necessidade de se criar novos espaços para acolher os viajantes, desta

vez, havendo a troca comercial. Esta concepção é confirmada por Camargo (2011) em:

Quando surgem na civilização as rotas comerciais, os centros de peregrinação e os primeiros viajantes, nasce o conceito de hospitalidade paga, mais ou menos similar em todas as partes. [...] Até então, a hospitalidade desejada e socialmente valorizada era a doméstica. Contudo, desde o início da Modernidade, esta vem tendo seu prestígio abalado, substituído pela hospitalidade urbana e comercial. (Camargo, 2011, p. 19)

Quando os turcos conquistaram Constantinopla em 1453, abriu-se um caminho para mudanças culturais e econômicas na Europa. Era o início do Período Renascentista, também conhecido como Idade Moderna, que durou até 1789. O símbolo desses três séculos foi a liberdade cultural. De acordo com Benévolo (1993), a evolução urbana foi uniforme neste período; as cidades eram compostas, majoritariamente pela praça principal, a Igreja, o paço municipal, as casas dos mercadores e dos colonos mais ricos. Caldeira (2007) completa explicando que no Renascimento cresce a preocupação com arquitetura das cidades e, como consequência, o ambiente urbano passa a ser um objeto de estudo.

Schwarcz e Starling (2015) explicam que no período Renascentista e, mais especificamente entre 1450 e 1500, ocorrem as grandes expedições marítimas em busca de novas terras e riquezas fora da Europa. Surgem novas cidades nas Américas: no Brasil, Salvador em 1549, São Paulo em 1554 e Rio de Janeiro em 1565; nos Estados Unidos, Saint Augustine, em 1565. Além disso, vale ressaltar a relevância do papel das praças em algumas cidades entre os séculos XVI e XVIII, conforme exposto no quadro 3.

No século XIX, a Europa também vivenciou a derrubada das muralhas de suas cidades onde não havia ameaça militar. Era a solução para os problemas de controle das epidemias e de densidade demográfica. As cidades de Paris e Barcelona, por exemplo, representaram um marco no urbanismo. No ano de 1853, em Paris, o Barão de Haussmann mudou o projeto arquitetônico da cidade, transformando-a no modelo conhecido até hoje. Em 1860, na cidade de Barcelona, o projeto do Eixample (alargamento) de Cerdà foi executado com suas características marcantes da *art*

nouveau catalã e forte influência de Antoni Gaudí. Esta foi a primeira grande intervenção urbana que promoveu mudanças significativas na capital da Catalunha.

A queda das muralhas solucionou alguns dos problemas sociais nas cidades,



Figura 1 Boulevard Henri IV, em Paris: a) perspectiva antes (1862); e b) depois (2016) das intervenções do Barão Haussmann.

Fonte: Fotografia de Charles Marville, Revista Zum. Consultado em: 03/04/2017.

mas foi sobretudo uma força catalisadora para o desenvolvimento das relações das pessoas entre si e para com os espaços urbanos. A valorização dos espaços públicos, das praças e passeios fez com que a população urbana passasse a enxergar estes locais como ambiente de lazer, além de ter estimulado a noção de exploração do turismo para fins econômicos. Novamente, Camargo (2012, p. 18) corrobora com esta visão:

No século XIX, pode-se perceber nitidamente o resultado da evolução da cidade medieval em cidade contemporânea. Examinando-se pela ótica da hospitalidade, vê-se uma transformação radical. Em vez de encerradas em muralhas, as cidades abrem-se com suas ruas e áreas livres a moradores locais e visitantes. Passear pela cidade bem vestido com a família torna-se símbolo da inserção na sociedade, o distintivo do cidadão. O indivíduo é anfitrião em sua casa, mas hóspede de todos os locais para os quais se dirige em sua e em outras cidades que visita. Mais: além de aberta aos visitantes, as cidades passam a estimular a visitação.

Por outro lado, Segawa (1996) e Caldeira (2007) discordam desta noção de valorização dos espaços urbanos a partir do final do século XVIII. Isto porque, a

Revolução Industrial intensificou a desigualdade entre as classes sociais, os ricos aumentaram seus bens e os pobres ficaram mais miseráveis. Além disso, aumentou-se o trabalho infantil e das mulheres, reduziu-se ainda mais a remuneração, o desemprego aumentou (substituição do homem por máquina), as moradias eram insalubres e houve a piora da saúde pública. Diante deste cenário, Segawa (1996) e Caldeira (2007) explicam que ocorreu desequilíbrio entre a esfera pública e privada e com isso o sentido de vida pública foi se alterando. As ruas e as praças deixaram de ser sinônimo de espaço público e novos locais privados com foco na sociabilidade se tornaram uma alternativa para o lazer da burguesia, tais como teatros, boulevares, cafés e bares. Contudo, Sennet (1988) acrescenta que rapidamente estes locais, assim como os parques, foram também ocupados pelas classes trabalhadoras.

Paralelamente ao desenvolvimento europeu, as historiadoras Schwarcz e Starling (2015) contam que no Brasil também ocorreram mudanças significativas no século XIX. Em 1822 foi declarada a independência, em 1867 a cidade de Belo Horizonte foi fundada e ao final do século, em 1888, foi abolida a escravidão. Em se tratando de um país jovem com forte influência da sociedade portuguesa, mesmo após a conquista da sua independência, os avanços europeus e americanos eram vistos nas cidades brasileiras. Por exemplo, em 1862 o Rio de Janeiro era a terceira cidade do mundo a ter rede de esgotos e a inauguração da estrada de ferro que ligava Santos à Jundiaí aconteceu em 1867, apenas 37 anos após a Inglaterra.

É fundamental destacar também o processo de formação e urbanização das cidades norte americanas, modelo de urbanismo que foi amplamente aplicado no Brasil. Nos Estados Unidos, as cidades começaram a se formar no século XVII por influência das rotas comerciais e da expansão de território dos ingleses. Desde o princípio, observava-se o crescimento acelerado da população, muito em razão da disponibilidade de espaço e de recursos naturais. No século XIX, o trem foi o fator decisivo para o desenvolvimento das cidades, pois, as fábricas e as casas dos funcionários eram instaladas próximas às ferrovias.

O documentário *Ecce Homo Cidade* (1999) destaca os grandes incêndios de Chicago e Boston ocorridos em 1871 e 1872, respectivamente, que devastaram as cidades e foram determinantes para mudar a perspectiva arquitetônica e urbanística da sociedade contemporânea. De imediato, foi determinado que materiais menos inflamáveis seriam utilizados nas construções e foram elaborados planos de evacuação em caso de incêndios. Além disso, foi a oportunidade para se mudar a

forma das edificações. Em 1889, os arquitetos Dankmar Adler e Louis Sullivan desenharam o *Auditorium Building*, o primeiro arranha-céu com mais de 10 andares, um símbolo do urbanismo que permanece até hoje na Avenida Michigan número 430, em Chicago. Desde então, as cidades passaram a assumir a paisagem conhecida até hoje, prédios altos, teatro, cinemas etc.



Figura 2 - Chicago após o incêndio de 1871.
Fonte: Multiplataforma de mídia Mashable. Consultado em: 03/04/2017

Segundo Munford (1991), ao final do século XIX, as cidades apresentavam problemas comuns, com exceção da França: os centros não eram mais um lugar de prestígio diante da ocupação pelos menos afortunados; a degradação da sociedade incentivou o comportamento individual e a separação espacial entre as classes; e a poluição e a falta de água limpa atingiram a todos, inclusive os bairros ricos. Somase a estes aspectos, o fato de que o desenvolvimento dos transportes públicos favoreceu a formação dos subúrbios. Logo, cada vez mais as pessoas se distanciavam das cidades em busca de segurança e tranquilidade. Consequentemente, o século XX se iniciou com muitas cidades deterioradas, o que foi agravado pela baixa arrecadação de impostos e falta de manutenção dos espaços.

Diante da necessidade de adaptação do fluxo e circulação contínuo de pessoas nas cidades, em se tratando das praças, Caldeira (2007) explica que um novo papel foi atribuído a elas. Se antes as praças tinham a função de centro vital da cidade, no século XX, elas passaram a ser uma composição de complexo viário, se tornando um entroncamento, rotatória, lugar de passagem, em referência ao não lugar proposto por Marc Augé. Binde (2008), em sua resenha sobre Augé (1994), explica que o não lugar

é todo espaço sem identidade, história, sem caráter de sociabilidade, normalmente um lugar de trânsito de pessoas, tais como supermercados, autoestradas e aeroportos. Este processo também pôde ser observado no Brasil.

Segundo Santos (1993), o processo de urbanização se acelerou no Brasil em 1950, com o aumento da população e o desenvolvimento das cidades, em consequência da industrialização após a Segunda Guerra Mundial. Segundo o autor, em 1940 a taxa de urbanização era de 26,35%; 40 anos depois saltou para 68,86%, o que provocou mudanças nas paisagens urbanas. Em São Paulo, por exemplo, o Plano de Avenidas de Prestes Maia foi o processo introdutório para a transformação da cidade e das funções das praças, como a Roosevelt. Esta, até então, era um grande estacionamento de carros e transformou-se em uma grande composição viária da cidade prejudicando assim sua identidade de praça e tornando-se um espaço vazio.

O século XXI trouxe consigo uma nova dinâmica para as cidades e os gestores públicos. A ruptura mencionada anteriormente provocou, segundo Macedo (2007), o movimento Novo Urbanismo, que busca mudar a forma de gestão e desenvolvimento das cidades, colocando em voga a importância da retomada do papel do espaço público no dia a dia da população; o que, conseqüentemente, estimula um processo de ampla revitalização de áreas abandonadas, antigas, subutilizadas ou degradadas.

1.4 A hospitalidade como um caminho para cidade criativa

Conforme visto anteriormente, no mundo greco-romano da Antiguidade, os núcleos centrais das cidades, assim como nas sociedades medievais, eram o palco das trocas sociais, culturais e comerciais. Após a queda das muralhas medievais e a ampliação dos espaços urbanos, observou-se uma abertura, nas cidades clássicas do período Renascentista para a arquitetura urbana como prioridade. Archer (2010) lembra que esse processo deu origem às grandes amplitudes e abertura de avenidas, praças, jardins e principalmente, a distinção entre público e privado, no que segundo o autor, pode ser caracterizado como a primeira revolução urbana. Esta reorganização urbana e social, que culminou com as transformações advindas da Revolução Industrial, na visão de Berriel (2004), representou o início da racionalização da vida humana, porque é no Renascimento que se vê a elaboração de regras e leis para se controlar a sociedade e manter a ordem.

Segunda Pierucci (2003) o processo de racionalização da sociedade moderna, em que mudanças sociais, culturais e estruturais nas sociedades provocaram impactos no desenvolvimento gradual do capitalismo e resultaram no amplo crescimento das cidades e da população urbana, impactaram diretamente na sociabilidade, uma vez que fez aumentar o fenômeno do individualismo. A racionalização gerou a reordenação das organizações tradicionais que se baseavam em aspectos tradicionais, religiosos e culturais e em significados importantes como liberdade, caridade e solidariedade. Estas passaram a ser pautadas pela necessidade de se hierarquizar e burocratizar tudo e todos. Com isso, ocorreu o que Weber (2009) denominou como “o desencantamento do mundo”, num processo de laicização da vida. As relações entre pessoas tendem a se tornar impessoais, apáticas, disseminando o sentimento de abandono e até mesmo gerando conflitos.

Archer (2010) explica que essa racionalização ficou mais evidente no século XIX como consequência da Revolução Industrial e a busca por mais eficiência e controle racional da produção, como pode ser identificado pelo chamado Movimento Fordista. Nas cidades, Archer (2010) explica que acontecia a segunda revolução urbana, pois o que se viu foi um urbanismo monofuncional que priorizou rápidas mudanças viárias, de saneamento e residenciais para receber e acomodar a população que aumentou significativamente após o êxodo rural. O foco era na infraestrutura, resultado de produções e não nas pessoas; por isso, este período da história ficou marcado por grandes mobilizações sociais dos trabalhadores em busca da valorização do seu papel no trabalho e nas cidades.

Observou-se anteriormente que a evolução das cidades foi (e possivelmente ainda é) marcada por ciclos em que ora a população migra para o campo, em busca de proteção, segurança e espaços bucólicos, ora para a cidade, atrás de oportunidades e vida cultural. Compreendido o processo de racionalização e a sua irracionalidade, pode-se afirmar também que nessa evolução ora se priorizam os espaços públicos para se promover a sociabilidade ao ar livre, ora a interação entre as pessoas não é valorizada e pensa-se apenas no individual e privado.

Diante deste cenário, Ritzer (2015) comenta das catenais de entretenimento (cassinos de Las Vegas, lanchonetes de *fast food* como *McDonalds*, parques de diversão como Disney, cruzeiros, hotéis e shoppings), espaços em que os hóspedes e clientes são responsáveis pela sua própria hospitalidade e entretenimento, havendo pouco ou nenhum contato humano. Ritzer (2007) ainda explica que a irracionalidade

da racionalização chegou a tal ponto que se exacerbou a homogeneização, o desencantamento e a desumanização. Por esta razão, o setor de hospitalidade precisa reinventar e resgatar os seus valores de diversificação, diferenciação, encantamento e humanização. Welten (2015) complementa essa ideia ao dizer que estes espaços (catedrais de entretenimento) promovem unicamente um passatempo, um consumismo solitário sem incômodos alheios, sendo que o contato com o outro não agrega nada à sua experiência. Para o autor, espaços como esse são o retrato da sociedade pós-moderna, na qual a interação com o outro é uma terceira parte; ignoram-se as comunidades existentes e as pessoas se comportam como se fossem sempre de fora, observadores e não identificáveis.

Para compreender melhor essa desumanização, Welten (2015) recorre à teoria de hospitalidade líquida de Bauman (2000) e explica que, no pós-modernismo, a organização da sociedade pautada por conceitos sólidos como burocracia, hierarquia e tradição de Weber se desestabilizou, se tornou líquida, se desfez. Na sua interpretação, a noção de comunidade, cultura e identidade não está mais associada à sociedade; são fatos isolados que se tem ou não, que pode até mesmo se comprar ou se vender. E isso para Bauman (2006), tornou a sociedade mais violenta entre as pessoas consigo mesmas e com o outro.

O cenário parece irremediável. Contudo Archer (2010, p. 31) relata que desde 2000, há um movimento para a sociedade se libertar “de um racionalismo que se tornou demasiado simplista e de suas certezas”. O autor ainda explica que da mesma forma que a globalização parece homogeneizar a sociedade, processos produtivos, práticas sociais, status, modos de organização, objetos e referências, esse fenômeno também aumenta o leque de opções a partir dos quais as pessoas, grupos e empresas podem fazer suas escolhas e desenvolver suas singularidades.

Os indivíduos passam a ter um multipertencimento social, passam a ser socialmente plurais. Suas práticas, seus sistemas de valores, suas escolhas individuais resultam de socializações e circunstâncias diversificadas (ARCHER, 2010, p. 43).

No que se denomina, segundo Archer (2010), a terceira revolução urbana, alguns autores apontam caminhos, movimentos, que podem resgatar este vínculo social que foi se perdendo ao longo do tempo. Ritzer (2007), por exemplo, aponta o Movimento *Slow Food* que procura resgatar o ritual de se relacionar com as pessoas à mesa e com a cadeia de produção. O nome veio para se posicionar no sentido oposto ao *fast food*. Seus adeptos sabem a origem do alimento que estão comendo,

conhecem como foi todo o processo de produção da refeição e valorizam o ato de se sentar à mesa para desfrutar do momento. Ritzer (2007) vê este movimento como uma esperança para o setor de hospitalidade, pois a proposta pode ser replicada em outros contextos. É o exemplo de cidades que buscam explorar suas singularidades gerando identidade e pertencimento com os seus moradores e visitantes, como é o caso da *Città del Buon Vivere*⁵ na Itália e a proposta de Cidade Criativa.

Por outro lado, Valentine (2008) e Chavez e Van der Rest (2014) chamam atenção que o simples convívio entre cidadãos não necessariamente motivam o respeito ao outro, e que esta pode ser uma visão romantizada da nova realidade urbana. Eles lembram que em uma cidade grande e cosmopolita, pessoas de diferentes grupos sociais podem viver suas vidas com pouco ou nenhum contato, e que mesmo que tenham um pouco de contato isso não significa que se aceitem, se tolerem ou se respeitem. Em resumo, o convívio, a aproximação entre pessoas não se traduz, necessariamente, em transformação social. Para que isso ocorra, os autores concordam com a proposta de que os espaços urbanos precisam ser interdependentes para promover a compreensão intercultural. Valentine (2008) e Chávez e Van der Rest (2014) reforçam, inclusive, que eventos pontuais não são ideais para essa transformação. São necessários espaços com mais intimidade, que possam articular uma microconectividade, assim como é a proposta de Lugosi, Bell e Lugosi (2010) sobre regeneração urbana.

Estes autores defendem que a regeneração urbana, tanto espacial quanto social, pode acontecer a partir de atividades culturais; por isso fizeram um estudo em Budapeste (Hungria) sobre os *Ruin Bars* (Bares Ruínas). Estes são bares e cafeterias que se apropriaram de espaços abandonados, em localizações com apelo histórico, para fins comerciais e culturais. Nesta pesquisa, os autores concluíram que esses estabelecimentos não oferecem apenas comida, bebida ou um espaço para consumo e produção cultural; mais do que isso, são locais de capital cultural. Os autores também destacam a importância de se estimular o empreendedorismo como um processo de intervenção na mudança do espaço urbano. Lugosi, Bell e Lugosi (2010) sinalizam que a discussão sobre classe criativa e cidade criativa tem ganhado espaço na política e na academia; logo se faz necessário olhar com mais atenção para a

⁵ Cidades do Bom Viver, movimento também de origem italiana que se inspirou no Slow Food para criar as Slow Cities. Fonte: <http://www.cittaslow.it/evento/it-slow-life-slow-city>. Acessado em: 16 de maio de 2017

dinâmica entre hospitalidade no contexto comercial (no caso do estudo), produção/consumo criativo e cultural e a transformação urbana. Estes aspectos identificados pelos autores podem ser observados nas Praças do Coco e Praça Roosevelt, conforme será apresentado e respeitando suas particularidades. Isto porque, nos dois casos há exemplos de espaços comerciais tais como quiosques, bares, restaurantes, teatros, feiras que buscam promover o encontro, proteger o espaço público e resgatar a identidade e como consequência, o pertencimento.

Ritzer (2007), Archer (2010) e Lugosi, Bell e Lugosi (2010) em seus estudos indicam que as barreiras erguidas pela racionalização podem e estão aos poucos, sendo derrubadas por meio de ações e práticas que buscam resgatar singularidades de espaços, sentimento de pertencimento e identidade. Trata-se de um processo que retorna à ideia da Ágora grega, das praças medievais e renascentistas que eram tidas como espaços necessários nas cidades para o encontro, embora por razões diferentes. Estas ações por parte dos moradores para com um espaço público, frequentadores e visitantes de uma cidade, convergem com a proposta de cidade criativa, como mencionado pelos autores. Isto porque, para que uma cidade seja criativa, o ponto de partida deve ser a mudança de comportamento, a ruptura da racionalização para que as pessoas olhem mais para o lugar em que elas vivem e convivem, afinal de contas “a cidade fala e solicita a nossa afetividade” (BRESCIANI, 2002, p. 30)

Segundo Altair Assumpção, co-fundador da *Sustainable Hub*, se cada indivíduo se interessasse verdadeiramente pela sua região, se sentisse genuinamente pertencente a ela, ele zelaria pelo lugar e faria dele o melhor lugar para se viver. Por isso, a ideia de cidade criativa está diretamente relacionada às pessoas e como estas deixam de ser coadjuvantes nas mudanças da sua cidade e assumem o papel de protagonistas. Ao aproximarmos esta idealização para os espaços públicos, nota-se que é de fundamental importância que uma cidade ofereça diferentes locais para a prática de esportes, lazer, convivência e áreas verdes. Isto porque, os espaços urbanos devem ser propícios para a promoção do encontro entre pessoas, para incentivar a conectividade da cidade.

Por outro lado, o arquiteto Mauro Munhoz em sua fala no documentário Cidade Criativa pondera que esses locais só exercem de fato sua função social, se quem os ocupa apresentarem uma relação de identidade e apropriação para com eles. O que é reafirmado por Charles Landry no mesmo documentário, que defende que a questão

da identidade é imprescindível para o debate sobre cidade criativa, sobretudo porque, o mundo está cada vez mais homogêneo, o que permite entender melhor o processo de racionalização de Weber.

A partir do momento em que a população entende que a cidade é um sistema dinâmico, em constante transformação, e que os espaços urbanos estão frequentemente sendo produzidos pelas pessoas que nela habitam ou frequentam, a noção de cidade criativa fica mais clara. Reis (2010) explica que uma cidade criativa é aquela que estimula a criatividade de todos e que a partir deste estímulo, é possível se alcançar a inteligência coletiva e com isso buscar soluções para problemas cotidianos e aumentar a competitividade da cidade. Para isso, é preciso trabalhar três eixos: inovação, conexão e cultura.

Para a autora, o eixo da inovação contempla a quebra de paradigmas nos processos e a criação de novos modelos de governança que englobem a sociedade civil, promovendo o engajamento social. A conexão pode ser entendida como a apropriação da cidade pelas pessoas, a partir da identificação dos mapas afetivos. Envolve a ligação entre os setores público, privado e comunidade para tomada de decisões nos contextos local, regional e global. Também estão neste eixo os espaços, atividades e serviços ofertados pela cidade de forma democrática, sem distinção da classe social do público. E ainda, envolve a conexão entre os tempos da cidade, ou seja, entender a sua história, sua identidade, particularidades para planejar o presente e o futuro. O eixo da cultura refere-se ao comportamento das pessoas, a qualidade de vida, as diversidades e como se dá a sua contribuição para economia. Inovação, conexão e cultura sob a óptica da cidade criativa estão relacionados intrinsecamente.

De acordo com Ulldemolins (2004), a cultura passou a ser um recurso fundamental para as cidades competirem em níveis regionais e internacionais. Assim, os governos têm utilizado a cultura como instrumento do desenvolvimento urbano, visando regeneração dos espaços e promoção da imagem urbana. O autor ainda destaca que a cultura é também uma forma de gerar narrativas que caracterizem as cidades como espaço urbano original e colaborem para criar autenticidade, elementos necessários para uma cidade ser competitiva em nível mundial.

Lerner (2011) sintetiza estas ideias ao explicar que por cidade criativa entende-se cidade que tem um sonho coletivo, passível de ser traduzido em qualidade de vida. Trata-se de uma cidade que possui características e condições como sustentabilidade, mobilidade, solidariedade, identidade, autoestima, sentimento de

pertencimento, integração, liderança, governança com arranjo de corresponsabilidade entre os agentes e integração das várias regiões. Tal interpretação de cidade criativa dialoga com Bonet (2003), que cita Barcelona como um exemplo de cidade criativa, pois se trata de uma localidade em que há um conjunto de fatores que envolvem contínua capacidade de renovação de sua cultura e identidade, alta densidade de iniciativas culturais diversificadas, cosmopolitismo aliado à inclusão social e valorização internacional (indústria da cultura e eventos internacionais). Além disso, ao longo de sua história, Barcelona se transformou e soube aproveitar as oportunidades que foram concedidas. Sobretudo porque soube identificar, explorar e estimular suas diversas vocações, como por exemplo a arquitetura.

O que ocorre em Barcelona converge com o que defende Lala Deheinzelin, coordenadora do Movimento Crie Futuros e especialista em Economia Criativa, no documentário Cidade Criativa: “Quando a pauta é cidade, não se pode pensar mais em carências, deficiências e falhas, mas sim pensar no que se tem, quais são as potências, o patrimônio tangível ou intangível que a torna única.”.

Logo, as relações de hospitalidade podem ser consideradas como o caminho para uma cidade criativa. Isto porque, na sociedade contemporânea, a cidade precisa ser mais acolhedora, oferecer mais aos seus moradores e frequentadores, para que seus gestores também possam cobrar destes que façam a sua parte na responsabilidade e zelo pelos espaços urbanos, em busca da melhoria da qualidade de vida e bem-estar de todos.

O que se vê então é que a hospitalidade no contexto urbano não pode ser pensada apenas no sentido de hóspede – anfitrião. A cidade engloba muito mais do que essa relação dual; é preciso pensar numa hospitalidade coletiva. É por esta razão que os autores Chávez e Van der Rest (2014) desmembram os diferentes níveis de relações que ocorrem a partir do eixo hóspede-anfitrião, mostrando como esta hospitalidade é multifacetada:

- 1.O individual, que ocorre no contexto doméstico;
- 2.O governo da cidade como anfitrião dos seus habitantes;
- 3.O governo da cidade como anfitrião de estrangeiros: turistas, migrantes e expatriados.
- 4.O governo da cidade como anfitrião do setor de hospitalidade;
- 5.O setor de hospitalidade como anfitrião de habitantes e visitantes
- 6.O governo da cidade como anfitrião de cultura e conhecimento.

Assim, é preciso utilizar os elementos de hospitalidade, tais como sentimento de pertencimento, identidade e sociabilidade, como forças facilitadoras para promover a hospitalidade urbana, fomentar a sinergia dos seus moradores e frequentadores que podem contribuir com as potencialidades de uma cidade, transformando-a em uma Cidade Criativa, tal como ilustra a figura 3.



Figura 3 A hospitalidade como um caminho para cidade criativa.
Fonte: A autora, 2017

1.5 Síntese do capítulo

Este capítulo de revisão apresenta o conceito de hospitalidade e suas formas de manifestação dentro do contexto de uma cidade. Diante disso, fez-se necessário buscar autores da bibliografia pertinente que abordam as diferentes facetas da hospitalidade, desde a tríplice relação dar, receber e retribuir de Marcel Mauss que explica o princípio da dádiva, os domínios, tempos e espaços da hospitalidade, a hospitalidade urbana e sobretudo, os contrapontos da hospitalidade e a hostilidade. Dessa forma, pode-se compreender que a hospitalidade vai além do senso comum de receber bem o outro. Trata-se de um ato humano que pode aproximar pessoas e promover mudanças em uma empresa, família ou cidade.

Foi observado também que ao longo do desenvolvimento das cidades se observam ciclos de migração ora da cidade para o campo ora do campo para a cidade. Busca-se proteção e tranquilidade, oportunidade de trabalho ou ainda mais vida

cultural. Seja qual for o período da história da civilização, a importância dada às praças e aos espaços públicos de maneira geral, reflete a situação da sociedade, da relação entre as pessoas. O que se vê é fruto do resultado das discussões que culminaram a Carta de Atenas em 1933, cuja proposta era planejar a cidade a partir de quatro funções básicas: habitação, recreação, trabalho e circulação. As mudanças nas estratégias de intervenção urbana atuais priorizam o espaço público e o espaço de uso coletivo, resgatando suas funções de coletividade e de sociabilidade, “a praça contemporânea reassumindo seu papel de principal espaço da cidade” (Caldeira, 2007, p. 35).

Buscou-se também entender a influência do processo de racionalização descrito por Max Weber, nas relações entre pessoas e para com suas cidades, a medida que a sociedade moderna está cada vez mais homogênea, burocratizada e desencantada. Diante disso, o que se observa é um movimento de ruptura deste distanciamento e padronização para a busca pelas singularidades das pessoas e vocações das cidades. Por esta razão, apresenta-se também o conceito de Cidade Criativa que a partir do referencial bibliográfico estudado, pode-se perceber que está alinhado com o que Archer (2010) chama de 3ª revolução do urbanismo.

CAPÍTULO 2 – O RESGATE DA FUNÇÃO DA PRAÇA

Neste capítulo apresenta-se o contexto histórico das Praças do Coco e Roosevelt, com o objetivo de evidenciar as mudanças e intervenções ocorridas em cada uma delas, que podem explicar os respectivos processos de resignificação.

2.1 Barão Geraldo o distrito cultural de Campinas

O município de Campinas está localizado no oeste paulista, a 99km de São Paulo, integrando a Região Metropolitana de Campinas. É a terceira cidade mais populosa do Estado, atrás apenas da capital e de Guarulhos. Campinas possui seis distritos: Nova Aparecida, Sousas, Joaquim Egídio, Campo Grande, Ouro Verde e Barão Geraldo. Neste último, está localizada a Praça do Coco, objeto de estudo desta Dissertação.

De acordo com Ribeiro (2000), Campinas já teve sua riqueza composta por diversas fazendas, das quais duas deram origem ao que é o Distrito de Barão Geraldo: a Fazenda Rio das Pedras, propriedade do Conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, e a Fazenda Santa Genebra, propriedade do Barão Geraldo de Rezende. A autora resgata a história do distrito desde o final do século 18:

Originalmente denominada Nossa Senhora do Carmo do Morro Alto, esta imensa área foi a última sesmaria da região de Campinas, doada em 1799 pelo Conselho Ultramarino para a família do Brigadeiro Luís Antonio de Souza Queiroz, herdada por seu filho, Francisco Inácio de Sousa Queiroz e que, por sua morte, coube às filhas Genebra Miquelina e Isabel Augusta. Portanto, no início, as terras tinham um só e único dono e permaneceram por dois séculos nas mãos das mesmas famílias. (RIBEIRO 2000, p. 39)

De acordo com Ribeiro (2000), as duas fazendas foram protagonistas da história do distrito de Barão Geraldo, cada uma no seu tempo e nas suas peculiaridades. A Fazenda Santa Genebra, por exemplo, destacou-se por ser uma das maiores da região e pelo seu pioneirismo em inovações na agricultura. Esta propriedade foi considerada modelo, pois adotava processos agrícolas modernos na época e, por esta razão, era uma parada obrigatória para personalidades brasileiras e estrangeiras que queriam ver com os próprios olhos o trabalho que ali era feito pelo Barão Geraldo de Rezende. Simson (2003) complementa relatando que o Barão

Geraldo se associou aos agrônomos e técnicos do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), o que contribuiu para que a fazenda Santa Genebra se tornasse uma propriedade modelo na produção de café.

Segundo o portal Mata Santa Genebra (2016), 74 anos após a morte do Barão Geraldo⁶, em 14 de julho de 1981, seus então herdeiros concretizaram a doação da área remanescente composta por 100 alqueires de mata, ao município de Campinas, ressaltando a importância de mantê-la conservada. Em 1983, a área da Mata Santa Genebra foi tombada como Patrimônio Natural. Desde então, a mata é uma das maiores reservas de floresta tropical urbana do Brasil, cuja preservação é mantida pela Prefeitura Municipal de Campinas por meio da Fundação José Pedro de Oliveira e apenas pesquisadores cadastrados podem visitá-la.

Ribeiro (2000) aponta que as Fazendas Rio das Pedras e Santa Genebra eram administradas de formas diferentes. Desde o início do século XX, os proprietários da Fazenda Santa Genebra realizaram desmembramentos e venderam suas terras possivelmente para investir em agricultura e quitar dívidas. Esses loteamentos deram origem aos bairros Vila Independência, Jardim América e Real Parque, terras que à época foram compradas por famílias de colonos, que se tornaram agricultores livres.

Segundo Simson (2003), antes de se tornar um grande projeto imobiliário, os moradores, a maioria colonos italianos e portugueses, se reuniam esporadicamente para rezas ou na missa mensal em honra da Santa Isabel. A autora, contudo, destaca que esta pouca convivência não era sinônimo de ausência de ajuda mútua, porque os vizinhos se amparavam. Simson (2003) explica que em meados das décadas de 20 e 30 do século passado, o traço de uma comunidade fortalecida já ganhava destaque; os laços de vizinhança se consolidavam, além das preocupações comuns com o controle social para que a boa convivência não fosse prejudicada.

Ribeiro (2000) relata que a família Albino de Oliveira manteve o domínio e os negócios da fazenda Rio das Pedras até meados da década de 1950, quando se viram com uma dívida impagável com o Banco do Estado de São Paulo (BANESPA). Diante deste cenário, a família foi obrigada a entregar a propriedade ao presidente e proprietário do banco, João Adhemar de Almeida Prado. Neste momento da história, vale destacar que em 1953, após o pleito da Comissão Representativa de Cidadãos composta por moradores da região, Barão Geraldo foi elevado à categoria de distrito.

⁶ Segundo Ribeiro (2000), Barão Geraldo de Rezende cometeu suicídio em 1907 após vender uma parte da Fazenda Santa Genebra.

A autora ainda explica que à época o bairro ficou dividido com esta decisão; parte da população era contra Barão Geraldo se tornar um distrito, pois acreditava que com isso os impostos seriam elevados e outros defendiam que “a elevação de Barão Geraldo a distrito obedeceria a um imperativo do progresso” (Ribeiro, 2000, p. 67).

Soma-se a isso, o fato de que em 1960, José Adhemar de Almeida Prado decidiu transformar a Fazenda Rio das Pedras em um lucrativo projeto imobiliário. Inicialmente, este projeto pareceu muito ousado e pouco eficaz para solucionar os problemas da fazenda, pois naquela época Barão Geraldo era uma zona estritamente rural e agrícola que, por consequência, não atraía novos moradores para a região. Porém, Ribeiro (2000) lembra que em uma visita à Rio das Pedras, o médico Zeferino Vaz pediu para conhecer a área que seria loteada e enxergou ali uma oportunidade para tirar do papel o projeto da Universidade de Campinas e a sua cidade universitária.

Concomitantemente, esta ideia foi a solução para Adhemar, uma vez que, o empreendimento poderia valorizar os lotes⁷. Assim, Ribeiro (2000) relata que, como um casamento perfeito, Zeferino conseguiu a doação de 30 alqueires da fazenda Rio das Pedras que, posteriormente, foram expandidos para a construção do campus da Universidade de Campinas (UNICAMP) e do Hospital das Clínicas.

A instalação da Universidade de Campinas no distrito de Barão Geraldo em 1966, trouxe pessoas do mundo inteiro para a região. Na cidade universitária era raro encontrar um campineiro. Segundo o portal da UNICAMP (2016), antes mesmo de ser inaugurada, a UNICAMP já havia atraído para o seu quadro docente mais de 200 professores estrangeiros e cerca de 180 vindos das melhores universidades brasileiras. Além disso, o espírito bucólico de Barão Geraldo atraiu novos moradores que estavam cansados dos centros urbanos.

Ribeiro (2000) e Simson (2003) relatam os primeiros sinais de conflito entre os antigos moradores e os recém-chegados: não havia comunicação entre eles e aqueles que já residiam em Barão Geraldo sentiram-se invadidos, pois temia-se pela perda da identidade do distrito e ruptura cultural. As primeiras brigas na associação de moradores datam desta época. As discussões sobre o Plano Diretor de Barão Geraldo eram acirradas, entre moradores que queriam frear o progresso, que defendiam um

⁷ O casarão e remanescentes florestais estão tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (CONDEPACC) desde 13 de novembro de 2003. Fonte: Prefeitura de Campinas. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio-historico-cultural.php>. Acessado em: 15/09/2016.

desenvolvimento sustentável e equilibrado, e aqueles que ambicionavam pela franca expansão.

Hoje, a Prefeitura de Campinas (2016) estima que a atual população do distrito seja de 41.018 habitantes, com maior concentração na faixa etária de 20 a 39 anos, que conta com 15.928 habitantes. Ainda de acordo com a mesma fonte, a população de Barão Geraldo é visivelmente equilibrada no quesito gênero; são 20.423 pessoas do sexo masculino e 20.505 do sexo feminino. O distrito de Barão Geraldo possui indicadores de desenvolvimento elevados quando comparados aos do município de Campinas e aos da RMC conforme consta na tabela 1. Seu IDHm (0,941) é maior do que o de Campinas (0,805) e o da RMC (0,792). O indicador que mais contribui para este resultado elevado é a renda. A renda per capita média do distrito de Barão Geraldo em 2010 foi quase duas vezes e meia maior que a do município de Campinas e mais de três vezes maior do que a da RMC (Quadro 4).

Quadro 4 Dados do Distrito de Barão Geraldo, do município de Campinas e da Região Metropolitana de Campinas (RMC).

| | IDHM | IDHM Longevidade | IDHM Educação | IDHM renda | Renda per capita (R\$) |
|----------------------|-------|------------------|---------------|------------|------------------------|
| Barão Geraldo | 0,941 | 0,937 | 0,913 | 0,975 | 3.462,22 |
| Campinas | 0,805 | 0,860 | 0,731 | 0,829 | 1.390,83 |
| RMC | 0,792 | 0,858 | 0,726 | 0,798 | 1.148,94 |

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD/ONU, 2015).

Estes dados atestam o que é popularmente dito que “Barão Geraldo não é Campinas” e não por menos a associação de moradores há anos tenta emancipar o Distrito. Sua história e desenvolvimento são elementos chave para a cultura e identidade local, além da infraestrutura disponível. Estes fizeram com que o distrito se firmasse como um centro cultural, de excelência técnica, científica, médica e acadêmica.

Desde a sua fundação, em 1966, a Unicamp construiu uma relação com Barão Geraldo que vai muito além do aspecto geográfico. Se por um lado, o distrito acolheu o campus que se tornaria hoje um dos principais polos de ciência e tecnologia do país, de outro, a Unicamp atraiu um público diferenciado, formado por professores, pesquisadores e estudantes, fazendo de Barão Geraldo um dos locais mais efervescentes do ponto de vista intelectual. (José Tadeu Jorge, ex-reitor da Unicamp, 2016, p. 22)

Segundo Simson (2003), esta efervescência em diferentes áreas provocou a criação de espaços comerciais que destoam de outros bairros e atraem o público de Barão Geraldo, de outras regiões da cidade de Campinas e de cidades vizinhas. Fato este que é observado pelo diretor de gastronomia do Campinas e Região *Convention & Visitors Bureau* Carlos América Louredo que afirma que o distrito de Barão Geraldo tem semelhanças em relação a outras regiões de Campinas, porém, tem suas particularidades.

O ambiente é mais boêmio, com pessoas vindas de diversos cantos do país e com todas essas diferentes tribos se encontrando na rua. O distrito é disputado como o Cambuí, mas sai um pouco da balada, tendo uma conotação mais despojada. O Cambuí é mais sério, sofisticado. Os restaurantes de Barão Geraldo se aproximam dos encontrados no Castelo e no Jardim Guanabara. É algo mais tradicional. (Revista Metrópole, 2016, p. 18 - 19)

Um exemplo desses espaços comerciais é a Praça do Coco, onde é possível enxergar e entender como funciona a dinâmica de Barão Geraldo. A realidade ali condiz com o apontado por Sousa (1987) que o bairro pode ser entendido como uma pequena nação, um espaço em que os moradores se sentem pertencidos, formando uma unidade. Combina também com a visão de Lefebvre (1971, p. 201) que afirma que “sem bairros, sem ruas, pode haver aglomerações, tecido urbano, megalópole. Mas não há cidade”.

2.2 A Praça do Coco

A Praça do Coco está localizada no entroncamento das Ruas José Martins, Rua José Manuel Antunes Novo e Rua Agostinho Pattáro (Figura 4). O projeto começou em abril de 1999, na então chamada Praça Irmã Carmela Stecchi, quando só havia casas ao seu redor.

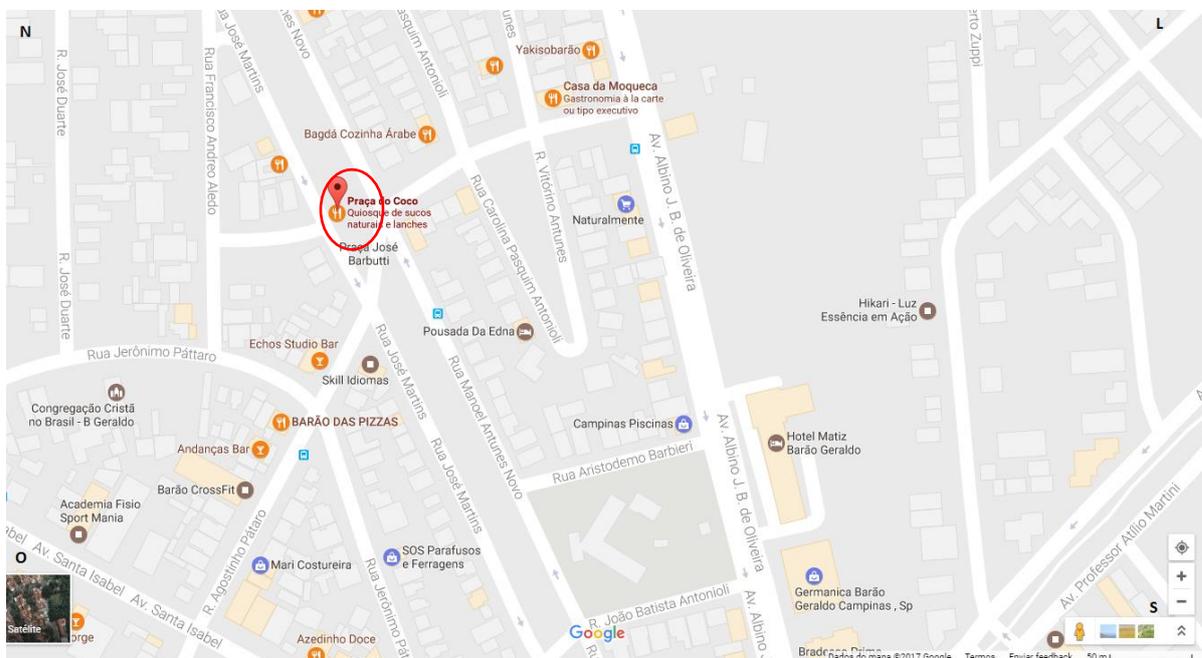


Figura 4 Representação da Praça do Coco, no distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP)
Fonte: Google Maps, de 09 de maio de 2017

O Sr. Valdir dos Santos começou a vender, no local, água de coco e caldo de cana, na sua Kombi. Vagner dos Santos, filho do Sr. Valdir, lembrou que a praça não recebia nenhum tipo de manutenção dos órgãos públicos. Por isso, desde o princípio, o Sr. Valdir se propôs a limpar a área. Isto porque ele acreditava que, para atrair clientes para a Kombi, o lugar precisava ser receptivo e agradável. Vagner destacou que seu pai não tinha recursos suficientes para revitalizar a praça e transformá-la em um ambiente propício para o seu comércio; assim a solução foi reaproveitar materiais recicláveis como pneus e tampa de tambores para fazer jardineiras, bancos e mesas.

Naquela época, os moradores da área que circunda a Praça Irmã Carmela Stecchi ficaram receosos e desconfiados do que poderia se tornar a Kombi do Sr. Valdir. Muitos temiam que bebidas alcóolicas fossem vendidas, o que, por consequência, promoveria encontros noturnos indesejáveis. Felizmente, com o passar do tempo, os moradores perceberam que suas preocupações estavam alinhadas com as premissas do Sr. Valdir, que também morava próximo à praça; assim, todos depositaram mais confiança na ideia.



Figura 5 Kombi Praça do Coco em 1999. Fonte: Portal Praça do Coco. Consultado em: 27/08/2016.

Vale destacar que, desde o início, Sr. Valdir e Vagner encontraram dificuldades para manter o negócio. A venda de água de coco e caldo de cana não era suficiente para sustentar os dois, principalmente por se tratar de produtos de venda sazonal, ou seja, no inverno as vendas sofriam uma redução significativa. Por esta razão, Vagner tinha um emprego. Sr. Valdir possuía a licença municipal para trabalhar como ambulante. Contudo, por se estabelecer em um ponto fixo, muitos contestavam a sua atuação na praça. Aproximadamente quatro anos após o início do projeto, surgiu a oportunidade de instalarem um parquinho para as crianças frequentadoras da praça, uma doação do hotel onde Vagner trabalhava. Foi a partir deste momento que pai e filho observaram um envolvimento maior das pessoas para com a praça, pois muitos frequentadores passaram a colaborar no processo de ressignificação do espaço. Um exemplo disso foi o dia que Vagner chegou para abrir a Kombi e viu vários vasinhos de flores deixados como presente para decorar a praça.

Concomitantemente à doação do parquinho, Valdir e Vagner esbarraram em problemas burocráticos e políticos. Isto porque, os dois estavam contentes com os resultados das vendas e pleitearam a licença para explorarem a praça com um estabelecimento comercial fixo. Mas, novamente receberam uma negativa por parte do governo municipal. Ambos rememoram a sensação de serem boicotados, pois tudo o que pediam recebiam o não a priori, segundo Vagner dos Santos. Esta licença foi liberada somente cinco anos após a formalização do pedido. Para que isso fosse possível, algumas medidas foram necessárias, uma delas diretamente ligada aos moradores locais que tiveram que assinar um termo de acordo com a implantação de um quiosque fixo na praça. Vale destacar que ficou acordado entre as cláusulas do

termo que: i) no quiosque não seriam vendidas bebidas alcoólicas; e ii) o horário de funcionamento deveria ficar restrito à parte da manhã e da tarde, não podendo se estender ao turno da noite.

A liberação da licença para exploração do quiosque foi um marco na história do projeto Praça do Coco, principalmente porque o Sr. Valdir fez questão que seu filho passasse a participar ativamente do negócio. Vagner retoma essa fase ao dizer que, em conversa com o pai, aceitou o desafio na condição de que o trabalho fosse desenvolvido fundamentado nas diretrizes da sustentabilidade: econômico, social e ambiental. Assim, ficou decidido entre os dois que: i) uma parcela do lucro seria revertida para a manutenção e revitalização da Praça Irmã Carmela Stecchi, procurando por soluções com o mínimo de impacto ambiental; e ii) promoveriam ações locais de conscientização ambiental e de integração com os moradores e frequentadores. Assim, o Projeto “Praça do Coco” ganhou voz e vida. Atualmente, a Praça Irmã Carmela Stecchi é identificada pelos moradores e frequentadores do distrito de Barão Geraldo como a Praça do Coco.

Desde meados de 2006, Sr. Valdir e Vagner dos Santos têm a licença de adoção do espaço público. Portanto, todas as benfeitorias que realizam são doadas ao município de Campinas, pois segundo Vagner, a prefeitura não tem nem jardineiro na praça; ela é pública, mas a administração é voluntária. Essas mudanças iniciais desenhadas pelos proprietários do quiosque, logo foram aparecendo pois, de acordo com Vagner, a ideia era dar alma à Praça. Em pouco tempo, e com a assessoria de um cliente arquiteto, o parquinho foi reformado e instalou-se um banheiro. Começaram a mesclar os investimentos na infraestrutura da praça e na parte social e variadas atividades passaram a ser promovidas ali. Organizações Não Governamentais (ONGs) de educação ambiental ganharam espaço. Um pequeno palco de teatro foi montado para ser explorado pelos estudantes da UNICAMP e artistas da região, com apresentações culturais. E mais, a feira de artesanato, que antes acontecia no bairro Guará, foi transferida para a Praça do Coco em razão da infraestrutura disponível. Vagner destaca que todas essas ações acontecem em paralelo ao funcionamento do quiosque. E diante da proporção que ganharam, algumas delas foram delegadas para outras pessoas coordenarem, como é o caso da Feira de Cultura e Arte e o Grupo *Eco's Bikers*.

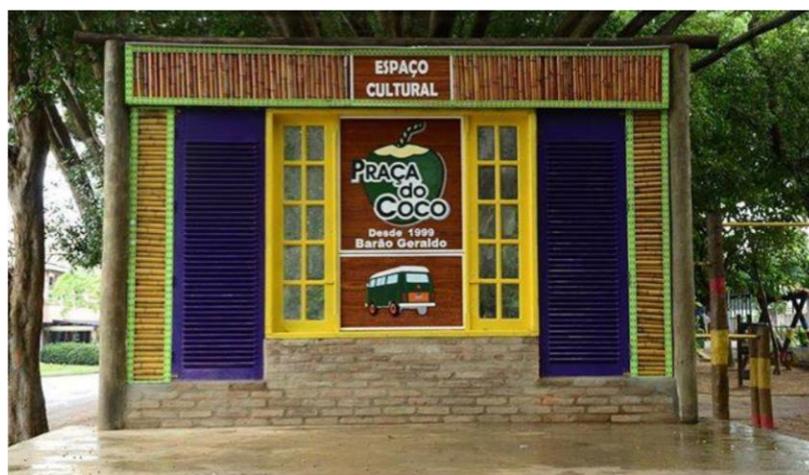


Figura 6 Espaço Cultural Praça do Coco.
Fonte: Portal Praça do Coco. Consultado em: 27/08/2016.

Ao caminhar pela estrutura do quiosque, é possível visualizar uma série de painéis que dão destaque a personagens importantes na história do distrito de Barão Geraldo. Quando questionado por qual razão fizeram isso, Vagner explicou que os moradores do distrito são bairristas, porém pouco sabem dos fatos da região. Diante disso, sentiram a necessidade de fazer este resgate da história mesmo que de forma breve, pois acredita que a maior riqueza de um povo é a sua cultura. Assim, é possível em poucos passos ler a história do barão Geraldo de Resende, da UNICAMP, da lenda urbana do Boi Falô e da Mata Santa Genebra (Figura 6).

O proprietário do quiosque ainda complementou essa linha de raciocínio ao reconhecer que a população de Barão Geraldo é diferente em relação aos outros bairros da cidade. Sua efervescência cultural, a proximidade com a UNICAMP, a busca por saúde e um estilo de vida alternativo, tudo favorece muito à praça. Isto porque, ele sente que o espaço é protegido pelos moradores e frequentadores. Na sua visão, trata-se de um organismo democrático e com vida própria, que agrega política, cultura e esporte.

A gente precisa dar vida à praça. A praça só se torna pública quando as pessoas a frequentam. Tem outras praças em Campinas que têm uma infraestrutura igual ou melhor que a Praça do Coco, mas mesmo assim as pessoas não frequentam. Eu defendo que toda praça deveria ter um pequeno comerciante, porque ele acaba protegendo a praça, traz fluxo de pessoas. A praça era para as pessoas conviverem e isso foi se perdendo com o passar do tempo. Nós queremos resgatar isto. No nosso caso, a população se vê na praça, porque ela deveria ser mantida pela prefeitura, mas foi o pequeno comerciante que fez a diferença”. (Vagner dos Santos, proprietário do quiosque Praça do Coco no distrito de Barão Geraldo, Campinas/SP, 2016)



Figura 7 Conjunto de placas retratando a história de símbolos do Distrito de Barão Geraldo.

Fonte: Acervo próprio, 2016

Mas nem tudo são flores quando o assunto é a Praça do Coco. Vagner lembra de ocasiões em que se viu no núcleo de conflitos. Uma delas foram as edições 2014, 2015 e 2016 do carnaval de Barão Geraldo. Vagner explica que o carnaval, que antes acontecia no centro do distrito, na Avenida Santa Isabel, em 2014 foi transferido para a área onde está a Praça do Coco em função do espaço. O bloco Berra Vaca, o mais tradicional do distrito, cuja proposta é fazer críticas em forma de marchinha, atrai um público muito grande e com isso, vieram os carros de som que foram mudando o

espírito do bloco. Isso causou muito problema, porque os moradores das casas que circundam a praça, em sua maioria, idosos ou com crianças pequenas, reclamaram de bagunça, sujeira e depredação. Assim, ficou acordado que os carros de som ficariam no centro e os blocos na praça; contudo, esta medida não foi suficiente. Logo, ficou acertado que apenas o bloco das Caixerosas, para o público infantil e que sai durante o dia, permaneceria na Praça; os demais, inclusive o Berra Vaca, foram transferidos para outra área do distrito.

Vagner ainda rememora que a remodelação do Tilli Center, pequeno complexo de lojas localizado em Barão Geraldo, impactou diretamente na dinâmica da Praça do Coco, pois provocou a saída de uma série de estabelecimentos comerciais dali e muitos optaram pelas ruas próximas à praça. Esta mudança de endereço acabou transformando as ruas José Martins, Manoel Antunes Novo e Agostinho Páttaro em uma espécie de *boulevard* artesanal e cultural alinhado com características orgânica, artesanal e cultural, alinhados com a proposta da Praça do Coco. Nesta área do distrito é possível encontrar restaurantes de comida vegana e vegetariana, cervejaria artesanal, loja de produtos naturais e uma feira semanal de alimentos e produtos orgânicos.

Diante deste novo cenário, foi criado o Circuito Praça do Coco, uma ação de comunicação que uniu em um mapa todos os estabelecimentos comerciais localizados em torno da Praça do Coco. A ideia central era promover a região para transformá-la em uma referência no distrito. Por isso, foram realizadas atividades diversas, como a oficina de grafite reutilizando cascos de chopeira, cujo resultado foi uma exposição permanente ao ar livre; decoração de árvores com crochê e sessões de leitura de textos infantis.



Figura 8 Mapa Circuito Praça do Coco exposto no local.
 Fonte: Acervo próprio, 2016

Quando questionado sobre o resultado da Praça do Coco, Vagner respondeu que está muito satisfeito, porque sente que ele e seu pai participam da vida de milhares de pessoas e que cumpriram com a missão inicial de resgatar a relação das pessoas com a praça. Contudo, os projetos paralelos não param. Recentemente, criaram uma horta orgânica para produzir alimentos limpos e utilizá-los nos produtos do quiosque. Além disso, farão ações de educação infantil ambiental em conjunto com ONGs. Vagner dos Santos finaliza ao destacar que este reconhecimento do trabalho ali realizado, somado aos momentos em que foi necessário se envolver com órgãos públicos para conseguir que os projetos saíssem do papel, o motivaram a se candidatar a vereador da cidade, para que assim, fosse possível implementar projetos similares à Praça do Coco em outros locais de Campinas.

A trajetória de constituição da Praça do Coco, como exposto, evidencia que, apesar de ser produto da persistência de duas pessoas e do esforço em torna-la possível, ela está diretamente ligada à história de constituição do bairro como produto da vida coletiva. A Praça do Coco expressa a vitalidade que deriva da sociabilidade

entre as pessoas frequentadoras, moradores e visitantes. Assim, a participação dos habitantes na revitalização foi importante e a permanência do projeto também se explica pela convivência e pelo encontro entre as pessoas, vizinhos, amigos, famílias, moradores e visitantes.

2.3 Praça Roosevelt, espaço público em transformação

A praça Roosevelt se localiza no centro da cidade de São Paulo e ao seu entorno estão ruas famosas como Consolação, Augusta e João Guimarães Rosa. Próxima a ela também estão o Parque Augusta, os campi da Universidade Mackenzie e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), além dos restaurantes da Família Mancini, que são ponto de referência da cidade (Figura 9). Sua história será relatada em quatro períodos: 1799 a 1930, 1930 a 1969, 1970 a 1999 e 2000 a 2016.

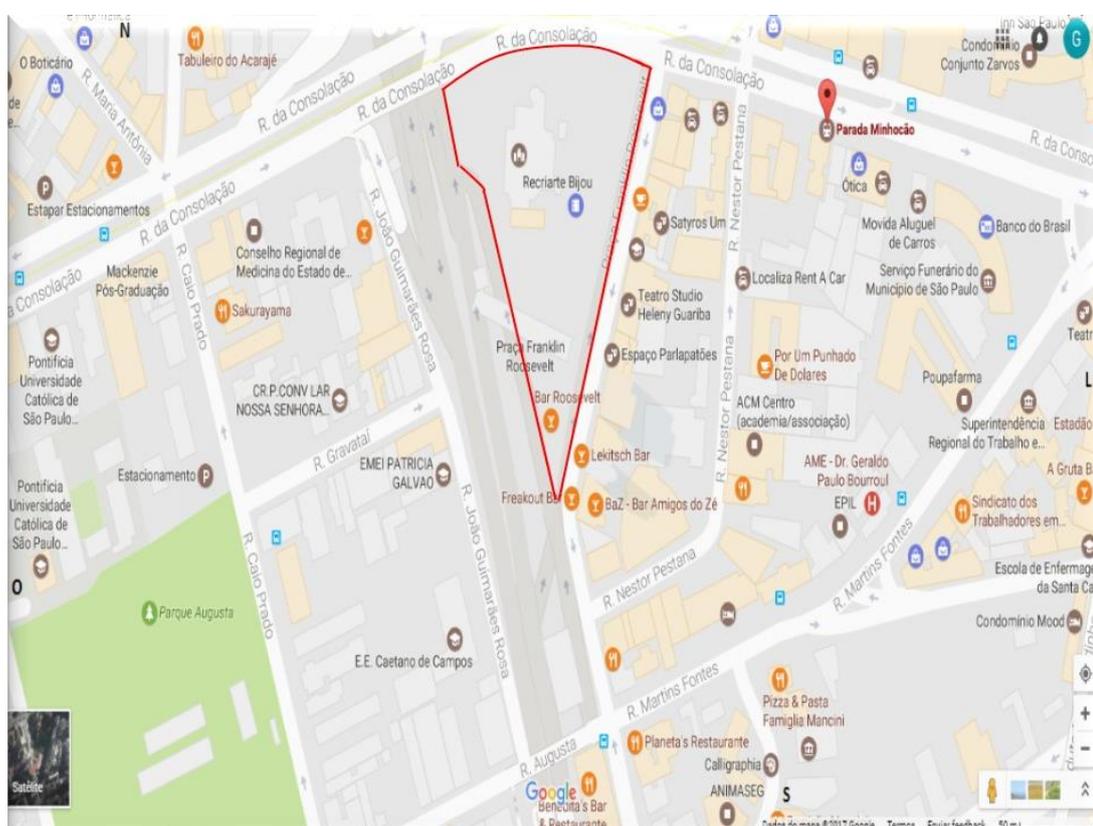


Figura 9 Representação da Praça Roosevelt, em São Paulo (SP).
Fonte: Google Maps de 09 de maio de 2017.

2.3.1 Dona Veridiana, a protagonista da história antes da praça (1799 – 1930)

De acordo com Ferreira (2009) e Calliari (2012), a história da Praça Roosevelt data do final do século XVIII com a fundação da Igreja Nossa Senhora da Consolação à beira do caminho dos Piques, em 1799. Com o passar dos anos, a região aos poucos foi ocupada pelas chácaras da elite paulistana, como o casal Veridiana da Silva Prado e Martinho Prado. Fernandez (2015) destaca em detalhes quem foram estes personagens da história da Praça Roosevelt ao relatar que Veridiana Prado ou Dona Veridiana, como era carinhosamente chamada, era integrante de uma das mais importantes famílias da história do Brasil: os Silva Prado. Filha da terceira geração de Antônio Prado, o Barão de Iguapé, Veridiana (1825 – 1910) foi considerada uma mulher à frente do seu tempo, aristocrata e intelectual. Casou com seu tio Martinho Prado com quem teve quatro filhos. Se separou do marido em 1877, fato notório na época.

A chegada do século XX foi acompanhada de grandes mudanças no bairro da Consolação, em especial para a Igreja Nossa Senhora da Consolação e seu entorno. Ferreira (2009) conta que em 1907 a igreja foi derrubada, em razão da sua estrutura precária e dois anos depois, Dona Veridiana doou parte do seu terreno para construção da nova capela. Esta levou cinco décadas para ser concluída, sendo reaberta em 1959. O autor descreve que a partir de 1910 e da ascensão da indústria automobilística, o terreno ao lado da nova igreja passou a ter nova função: transformou-se em estacionamento e espaço livre para feira.

Em 1913, foi inaugurado o Colégio Alemão (Atual Colégio Visconde de Porto Seguro) e dois anos depois o estádio de futebol, construído anteriormente, no local foi demolido. E, finalmente, segundo Calliari (2012), em 1930, o terreno foi batizado de Praça da Consolação. No mesmo ano, o restante da chacara foi doado à Prefeitura de São Paulo, como forma de compensar providências necessárias para solucionar o problema hídrico e sanitário do local.

2.3.2 Os tempos áureos da Praça Roosevelt (1930 – 1969)

De acordo com Calliari (2012), dois fatores foram determinantes no modelo de crescimento da cidade de São Paulo na década de 30: i) o Plano das Avenidas, de Prestes Maia (1938-1945), um marco para a determinação do automóvel como principal meio de locomoção na cidade, e que, em consequência, inspirou a dinâmica

urbana paulistana, interrompendo o projeto da Light São Paulo de expandir as linhas do bonde e criar a malha de metrô; e ii) o modelo de expansão urbana influenciado pelo mito da casa própria, que, somado à Lei do Inquilinato, de 1942, reduziram o mercado de aluguéis no centro da cidade e pressionaram o crescimento das regiões periféricas.

Anos mais tarde, em 1950, a Praça da Consolação foi rebatizada como Praça Roosevelt para homenagear o presidente americano Franklin Delano Roosevelt, reconhecido por recuperar os Estados Unidos da América da grande crise de 1929. O Brasil vivia tempos difíceis nesse período pós-guerra e os governos de Getúlio Vargas (1951 – 1954) e Juscelino Kubitschek (1956 – 1961) foram marcados por adversidades econômicas e políticas. Era também o tempo de mudanças culturais importantes: o Museu de Arte Moderna de São Paulo fora inaugurado em 1949; no Rio de Janeiro foi criado o estúdio Vera Cruz; e em São Paulo, entrou em funcionamento em 1950 a TV Tupi, primeiro canal de televisão brasileiro (Schwarcz & Starling, 2015). Esses e tantos outros eventos, impulsionaram o período da chamada “Bossa Nova”, na música popular, que, além do teatro, imprimiria identidade para a Praça Roosevelt. A Bossa Nova era um ritmo novo que surgia, cujo som transitava entre o samba e o jazz americano, com letras sobre o cotidiano da classe média brasileira.

Esta efervescência cultural era visível na Praça Roosevelt, com a chegada de pontos de encontro fundamentais para os jovens, músicos e intelectuais da época, como: o Teatro Arena, aberto em 1954; o Bar A Baiúca, inaugurado em 1956; e o Cine Bijou, aberto em 1962. Segundo o “Documentário Roosevelt: uma praça além do concreto (2009)” a atriz travesti Phedra de Córdoba se recorda com orgulho que conheceu a praça Roosevelt no seu auge, quando era chique ter ali o seu endereço residencial. Gabriel Catel, do Teatro do Ator, explica o importante papel do Cine Bijou:

Só para vocês terem uma ideia, o Bijou foi o grande polo centralizador da inteligência brasileira. De Fernando Henrique Cardoso a Silvio Santos, todos frequentavam esse espaço para falar sobre o Brasil, pensar sobre política e para, através dos filmes que aconteciam naquela época, ficarem informados do cinema de arte mundial. (Depoimento ao Documentário Roosevelt: uma praça além do concreto, 2009).

Contudo, por trás dessa manifestação cultural e intelectual, a Praça Roosevelt nada mais era do que um grande estacionamento descampado que abrigava centenas

de veículos durante o dia. Somado a isso, o entusiasmo da Praça Roosevelt começou a perder seu brilho em 31 de março de 1964 com a imposição do regime ditatorial, que depôs o governo João Goulart, dando início a uma fase violenta e obscura nas páginas da história brasileira.



Figura 10 Praça Roosevelt, um estacionamento a céu aberto.
Fonte: Filme “São Paulo S. A.” de Luís Sérgio Person, 1965 (111 min).

Segundo informações extraídas do Acervo Estadão (2016), foi necessário solucionar um problema de demanda viária na região central da cidade e o Prefeito Faria Lima iniciou a desapropriação e asfaltamento de toda a área. Porém, diante de impasses técnicos, como por exemplo remover toneladas de terra, os técnicos responsáveis pelo anteprojeto entenderam que a dinâmica do espaço poderia ser melhor aproveitada. Depois de uma viagem do prefeito à Montreal, onde se inspirou no modelo do “Centro-Cívico”, foi feito algo similar em São Paulo. A praça passou a ser um símbolo da humanização da cidade. Assim, se aspirava fazer da Praça Roosevelt um local de encontro, onde o paulistano pudesse escapar das mazelas diárias: violência, poluição, barulho e trânsito.

A equipe viu, por exemplo, que nas imediações da Praça Roosevelt moravam tantas crianças, que a praça superava muitas cidades do interior juntas. Então, um dos fatores determinantes dessa filosofia da obra nova era o educacional. Faria Lima sempre procurou humanizar a cidade. Depois, o problema de abastecimento: a nova praça deveria ser um grande mercado também. (Matéria “O que mudou nas obras? O ritmo”, Acervo Estadão, 04/06/1969, p. 14).

Assim, ainda em 1968, foi aprovado o plano de construção da Praça Roosevelt. O projeto previa várias transformações na região, que buscavam atender a ideia inicial, tais como: auditório para duas mil pessoas; um conjunto educacional completo; um Centro Cultural para abrigar uma escola de música; uma escola de dança; uma discoteca municipal; e a manutenção do estacionamento, os quais ampliariam quase três vezes a área da Praça, de 25,1m² para 65,25 m². Em 1969, foi aberta uma trincheira atrás da Igreja Nossa Senhora da Consolação e se iniciaram as obras da Praça Roosevelt.



Figura 11 Obra na praça Roosevelt.
Fonte: Acervo Folha de São Paulo, 2016

2.3.3 A decadência da Praça Roosevelt (1970 – 1999)

“Já não é a mesma praça, a praça sonhada pelo prefeito Faria Lima. Está morta, antes mesmo de nascer. A praça sonhada para o paulistano já não existe mais.” (Reportagem “Uma festa na praça inacabada”, Acervo Estadão, 24/01/1970)

Yamashita (2013) relata que, em razão de uma série de alterações e negociações improdutivas, o projeto executado diferiu do aprovado. Inaugurada em 25 de janeiro de 1970, durante a gestão de Paulo Maluf (1969 – 1971), a praça ficou conhecida como “edifício-praça”.



Figura 12 Praça Roosevelt em 1970.

Fonte: Revista Acrópole. Ano 32, nº 379, novembro de 1970

Em entrevista ao documentário “Roosevelt: uma praça além do concreto” (2009), o arquiteto da Empresa Municipal de Urbanismo (EMURB), Sun Alex explica a influência da arquitetura moderna norte-americana, aplicada ao espaço público, no desenho da Praça Roosevelt, que priorizava o automóvel. Consequentemente, fomentava o comportamento cultural americano de ir ao espaço público para se isolar e não para provocar o encontro entre pessoas, premissas antagônicas à ideia original do prefeito Faria Lima.

A polêmica inauguração de uma praça inacabada e a retirada de adereços logo em seguida provocaram a sensação de que a Roosevelt ficara velha no dia seguinte. Somem-se a isso, os relatos de que praticamente todo o comércio que circundava a praça fechou, restando somente o Salão Diplomat e uma papelaria, e reclamações em relação à manutenção e ausência de área verde. A combinação destes fatores contribuiu para a decadência da praça que perdurou por quase três décadas. De acordo com Yamashita (2013), a discussão sobre a reformulação da Praça Roosevelt tomou força em 1978 e em 1984 foram realizadas as primeiras obras de revitalização do espaço.

Yamashita (2013) ainda destaca a dificuldade de gestão da praça Roosevelt, pois nenhum órgão tinha interesse em assumir esta responsabilidade. Por esta razão, cada instituição administrava a parcela do espaço que lhe conviesse. Para a autora, isto fez com que a praça fosse mentalmente fracionada e se disseminou a ausência de referência, provocando a perda de sentido da Praça Roosevelt. Em matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo no dia 16 de maio de 1995, o escritor

Ignácio Loyola de Brandão compartilha a sua decepção com relação à esta perda de identidade deste espaço público:

Quando ela começou a ser reformada, não se sabia bem o que seria o produto final. Trabalharam dia e noite, para o desespero de nós moradores, que não conseguíamos dormir com o barulho. As obras terminaram no início dos anos 70 e nada mais foi como antes, a urbanização matou o lado sentimental da Roosevelt. Ela decaiu, acompanhando o processo que atingiu o Centro. Acabou o Canal 9, o Gigetto se mudou, as boates de luxo sumiram, ficaram os inferninhos, Jacques e Janine se foram para os Jardins, vieram restaurantes a quilo e pizzaria rodízio, até mesmo o Baiúca desistiu. Foi o último reduto” (Ignácio Loyola de Brandão, Acervo Estadão, 16/05/1995)

Diante desse cenário, 25 anos depois da inauguração da nova praça, foi criada a Ação Local Praça Roosevelt, formada prioritariamente por moradores e comerciantes que buscavam unir forças para pleitear uma solução definitiva para o problema de abandono e violência da área. Em 1996, um novo movimento se iniciou na Praça Roosevelt com a chegada do Espaço Studio 184, que ganhou reforço cinco anos depois com a inauguração da Companhia de Teatro Satyros. Era a manifestação cultural reaparecendo na praça e provocando uma mudança na sua dinâmica.

2.3.4 A Praça Roosevelt ressurge? (2000 – 2016)

A história da Praça Roosevelt continuamente teve o encontro entre pessoas como catalisador da sua função social, seja pela influência de personagens de vanguarda, como Dona Veridiana, ou com a disseminação da Bossa Nova nos palcos que a rodearam. Pode-se dizer que em 1999 foi iniciada uma nova fase de reaproximação de pessoas para com a Praça Roosevelt, desta vez com outra forma de expressão cultural: o teatro.

Assim, nota-se que durante o seu período de decadência, a Praça Roosevelt passou a exercer o papel de não-lugar. Que, segundo Baptista (2002), trata-se de um espaço sem identidade, sem memória, sem relação com o seu entorno. Essa mudança de caracterização da praça começou a se reverter com o protagonismo da Companhia de Teatro Satyros que adotou a praça como seu lar e que, a partir de ações culturais, promoveu a integração do espaço com os grupos sociais que já frequentavam a Roosevelt.

Após o Satyros, em 2006 foi a vez do Espaço Parlapatões inaugurar e em 2009 chegou o Minitatro. A Praça Roosevelt passou a ser reconhecida como reduto dos teatros. Atualmente, são sete casas de espetáculo que impactaram diretamente na rotina dos moradores e do comércio local, porque novamente, a praça ganhou vida. Diante desse novo dinamismo, os conflitos entre frequentadores e aspiração pela requalificação da estrutura da Roosevelt ganharam força. Isto posto, em 2006 foi criado o Comitê Roosevelt, como forma de contestação à falta de representatividade da Ação Local Roosevelt. Este comitê era formado pela própria Ação Local, pelo Instituto Pólis, o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), a Escola da Cidade, o Sindicato dos Engenheiros, entidades sociais e culturais, moradores e interessados em geral (YAMASHITA 2013, p. 155 e 156). Vale destacar também que, nas discussões do novo desenho da praça, havia aqueles que eram a favor da demolição do Pentágono⁸ e aqueles que eram contra.

Este debate foi polarizado desde o princípio. De um lado a Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo (EMURB) defendia a demolição, alegando que a estrutura atraía frequentadores indesejados como traficantes de drogas; estava relacionada ao período da ditadura; e, finalmente apontava a dificuldade de manutenção por parte do poder público. Do outro lado, a maioria dos participantes do Comitê Roosevelt alegava que, mesmo remetendo a um período sombrio da história do país, essa memória deveria ser preservada; também propunham um novo uso do espaço, disponibilizando para o Colégio Caetano de Campos e para ações culturais. Também havia a justificativa de que eram contra a derrubada, pois seria realizar a reurbanização pautada pela valorização imobiliária. Assim, a partir da retomada da vocação cultural, o que estava acontecendo na Praça Roosevelt era o aumento de frequentadores, transformando o local em um endereço atraente para estabelecimentos comerciais, além de ter se criado uma atmosfera *cult*. Por consequência, o que foi percebido foi o aumento nos valores dos imóveis que no entorno da praça.

Em 2009, o projeto discutido foi aprovado e em janeiro de 2010 foi aberto o edital de obras para a Praça Roosevelt. Contudo, assim como na obra de 1970, o

⁸ A Praça Maior, conhecida como Pentágono, estava cinco metros acima da laje jardim e sua estrutura projetava uma imensa sombra sobre boa parte da laje-jardim. Esta por sua vez não se conectava com a Rua Augusta, pois havia um enorme vazio utilizado para ventilação da avenida no subsolo. O desnível entre a calçada da Rua Augusta e a Praça Maior tinha aproximadamente onze metros. Tudo isto ocasionou o isolamento urbano da praça e potencializou o seu abandono. Disponível em: <http://www.borellimerigo.com.br/urbanismo/praca-roosevelt>. Acessado em: 20/02/2017

projeto da nova “nova” praça passou por diversas alterações em relação ao original, não considerando, inclusive, a voz da maioria que era contra a derrubada do Pentágono. Yamashita (2013) revela que mesmo após a aprovação do projeto executivo e pouco antes do início das obras, a Ação Local Roosevelt pleiteava por novas alterações, conforme síntese apresentada no quadro 5:

Quadro 5 Comparação entre o projeto inicial de 2010 e o resultado final das mudanças na Praça Roosevelt.

| Projeto inicial Praça Roosevelt | Resultado final |
|--|--|
| Base Polícia Militar na extremidade da praça, abaixo do nível principal | Base da Polícia Militar na extremidade da praça no nível principal |
| Base da Guarda Municipal na extremidade oposta à Base da Polícia Militar, também abaixo do nível principal | Base da Guarda Municipal na extremidade oposta à Base da Polícia Militar no nível principal da praça |
| Projeto inicial Praça Roosevelt | Resultado final |
| Bancos de madeira | Bancos de madeira |
| Floreiras | Floreiras |
| Playground | Playground |
| Telecentro ou Praça Digital | Retirado |
| Teatro Cultura Artística (construído pelos próprios mantenedores) | Retirado |
| Apropriação de edifício público para criar a Escola de Teatro | Retirado |
| Não previsto | Cachorródromo |

Fonte: Adaptado de Yamashita (2013).

Assim, em outubro de 2010 foram iniciadas as obras com orçamento previsto de R\$ 38,6 milhões, parte financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em parceria com Programa Procentro. A Praça Roosevelt tinha previsão para ser reaberta ao público em 18 meses. Porém atrasos relacionados às verbas e imprevistos no projeto adiaram a inauguração para 29 de setembro de 2012 e acarretaram um aumento do orçamento, que alcançou 55 milhões de reais (Ferreira, 2009; Yamashita, 2013; Prefeitura de São Paulo, 2016).

Em meados de outubro de 2012, o jornal Estado de São Paulo publicou a matéria “Roosevelt já tem de aulas a protestos” em que relatava como a praça foi palco de manifestações sociais variadas, imediatamente após a reabertura. Isto evidencia a mudança nas relações da população com o espaço público. Aulas abertas,

nas quais alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie puderam observar as mudanças do espaço; a festa Santo Forte, que visava ocupar o espaço público; e manifestações políticas como Churrascão da Justificativa e Movimento do “Rosa-Choque” foram os primeiros exemplos da ocupação da nova Praça Roosevelt.

Entretanto, novos conflitos surgiram com um novo grupo de frequentadores assíduos: os skatistas. Durante todo o processo de elaboração do desenho da requalificação da praça, não era esperado que o resultado final fosse um espaço ideal para o uso dos skatistas. Isto porque a Praça Roosevelt ficou plana, com escadas e corrimões, bancos e pequenos obstáculos. O que antes era reduto teatral, também ficou conhecido como a praça dos skatistas; para muitos moradores, um sinal de alerta para perturbação; para a cidade, um espaço público democrático. Algumas alternativas foram implantadas para minimizar os dissabores, como por exemplo a fixação de placas de sinalização com indicação de horário para permanência na praça dos praticantes de skatismo. Contudo, isto não foi suficiente e, em 2014, a Praça Roosevelt passou por mais uma intervenção, desta vez para a criação do Skate Parque, uma área de 1,5 km² com obstáculos, bancos e corrimões, cujo principal objetivo era delimitar o espaço para a prática do esporte.

Em novembro 2016, mais uma polêmica entrou para as páginas da história da Praça Roosevelt. O vereador Eliseu Gabriel, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), enviou à Câmara Municipal o Projeto de Lei 01-000421/2016, cuja proposta era criar a Área Especial Parque Franklin Roosevelt, com 18 mil m² fechados por grades. Dessa forma, a administração e gestão seria assumida pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA), órgão pertencente ao Departamento de Parques e Áreas Verdes (DEPAVE), e todas as despesas de manutenção e fiscalização da praça seriam assumidas pelo orçamento da pasta.

O vereador justificou o envio desta proposta alegando conflitos antigos como transtorno para a vida dos moradores, em razão do barulho e por não haver horário de fechamento das atividades no local; e, a degradação da praça com pichações, consumo de drogas e vandalismo, diante da falta de manutenção da Subprefeitura da Sé. E, ao transformar a praça em parque espera-se garantir o lazer, a segurança e qualidade de vida para todos os moradores e frequentadores. Esta ação gerou várias reações, principalmente nas redes sociais. Destaca-se a criação da página “Praça Roosevelt de Todxs”, no Facebook, através da qual são promovidos encontros no

local para discutir formas de apropriação do espaço por diferentes grupos sociais. É também uma forma de resistência em relação à proposta de transformar a Praça Roosevelt em um espaço fechado.

2.4 Síntese do capítulo

Em 2013 a ONU Habitat publicou o relatório “Ruas como espaços públicos e condutores de prosperidade urbana” no qual se apresentaram as diretrizes gerais de como uma cidade pode ser mais próspera. Neste documento, destaca-se a contribuição das ruas, praças e espaços públicos para a definição das funções culturais, sociais, econômicas e políticas de uma cidade. Isto porque estes foram e continuam sendo os primeiros elementos para distinguir uma cidade caótica e não planejada de uma cidade bem estabelecida. O relatório ainda salienta que as sociedades modernas, tanto de países muito desenvolvidos quanto em desenvolvimento, estão clamando pela recuperação de funções sociais das ruas e espaços públicos, para pleno uso das pessoas. Por fim, por meio do estudo da ONU constatou-se que as cidades que falharam no processo de integração da multifuncionalidade das ruas e espaços públicos tendem a ter baixa produtividade e qualidade de vida, e que a falta de relação das ruas e espaços para com as pessoas provoca o crescimento da exclusão social e da desigualdade em várias esferas. Constatou-se também que as praças e espaços públicos são carregados de referências simbólicas, como se procurou mostrar na descrição das praças estudadas aqui, e acolhem indivíduos independentemente de sua condição social, contendo atributos que levam à identidade dos lugares, e remetem às qualidades hospitaleiras de um lugar público.

Partindo desta ideia, este capítulo apresentou a contextualização da formação histórica e cultural das praças do Coco, localizada no distrito de Barão Geraldo em Campinas (São Paulo) e Roosevelt, localizada no centro da cidade de São Paulo. Isto porque, ambas as praças foram alvo de reformas nas duas últimas décadas, com consequências evidentes tanto para a sociabilidade e ressignificação enquanto espaços públicos, quanto para suas funções sociais e culturais.

A trajetória das praças se assemelha no engajamento de seus frequentadores, proteção dos moradores que as circundam e, principalmente, nos respectivos atrativos culturais. A praça Roosevelt tem como personagem chave Dona Veridiana, uma mulher que esteve à frente do seu tempo, e, como pano de fundo, a Bossa Nova e a

ditadura brasileira, elementos estes que combinados resultaram em uma praça reconhecida pelo seu apelo da arte do teatro. Na praça do Coco, pai e filho, Valdir e Vagner do Santos, se norteiam pelos princípios do desenvolvimento sustentável para resgatar e preservar a história do distrito de Barão Geraldo, que desde a sua formação, apresenta características que se destacam em relação à cidade de Campinas e são visíveis no comportamento dos seus frequentadores e moradores. Desta forma, vários são os agentes públicos e privados que concorrem para sua manutenção. Nos dois casos, pode-se perceber uma motivação comum para realização das mudanças, e em certo sentido, ultrapassar os entraves colocados pelo poder público, ao transformar as adversidades e preservar os espaços públicos, transformando-os em Lugares no sentido antropológico.

CAPÍTULO 3 - A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Após o levantamento do referencial bibliográfico para esta dissertação, foi necessário exemplificar cenas reais de hostilidade e hospitalidade no contexto das Praças do Coco e Roosevelt, para observar os contrapontos destas duas categorias de análise. Se de um lado relações de hospitalidade podem apresentar características de identidade e sentimento de pertencimento, de outro as manifestações de atos de hostilidade podem ser entendidas como o descolamento, a segregação e o não reconhecimento de pessoa. Logo, na análise da hospitalidade, é preciso considerar sua outra face, a hostilidade, a exclusão e a possibilidade de conflitos.

Assim, este capítulo final tem como proposta discutir a hospitalidade urbana nas Praça do Coco e Roosevelt a partir de dados levantados por meio de: i) perguntas estruturadas em um *survey*; ii) matérias de jornais que retratavam cenas de hostilidade nos objetos de estudo. Assim, num primeiro momento serão apresentadas as metodologias adotadas e em seguida, serão discutidos e analisados os resultados obtidos no *survey* e nas matérias de jornais. O capítulo se encerra com uma análise da hospitalidade urbana nas Praças do Coco e Roosevelt a partir de elementos tangíveis

3.1 Metodologia

3.1.1 Pesquisa *survey*

A fim de identificar o perfil público das Praça do Coco e Roosevelt bem como as motivações de frequência nestes espaços, recorreu-se ao instrumento de pesquisa com *survey* composto por perguntas estruturadas para coleta de dados utilizando a plataforma *Survey Monkey*. Vale destacar que foram assumidos como público os grupos de moradores, visitantes e frequentadores.

De acordo com Santos (1999), a pesquisa *survey* visa buscar informações diretamente com o grupo de interesse. Já Fonseca (2002) complementa ao explicar que a pesquisa com *survey* serve para coletar informações sobre as características de um determinado conjunto de pessoas por meio de um questionário com perguntas estruturadas ou semiestruturadas. É importante destacar ainda que, neste tipo de recurso, o respondente é mantido em sigilo.

Inicialmente, realizou-se um pré-teste do roteiro composto por 30 perguntas abertas e fechadas. A ideia nesta etapa era verificar se as perguntas elaboradas eram claras e objetivas, checar respostas que poderiam ser comuns entre os respondentes

e, a partir destas respostas, transformar as perguntas abertas em fechadas. Neste pré-teste, procurou-se também identificar a necessidade de reduzir ou aumentar o número de perguntas. O pré-teste foi realizado entre os dias 31 de maio e 29 de junho de 2016 e foram obtidas 20 respostas. Com os resultados do pré-teste, todas as perguntas passaram a ser fechadas, com uma ou mais opções de resposta. Também se identificou a necessidade de aumentar o número de perguntas em ambos roteiros.

Para a Praça do Coco, o roteiro foi adaptado para 32 perguntas estruturadas que tiveram um total de 101 respondentes. A amostra foi determinada por conveniência, sendo o instrumento divulgado na rede social Facebook, incluindo grupos como S.O.S Barão Geraldo, Unicamp, Cultura em Barão Geraldo e Barão Geraldo – Campinas/SP. Também se fez uso do *mailing* de pessoas do *networking* próprio.

No caso do público da Praça Roosevelt, o roteiro final foi composto por 33 perguntas estruturadas e uma semiestruturada, somando 105 respondentes. A amostra também foi determinada por conveniência, tendo o questionário sido divulgado na rede social Facebook, incluindo grupos como Praça Roosevelt Skateboard, Usuários da Praça Roosevelt, Praça Roosevelt e Universidade de São Paulo – USP. Novamente, fez-se uso do *mailing* de pessoas do *networking* próprio.

Os conjuntos de perguntas de ambos os questionários foram divididos em cinco grupos (Apêndice A): origem e frequência às praças (G1), com três perguntas em ambos questionários; motivações de frequência (G2), com três perguntas para em ambos questionários; identificação com as praças (G3), com quatro perguntas em ambos questionários; percepções em relação às transformações (G4), com 17 perguntas para respondentes da Praça do Coco e 18 perguntas para os da Praça Roosevelt; e dados dos respondentes (G5), com cinco perguntas em ambos questionários.

Optou-se por realizar esta codificação visando facilitar a organização e análise dos dados. Após o levantamento das informações, os resultados foram tabulados e em seguida, foi elaborada a análise por meio de gráficos e interpretação dos dados quantitativos.

3.1.2 Análise de conteúdo

Foram selecionadas 40 matérias, extraídas dos jornais Correio Popular (Campinas/SP) e Folha de São Paulo (São Paulo/SP), publicadas no período de 01

de janeiro de 2013 a 31 de dezembro de 2016, nas quais o título se referia a qualquer uma das praças e que retratassem fatos envolvendo frequentadores e/ou moradores. Após a leitura flutuante deste material, foram eliminadas quatro matérias que não atendiam aos seguintes critérios de seleção: ocupação do espaço público com manifestações, festas, feiras etc; conflitos envolvendo brigas, intervenção da polícia etc ou reclamações. Optou-se por utilizar a regra de homogeneidade que, segundo Bardin (1997, p. 102), é adequada para quando se busca obter resultados globais e/ou comparar entre si resultados individuais. Logo, o extrato final do corpus ficou composto por 17 matérias sobre a Praça do Coco e 19 matérias sobre a Praça Roosevelt.

Optou-se por utilizar a metodologia de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977, p.38), trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição. Franco (2005) explica como a organização da análise de conteúdo deve ser feita. Primeiro é preciso fazer uma pré-análise, em que se define a escolha dos documentos, formulam-se as hipóteses e/ou objetivos e por último elaboram-se os indicadores e/ou enunciados. A autora ressalta que para se definir os documentos que serão submetidos ao processo de análise é preciso ter regras de escolha e seleção tais como: exaustividade, representatividade e homogeneidade. Franco (2005) também explica que a elaboração das hipóteses e/ou objetivos pode ser a priori (antes da análise) ou a posteriori (após a análise). Após a pré-análise, a mesma autora explica que é necessário definir quais serão as categorias de análise, cujos principais requisitos são: exclusão mútua (único princípio de codificação), pertinência, objetividade e fidedignidade.

“A categorização é uma operação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.” (FRANCO, 2005, P. 57)

Após a definição do extrato final do corpus para análise, partiu-se para a determinação dos enunciados. Bardin (1997) e Franco (2005) explicam que estes são menções explícitas ou subjacentes de um termo de mensagem, como por exemplo:

- Mensagem: Supõe-se que a identidade se manifeste nos espaços.
- Indicadores: Pessoas conhecem a história do local, sentem-se acolhidos, orgulhosos e protegem o espaço.

Assim, definiu-se como enunciados para esta análise toda e qualquer manifestação por parte dos moradores e/ou frequentadores que representassem indicadores de **hospitalidade** no contexto das praças e toda e qualquer manifestação por parte do frequentador e/ou morador que representassem indicadores de **hostilidade** ou seja, conflito, segregação ou não reconhecimento do outro no contexto das praças. Logo, o requisito escolhido para definir as categorias foi de pertinência, que, segundo Bardin (1997) e Franco (2005), deve ser utilizado quando a categoria é considerada pertinente e está adaptada ao corpus. Dessa forma, hospitalidade e hostilidade constituem categorias chave para a análise. Por fim, codificaram-se os enunciados para facilitar as respectivas frequências nos documentos e assim possibilitar a análise do conteúdo. O primeiro enunciado foi identificado como C1 e o segundo como C2. Esses enunciados e categorias foram aplicadas nas matérias de jornais e no survey, e foram criadas subcategorias para exemplificar em detalhe as manifestações de hospitalidade e hostilidade.

3. 2 Resultados e análise

3.2.1 Pesquisa *survey*

A partir dos resultados obtidos após aplicação dos questionários na pesquisa *survey*, foi possível identificar as características dos públicos que frequentam as Praça do Coco e Roosevelt. Estes, em diversos aspectos se distinguem e em outros se assemelham. Na Praça do Coco, 63% dos frequentadores são do sexo feminino, possivelmente em razão do parquinho disponível para crianças, onde as mães podem deixar seus filhos brincando em segurança. Já na Praça Roosevelt essa relação é de 48% de mulheres e 52% de homens. Aqui vale destacar o equilíbrio entre gêneros, que pode ser entendido como reflexo de um espaço público democrático, pelo menos no quesito gênero.

Foi possível identificar também um equilíbrio em relação ao estado civil dos frequentadores da Praça do Coco, uma vez que, 53% se declaram solteiros e 46% casados. Na Praça Roosevelt se observou o contrário, sendo uma praça frequentada em sua maioria por solteiros, 66% do total, enquanto que 32% responderam ser casados. O quadro 6 “Faixa etária frequentadores das Praças” retrata como o público da Praça Roosevelt é mais heterogêneo do que o da Praça do Coco.

Quadro 6 Faixa etária de frequentadores entrevistados na Praça do Coco, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) e da Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo

| Faixa etária | Percentual (%) | |
|------------------|----------------|-----------------|
| | PRAÇA DO COCO | PRAÇA ROOSEVELT |
| 11-17 | 0 | 3 |
| 18 – 25 | 11 | 10 |
| 26 - 32 | 42 | 23 |
| 33 - 39 | 24 | 21 |
| 40 – 46 | 15 | 23 |
| 47-53 | 3 | 6 |
| 54-59 | 1 | 6 |
| Acima de 60 anos | 4 | 8 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: Pesquisa *Survey Monkey* realizada pela autora, 2017.

Há muitas razões para isso acontecer, a primeira delas é a localização. A Praça Roosevelt está localizada no centro da cidade de São Paulo, enquanto que a Praça do Coco está em um distrito da cidade de Campinas, o que dificulta a frequência de outras pessoas que não moram ali. Outro ponto importante diz respeito ao espaço. A Praça do Coco sendo menor que a Praça Roosevelt não consegue acolher muitos moradores e visitantes. Contudo, é importante ressaltar que, em ambas praças a maioria expressiva de pessoas está concentrada na faixa etária entre 26 e 39 anos, expondo a concentração de jovens frequentadores.

Na Praça do Coco há muitas crianças, mães, frequentadores do quiosque e eventualmente grupos de pessoas que andam de bicicleta; na Praça Roosevelt no mesmo espaço convivem skatistas, os que andam de patins e frequentadores e trabalhadores dos teatros e bares. Outro dado relevante que pode ser observado é que ambas as praças são frequentadas por pessoas de faixas de idades visivelmente distintas, crianças pequenas, pré-adolescentes e idosos enxergam nestas praças espaços comuns para se frequentar. Segundo Jacobs (2000), quanto mais diversificado for o espaço mais pessoas de diferentes grupos sociais o frequentarão.

Quando questionados se frequentam outras praças na cidade, 58% dos respondentes do público da Praça do Coco disseram que não, enquanto que 77% dos respondentes da Praça Roosevelt disseram que sim. Não necessariamente este resultado significa que os frequentadores da Roosevelt não são fiéis a ela; há outros

dados que mostram o contrário. O que se vê aqui são dois aspectos distintos. Primeiro, em São Paulo há outras opções de espaços públicos disponíveis para os moradores e visitantes, como por exemplo, o Parque do Ibirapuera, o Mirante 9 de Julho, as Praças da Sé, 14 Bis e do Arouche, entre outros. O que não ocorre em Campinas, onde as opções de espaços públicos com fácil acesso no município são mais escassas. Nota-se também o localismo exacerbado do morador do distrito de Barão Geraldo que, conforme relatado anteriormente, tem uma forte ligação a ponto de se ter o jargão comum que “Barão Geraldo não é Campinas”. Com isso, o que se vê são os moradores de Barão Geraldo vivendo suas vidas independentes de Campinas; estes procuram trabalhar, morar e ter o seu lazer no próprio distrito.

Essa característica dos habitantes de Barão Geraldo é considerada como positiva em se tratando da proposta de Cidade Criativa, uma vez que, mostra o vínculo social, a identidade e o sentimento de pertencimento e orgulho que pode promover o instinto de proteção com o local. Este sentimento de orgulho foi confirmado na P16 em ambos os roteiros, pois 84% dos respondentes da Praça do Coco e 78% da Praça Roosevelt confirmaram que sentem orgulho desses espaços. No capítulo dois, os primeiros sinais deste orgulho exaltado ficaram evidentes em alguns fatos como vasos de flores para enfeitar a Praça do Coco, dados de presente pelos moradores para o Sr. Valdir e o Vagner; a sensação de que eles sentem que o público preza pela praça; e as diversas ações realizadas na Roosevelt para discutir e evitar o gradeamento do local. Isto corrobora com a visão exposta no capítulo um, de discussão sobre Cidade Criativa, que quando o indivíduo se envolve verdadeiramente com o seu espaço, seu bairro, e zela por ele, fará com que seja o melhor lugar para se viver.

Por outro lado, quando questionados se conheciam a história das praças, a maioria dos respondentes de ambos os objetos disseram que não. Mas, na Praça do Coco, 77% reconhecem que houve um resgate e valorização da memória do distrito de Barão Geraldo. Por outro lado, o público da Praça Roosevelt ficou dividido com relação a isso. Aqui, observa-se uma diferença significativa nos cenários em função da ação do Sr. Valdir e de Vagner dos Santos utilizarem imagens de símbolos locais para contar a história de Barão Geraldo, como visto no capítulo dois. Esta atitude nada mais é do que uma forma de se explorar as singularidades da região e promover legibilidade e resgate de memória para o público.

A relação dos públicos para com os espaços pode ser percebida na P14 (Apêndice A). Isto porque 93% do público da Praça do Coco e 75% do da Roosevelt

responderam que se sentem acolhidos ali. Isto mostra o vínculo social gerado pelos encontros entre pessoas que acontecem nesses lugares. Se fosse o caso de ambientes inóspitos, frequentados por pessoas hostis e que não gerassem qualquer sentimento agradável aos frequentadores e moradores, estas respostas seriam opostas. Este fato pode ser confirmado por Ferraz (2013, p. 82 - 83):

[...] um espaço pode proporcionar todas as condições físicas de hospitalidade, mas se a cidade não tiver um clima agradável, dificilmente será considerada por todos como uma cidade hospitaleira. Por outro lado, se uma cidade tiver um povo acolhedor e amável, mas se seus espaços urbanos não propiciarem condições de hospitalidade, dificilmente os visitantes se sentirão em caso, acolhidos.

Em se tratando da motivação de frequência às Praças do Coco e Roosevelt, evidencia-se a função original da praça: trocas culturais, comerciais e sociais. Na Praça do Coco, a maioria das pessoas sinalizou que vai ao local por causa do ambiente, seguida pela comida e depois pelo encontro entre as pessoas. Já na Praça Roosevelt, o destaque foi para o encontro, depois casas de teatro e bares, estas características observadas apontam o grau de identidade das pessoas com as praças, sendo uma para atividades diurnas e outra noturna.

No quadro 6 está indicada a motivação de frequentadores das duas praças aqui estudadas. Pode-se notar que ambas as praças não são vistas apenas como referências de atividades culturais, como elas propõem, e buscam se diferenciar pelo ambiente (Praça do Coco) ou das casas de teatro (Praça Roosevelt). O que motiva as pessoas a frequentá-las é a sociabilidade, a comensalidade, o ritual de se relacionar com o outro, seja ele um estranho ou não. Esta motivação é a mesma apontada por Valentine (2008) e Chavéz e Van der Rest (2014), e mencionada anteriormente, que os espaços devem promover algum tipo de vínculo social, intimidade, e não apenas encontros pontuais.

Quadro 7 Fator de motivação dos entrevistados na Praça do Coco, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) e da Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo

| Fator de motivação | Praça do Coco | Praça Roosevelt |
|----------------------------------|---------------|-----------------|
| | % | |
| Comida | 20 | 0 |
| Bebida | 16 | 0 |
| Ambiente | 35 | 0 |
| Eventos/ atividades | 16 | 0 |
| Encontro com outras pessoas | 13 | 28 |
| Casas de teatro | 0 | 21 |
| Bares | 0 | 21 |
| Restaurantes | 0 | 6 |
| Eventos | 0 | 13 |
| Facilidade de trânsito no centro | 0 | 7 |
| Área de skate | 0 | 4 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: Pesquisa *Survey Monkey* realizada pela autora, 2017.

Quando questionados sobre as vantagens observadas após as intervenções realizadas nas praças, as respostas obtidas traduzem o conteúdo apresentado nos capítulos anteriores, conforme o quadro 8.

Quadro 8 Grau de prioridade (ranking) dos benefícios percebidos após reformas nas praças por entrevistados na Praça do Coco, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) e da Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo.

| Ranking | Praça do Coco | Praça Roosevelt |
|---------|--|---|
| 1º | Ocupação do espaço público | Ocupação do espaço público |
| 2º | Incentivo de contato com a natureza | Acesso simplificado a eventos culturais |
| 3º | Acesso simplificado a eventos culturais | Sentimento de pertencimento à comunidade |
| 4º | Sentimento de pertencimento à comunidade | Troca de experiências e convívio entre frequentadores |
| 5º | Troca de experiência e convívio entre frequentadores | Melhoria na segurança |
| 6º | Incentivo à consciência ambiental | |

Fonte: Pesquisa *Survey Monkey* realizada pela autora, 2017.

Observa-se que, tanto na Praça do Coco quanto na Praça Roosevelt, o sentimento de pertencimento à comunidade e as trocas foram destacados pelos

entrevistados. Na Praça Roosevelt percebem-se inúmeros conflitos entre os grupos que a frequentam, como será discutido mais à frente. Isto mostra que, apesar de ser um espaço multifuncional, a Roosevelt não necessariamente é um lugar em que as diferenças são respeitadas. Tal observação pode ser validada pela visão de Valentine (2008) e Chávez e Van der Rest (2014), mencionada anteriormente, que a aproximação entre pessoas não significa necessariamente uma transformação social, a compreensão do outro.

Nota-se também que o acesso simplificado à cultura foi um benefício comum para ambos os públicos. Como visto anteriormente, as duas praças têm como proposta serem locais com capital cultural, seja pelos encontros e discussões comuns, as casas de teatro, shows e manifestações na Praça Roosevelt, ou pelo carnaval, ~~paleo~~ de apresentações e encontros de grupos na Praça do Coco. Guardadas as devidas proporções, esta vocação cultural das praças promove um resgate de suas funções originais, como parte da função social das praças antigas como a Ágora, Fórum Romano e Praças Medievais, e como uma força catalisadora para a regeneração urbana, conforme sugerido pela proposta de Cidade Criativa.

3.2.2 Análise de conteúdo de matérias de jornais e do questionário survey

Aplicado o método de análise de conteúdo obteve-se como resultado 13 matérias na Praça do Coco e 15 na Praça Roosevelt que retratavam as manifestações de hospitalidade que, em função do tamanho, encontram-se no Apêndice B. As manifestações de hostilidade foram identificadas em quatro matérias para cada praça que se encontram no Apêndice C.

A partir das informações levantadas foi possível observar que a grande maioria das matérias que dão conta das manifestações de hospitalidade, são de caráter cultural, seja por eventos de música, teatro ou dança ou por manifestações sociais. Já com relação à hostilidade, conforme já relatado anteriormente, tanto a Praça do Coco como a Praça Roosevelt têm seus conflitos específicos, como por exemplo, os problemas de segurança, brigas por causa de música alta, sons elevados durante o carnaval em Barão Geraldo e as desavenças entre moradores e *skatistas* e/ou moradores e frequentadores dos bares, respectivamente.

No caso da Praça do Coco, as matérias apresentavam a versão dos moradores que explicavam que aqueles que praticavam os arrastões, os sons de carros que infringiam a lei do Pancadão e promoveram as brigas entre participantes dos blocos de carnaval, não eram pessoas que frequentavam o distrito de Barão Geraldo, tampouco a Praça do Coco. Na realidade, pelo cunho cultural e tradição do carnaval, o distrito atrai pessoas de toda cidade de Campinas e região que, na maioria das vezes, não se reconhecem no espaço e/ou se sentem segregadas em razão da condição social ou estilo de vida. Diante destes fatos, em 2016, o prefeito de Campinas permitiu que apenas os blocos que possuíssem alvará pudessem sair na rua durante o carnaval e reforçou o policiamento no distrito de Barão Geraldo. Já em relação à Praça Roosevelt os conflitos são mais antigos, a desarmonia entre moradores e frequentadores/proprietários dos bares e teatros se dá em razão do barulho que se estende ao longo da madrugada, além do lixo produzido que fica à cargo da prefeitura de São Paulo.

Cabe destacar aqui que, a partir da contextualização sobre os objetos de estudo e a leitura das matérias em questão, pode-se perceber um denominador comum em relação à minimização dos conflitos ocorridos nas praças. Nos dois casos, os envolvidos defendem que a ocupação do espaço público de maneira democrática e nos diferentes períodos do dia, inibem atos de vandalismo e de violência, podendo até reverter situações de pessoas que não se sentem pertencentes ao espaço.

Os resultados da análise de conteúdo de algumas perguntas do questionário *survey* apontam para o mesmo caminho. Em sua maioria, as respostas indicam manifestações de hospitalidade e suas diversas dimensões que, neste caso, estão diretamente relacionadas às categorias de hospitalidade urbana. O que se observa nos dois casos, são outros exemplos de cenas de hostilidade. Enquanto que, nas matérias extraídas dos jornais verificaram-se conflitos, aqui observa-se o desinteresse em se conhecer a história das praças, pois a maioria das pessoas sinalizou que não conhece essas trajetórias. Por outro lado, é nítida a diferença da percepção dos públicos se as intervenções realizadas nas praças resgataram ou não sua história. Como visto anteriormente, na Praça do Coco há uma série de imagens que retratam a história de personagens importantes do distrito de Barão Geraldo e por isso, verifica-se um resultado diferente da Praça Roosevelt, que não executa nenhuma ação nesse sentido. Isto sinaliza que este tipo de recurso pode promover ainda mais uma relação

de identidade com o espaço. Nos quadros 10 e 11 estão expostos os resultados de ambos enunciados, respectivamente para a Praça do Coco e para Praça Roosevelt.

Quadro 9 Análise de conteúdo resultados pesquisa survey na Praça do Coco no distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP).

| Grupo | Pergunta | Resposta | | Categoria | Subcategoria |
|---|---|---|---------------|---------------------------|---|
| G2 | O que te motiva a ir à Praça do Coco? | 1. Ambiente 2. Comida 3. Bebida 4. Atividades realizadas no local 5. Encontro com outras pessoas | | Hospitalidade | Comensalidade, sociabilidade e acessibilidade |
| G4 | Você se sente acolhido na praça? | Sim – 93% | Não – 7% | Hospitalidade | |
| | Você sente orgulho da praça? | Sim – 84% | Não – 16% | Hospitalidade | |
| | Por que? | 1. Parceria público privado que deu certo | | Hospitalidade | Qualidade de vida |
| | | 2. Boa prestação de serviço da equipe do quiosque | | | |
| | | 3. Os frequentadores protegem a praça | | | |
| | Quais (benefícios percebe na qualidade de vida dos frequentadores?) | 1. Ocupação do espaço público 2. Incentivo de contato com a natureza 3. Acesso simplificado a eventos culturais 4. Sentimento de pertencimento à comunidade 5. Troca de experiência e convívio entre frequentadores 6. Incentivo à consciência ambiental | | Hospitalidade | Identidade, sentimento de pertencimento, acessibilidade e cidadania |
| Você conhece a história da praça? | Sim – 44% | Não – 56% | Hostilidade | Desinteresse | |
| Acredita que as transformações resgataram a história do espaço? | Sim – 77% | Não – 23% | Hospitalidade | Identidade e legibilidade | |

Fonte: Pesquisa *Survey Monkey* realizada pela autora, 2017.

Quadro 10 Análise de conteúdo resultados pesquisa survey na Praça Roosevelt no centro de São Paulo (SP).

| Grupo | Pergunta | Resposta | | Categoria | Subcategoria |
|---|---|--|--------------------------|---------------|---|
| G2 | O que te motiva a ir à Praça Roosevelt? | 1. Encontro com outras pessoas 2. Casas de teatro 3. Bares 4. Eventos 5. Facilidade de trânsito no centro 6. Restaurantes 7. Área de skate | | Hospitalidade | Sociabilidade e acessibilidade |
| G4 | Você se sente acolhido na praça? | Sim – 77% | Não – 23% | Hospitalidade | |
| | Você sente orgulho da praça? | Sim – 78% | Não – 22% | Hospitalidade | |
| | Por que? | 1. As pessoas frequentam mais o centro | | Hospitalidade | Cidadania e acessibilidade |
| | | 2. A mudança no entorno | | Hospitalidade | Qualidade de vida |
| | | 3. Os frequentadores protegem a praça | | Hospitalidade | Cidadania e identidade |
| | Como define a praça? | Lugar de passagem – 17% | Lugar de interação – 83% | Hospitalidade | Legibilidade, identidade e sociabilidade |
| | Quais (benefícios percebe na qualidade de vida dos frequentadores?) | 1. Ocupação do espaço público 2. Acesso simplificado a eventos culturais 3. Sentimento de pertencimento à comunidade 4. Troca de experiências e convívio entre frequentadores 5. Melhoria na segurança | | Hospitalidade | Identidade, sentimento de pertencimento, acessibilidade e cidadania |
| | Você conhece a história da praça? | Sim – 42% | Não -58% | Hostilidade | Desinteresse |
| Acredita que as transformações resgataram a história do espaço? | Sim – 46% | Não – 54% | Hostilidade | | |

Fonte: Pesquisa *Survey Monkey* realizada pela autora, 2017.

3.3 A hospitalidade: elementos tangíveis

Objetivou-se, nos capítulos anteriores, trabalhar com o conceito de hospitalidade no contexto urbano, como uma realidade multifacetada. O conceito de hospitalidade urbana em diferentes abordagens, aparece sob a ótica de elementos intangíveis. Entretanto para Grinover (2006, 2013 e 2016) pode-se entender a

hospitalidade urbana a partir de atributos espaciais quando se leva em consideração as categorias de acessibilidade, legibilidade e qualidade de vida. Do mesmo modo, Ferraz (2013), a partir das categorias acima mencionadas, elabora uma metodologia de análise desmembrando estas três categorias em atributos espaciais de hospitalidade urbana (Quadro 11).

Quadro 11 Atributos espaciais de hospitalidade urbana

| ATRIBUTO | CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS |
|----------------|--|
| DIVERSIDADE | Diversidade de usos Diversidade de espaços públicos |
| PERMEABILIDADE | Permeabilidade física Permeabilidade visual |
| LEGIBILIDADE | Referenciais visuais Tipologias arquitetônicas |
| CONFORTO | Conforto sensorial |

Fonte: FERRAZ, V. Hospitalidade urbana em grandes cidades. São Paulo em Foco. USP. 2013, p. 90

Assim, segundo Ferraz (2013) por **diversidade** entende-se as diferentes formas de uso e funções do espaço, tais como aspectos como variedade de serviços, existência de prédios residenciais e/ou comerciais, se edifícios são novos, antigos, de luxo ou simples, se o espaço é frequentado em diferentes turnos do dia etc. Para a autora, estes são alguns dos elementos que podem dar a sensação de segurança no local e atrair diferentes grupos sociais, pois são lugares multifuncionais, que facilitam a mistura e o encontro entre pessoas. Já a **permeabilidade** está relacionada aos aspectos de acessibilidade e visibilidade. Os principais atributos espaciais analisados nessa categoria são a facilidade no fluxo de pessoas e a integração entre espaços públicos e privados. Por **legibilidade** a autora entende os elementos físicos que facilitam a identificação do espaço como a tipologia arquitetônica e marcos visuais (monumentos, esculturas e edifícios). E por último, por **conforto** Ferraz (2013) entende todo elemento que implica diretamente nas condições fisiológicas do ser

humano tais como espaços para se sentar, abrigo em caso de intempéries, arborização, banheiro em boas condições, manutenção do espaço e outros.

Para a presente pesquisa elaborou-se um roteiro de análise de elementos que se enquadram nas categorias descritas, conforme consta no Apêndice D e realizou-se uma observação participante nas Praças do Coco e Roosevelt. O objetivo foi identificar características de cada uma das categorias nas praças estudadas, a fim de verificar os atributos espaciais que poderiam indicar as relações de hospitalidade urbana.

3.3.1 Praça do Coco: categorias de análise

DIVERSIDADE

A região onde está localizada a Praça do Coco no distrito de Barão Geraldo sempre foi dotada de uso residencial. Contudo houve uma mudança significativa no seu entorno nos últimos cinco anos diante do reconhecimento da área como espaço de lazer. Por esta razão, o que se vê hoje é o uso misto do espaço, tanto residencial como comercial. A Praça do Coco é circundada por quatro ruas (Rua Manuel Antunes Novo, Rua José Martins e Rua Agostinho Páttaro). A maior concentração de espaços comerciais está nas ruas paralelas à praça, onde há um consultório odontológico, uma loja de aquecedores, uma loja de entrega de bebidas, uma igreja, uma loja de produtos naturais, um centro de meditação, três restaurantes, um centro espírita, uma borracharia e uma loja de doces. As casas estão entre estes espaços comerciais e localizadas em ruas periféricas como a Rua Maria Ferreira Antunes, Rua Carolina Pasquim Antonioli, Rua Agostinho Páttaro e Rua Francisco Andreo Aledo. De maneira geral, estas residências são térreas, de construções mais antigas e majoritariamente de classe média.



Figura 13 Morfologia arquitetônica ao redor da Praça do Coco.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Além das residências e dos espaços comerciais, há também locais públicos no entorno da Praça do Coco. Ao final da Rua Manuel Antunes Novo há um posto da Guarda Municipal e na Rua José Martins há um centro cultural mantido pela UNICAMP. Não há em nenhum desses estabelecimentos listados o uso misto, ou seja, espaços que pareçam ser para fins comerciais e residenciais. Mas, essa possibilidade não pode ser descartada, uma vez que é provável que aos fundos das lojas e restaurantes observados haja um espaço para moradias.

Conforme explicado anteriormente, o horário de funcionamento da Praça do Coco é um pouco limitado pois funciona apenas de terça-feira a domingo das 10h às 19h. Por isso, é possível ver pessoas circulando na área em algumas horas da manhã, à tarde e no início da noite. Os restaurantes que estão por perto tais como Namastê Salad e Pier 4 funcionam apenas no horário do almoço, da 11h30 às 15h. Já o Café e Arte, oferece serviços até às 22h. Assim, é possível ver pessoas circulando na região após as 19h. Contudo não há qualquer movimento no período da madrugada. O que fora observado na pesquisa *survey*, foi confirmado na observação *in loco*: diferentes faixas etárias frequentam a Praça do Coco. Durante esta pesquisa foram vistos adultos, adolescentes, casais de jovens, todos consumindo algo no quiosque, mães acompanhando seus filhos pequenos no parquinho e até pessoas fazendo exercícios no local.



Figura 14 Circulação e permanência de pessoas na Praça do Coco.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

PERMEABILIDADE

A Praça do Coco é paralela às duas avenidas mais antigas do distrito de Barão Geraldo que constituem parte dos quatro trajetos possíveis para se chegar ao local, seja a pé, de carro, motocicleta, bicicleta ou ônibus. Há também a possibilidade de se fazer um trajeto unicamente a pé ou de bicicleta pela ciclovia, que atualmente está em manutenção. Este meio de transporte é muito valorizado por Vagner do Santos, como foi apontado, e por isso, há também espaço para estacionamento de bicicletas no local.

Trajetos e meios de locomoção:

7. Pela Avenida Albino José Barbosa de Oliveira subir a R. Maria Ferreira Antunes;
8. Pela Avenida Albino José Barbosa de Oliveira subir a Avenida Modesto Fernandes e virar na R. Manuel Antunes Novo;
9. Pela Avenida Santa Isabel subir a R. Agostinho Páttaro;
10. Pela Avenida Santa Isabel subir a R. Vitorino Ferrari e depois a R. José Martins.

Ciclovia:

11. Pela Avenida Albino José Barbosa de Oliveira subir pela ciclovia que dará na R. Manuel Antunes Novo.



Figura 15 Trecho Ciclovia do distrito de Barão Geraldo.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Ainda sobre a circulação, pode-se dizer que os quarteirões ao longo dos trajetos supramencionados e no entorno da Praça do Coco são grandes. Segundo Jacobs (2002), este é um fator importante para que as pessoas tenham mais oportunidades de circular, virar esquinas, pois quadras grandes reduzem as chances de encontros. Além disso, a autora também acredita que essa morfologia permite que o pedestre e/ou motorista tenha mais opções de trajetos. Ferraz (2013, p.95) reforça que “por natureza, quadras longas neutralizam as vantagens potenciais que as cidades propiciam à incubação, à experimentação e a numerosos empreendimentos pequenos e específicos, na medida em que esses precisam de cruzamentos muito maiores de pedestres para atrair pessoas ou atividades”.

Os mesmos quarteirões permitem o fluxo de pedestres e cadeirantes em condições razoavelmente boas. No interior da Praça do Coco há mais espaço para se circular, porém os trechos são todos de terra batida e não calçadas de pedra. Vale destacar que ao redor de todo o quiosque há rampas acessíveis e piso tátil facilitando assim, a convivência e frequência de pessoas que tenham algum tipo de limitação motora ou visual.



Figura 16 Praça do Coco adaptada.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Na avaliação sobre a diversidade, viu-se que há uma série de espaços comerciais no local. Neste item de permeabilidade observou-se também que todos os estabelecimentos não podem ser atravessados pelos pedestres, como ocorre em alguns edifícios ou galerias. Também se notou que o comércio não é integrado com a área da Praça do Coco ou a rua, pois as fachadas são todas muradas ou gradeadas, característica que dificulta a permeabilidade visual do local. Isto, segundo Ferraz (2013), pode prejudicar a sensação de bem-estar, acolhimento e segurança tanto dos moradores como frequentadores, porque não se garante a visibilidade das partes. Jacobs (2000) faz uma colocação interessante sobre a segurança das ruas,

chamando atenção para o que denomina de “olhos de rua” cuja lógica é: quanto mais pessoas na rua, mais segura ela é. Esses “olhos de rua” nada mais são do que a vigilância informal exercida por pessoas que ocupam o espaço. É por essa razão que a autora explica que os muros e grades não resolvem o problema de segurança, na realidade, geram o efeito contrário. Muros provocam isolamento, a sensação de fortaleza discutida anteriormente. Em conversas informais e a partir de relatos de frequentadores da Praça do Coco em redes sociais, notou-se que praticamente ninguém recomenda circular na região à noite, pelo risco de assaltos (após o fechamento do quiosque, fica tudo escuro).



Figura 17 Tipologia de fachada ao redor da Praça do Coco.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

LEGIBILIDADE

Na discussão anterior, procurou-se evidenciar o significado de legibilidade no contexto urbano. Ferraz (2013) complementa essa ideia ao citar Lynch (1997), lembrando que legibilidade é a facilidade com que pessoas entendem e reconhecem a cidade visualmente, por meio de elementos como obeliscos, edifícios ou monumentos. A legibilidade é construída com o auxílio da experiência e memória que as pessoas têm do lugar. Na observação participante, identificaram-se três marcos visuais na área da Praça do Coco: o quiosque, o parquinho e o restaurante Café e Arte. Isto porque para as pessoas quiosque da Praça do Coco e Praça do Coco é a mesma coisa; majoritariamente ambos os espaços são associados a um lugar só. O parquinho tornou-se um ponto de referência para as crianças e acompanhantes, porque nem sempre quem frequenta esse espaço consome no quiosque. Já o Café e

Arte, por ser um estabelecimento antigo no distrito e que apenas mudou de endereço, segue sendo uma referência de localização e espaço.



Figura 18 Praça do Coco a noite.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Como visto na pesquisa *survey*, um dos benefícios percebidos pelos frequentadores da Praça do Coco é o contato com áreas verdes. Isto é facilmente percebido, pois a praça é muito arborizada, há diferentes espécies de árvores, plantas e flores no local. Além disso, o local é multifuncional, pois há serviços de alimentação no quiosque, entretenimento no parquinho, espaços para exercício físico, o palco e toda a área ao seu redor onde são realizadas feiras, atividades culturais e encontros.



Figura 19 Parquinho para crianças na Praça do Coco.
Fonte: Acervo próprio, 2017.



Figura 20 Praça do Coco arborizada.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

CONFORTO

Ao analisar o conforto físico, ambiental e sensorial da Praça do Coco notou-se que o espaço apresenta diversos elementos positivos, como bancos, banheiros e calçadas em boas condições de uso, iluminação adequada, abundância em árvores e plantas, lixeiras seletivas e espaço para atividades ao ar livre.



Figura 21 Mobiliário urbano da Praça do Coco.
.Fonte: Acervo próprio, 2017.

Os trajetos possíveis para se chegar à Praça do Coco, como mencionado anteriormente, devem ser realizados por duas avenidas importantes do distrito de Barão Geraldo. A praça é paralela a ambas e por esta razão, há uma circulação intensa de veículos, motos e ônibus. Com isso, o local tem níveis consideráveis de poluição sonora, mas não se identifica trânsito, apenas barulho. As calçadas, como pode-se observar, são largas o suficiente para duas pessoas caminharem juntas e não são utilizadas para circulação massificada. Em relação à sinalização de solo, o

problema é comum ao da ciclovia. Há três faixas de pedestre que abastecem à praça, mas nenhuma delas apresenta boa manutenção são quase inexistentes, o que dificulta a travessia dos pedestres.



Figura 22 Calçadas Praça do Coco.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

3.3.2 Praça Roosevelt: categoria de análise

DIVERSIDADE

Diferente do que foi observado na Praça do Coco, na Praça Roosevelt a maioria dos edifícios são de uso misto, residências e comércio dividem o mesmo espaço. A praça é circundada por ruas famosas na cidade: Rua da Consolação, Rua Augusta e Rua João Guimarães Rosa. Nelas o uso misto é facilmente identificado, pois há tanto edifícios residenciais quanto uma variedade extensa de comércio, como estacionamento, espaço para evento corporativo, bares, restaurantes, teatros, chaveiro, loja de material de construção, salão de beleza, loja de artigos de skate e *petshop*. Os edifícios residenciais são majoritariamente antigos; há apenas um que possui arquitetura mais moderna que destoa da morfologia local. Além disso, há espaços públicos como o posto da Guarda Municipal, a Polícia Militar, a Escola Caetano de Campos instalada em um monumento histórico e tombado da cidade, a Escola Municipal Patrícia Galvão, o SP Teatro Escola, a Justiça Federal, o parquinho e a Igreja Nossa Senhora da Consolação.



Figura 23 Morfologia arquitetônica Praça Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.



Figura 24 Uso misto edifícios da Praça Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

A praça é um ponto constante de circulação, em razão da sua localização e proximidade às ruas centrais, e de permanência. Durante a observação foram identificados diferentes grupos, desde skatistas praticando esportes, casais variados, jovens confraternizando, pessoas descansando, idosos, mendigos, mães com crianças e pessoas passeando com seus cachorros. Foi possível verificar uma maioria expressiva de jovens entre 15 e 35 anos, de diferentes grupos culturais, sociais e étnicos, confirmando os resultados da pesquisa *survey* de que a Praça Roosevelt é visivelmente um espaço democrático ocupado de manhã, de tarde, de noite e quando possível, de madrugada.



Figura 25 Circulação e permanência de pessoas na Praça Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

PERMEABILIDADE

A Praça Roosevelt por estar localizada no centro da cidade de São Paulo tem um acesso facilitado. Para se chegar até o local é possível fazer diferentes trajetos seja a pé, de carro, bicicleta e ônibus pelas ruas que estão no seu entorno. Vale destacar que, na época em que a Praça Roosevelt virou um grande canteiro de obras, foi construída ali a passagem subterrânea para dar acesso ao que hoje são o Elevado Presidente João Goulart e o Viaduto Júlio de Mesquita Neto.

Como pode-se ver na figura 8, todos os caminhos para se chegar à Praça Roosevelt passam pela Rua da Consolação ou pela Rua Augusta e a partir delas é possível se locomover pelas ruas Martins Fontes, Nestor Pestana, Caio Prado e Gravataí que são de alguma forma conectadas. Também se observa no mapa que os quarteirões ao redor da praça não são grandes e isso foi confirmado na observação in loco. Como visto anteriormente, o fato dos quarteirões serem menores colabora para que a circulação no espaço seja facilitada e isso, pode ser verificado na Roosevelt, uma vez que, há mais de 10 trajetos possíveis de serem realizados. Nestes quarteirões pode-se circular normalmente, havendo um fluxo constante, mas não demasiado, de pessoas, com calçadas em boas condições de uso tanto para pedestres quanto para cadeirantes.

Apesar dos quarteirões serem menores, os espaços comerciais não são passíveis de serem cruzados por dentro, o que poderia facilitar ainda mais a circulação

das pessoas no local. Além disso, observou-se que, quando fechados, os espaços comerciais, fornecem um caráter hostil para o local porque são todos praticamente protegidos por portas de ferro ou grades. Mesmo que alguns tenham grafites, somente quando estão abertos no turno da noite é que passam a ficar integrados com o espaço público o que, por consequência, minimiza a hostilidade. Soma-se a isso o fato de que, após às 17h pode-se observar um número maior de pessoas no local, principalmente para consumo nos bares, restaurantes e teatros.



Figura 26 Fachadas bloqueadas da Praça Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Segundo Agevi, Andersson e Petrella (2015), um estudo nesse sentido foi realizado em Nairóbi, capital do Quênia, a fim de reduzir a vitimização do centro. Isto porque o governo local identificou que 54% dos habitantes se sentiam inseguros durante o dia e 94% à noite. Diante desses dados, foi realizado um projeto piloto em que se decidiu atrair as pessoas para o centro oferecendo serviços diversos após o pôr do sol. Além disso, a Câmara Municipal decidiu mudar o fluxo da via, permitindo a passagem de veículos em um único sentido e privilegiar o pedestre. O que se viu como resultado foi um centro mais vivo, vibrante e ocupado por pessoas.

LEGIBILIDADE

A Igreja da Consolação e a Escola Caetano de Campos são os principais marcos visuais da praça, especialmente em razão da arquitetura imponente que apresentam. Além disso, são as edificações mais antigas da praça e representam momentos importantes da história. O elevador João Goulart e o viaduto Júlio de Mesquita, apesar de estarem fora do contexto da Roosevelt, também podem ser

considerados como marcos visuais. Além de passarem por baixo da praça, essas construções são simbólicas.

Conforme mencionado anteriormente, uma das reivindicações dos moradores e frequentadores da Praça Roosevelt era deixá-la mais verde. Na última grande obra realizada, o engenheiro responsável pelo paisagismo, Fabricio Sbruzzi, contou em entrevista à Revista Labverde (2013) que foram plantadas 232 árvores e palmeiras sendo 19 de espécimes exóticas. Nesta mesma oportunidade, Sbruzzi relatou o desafio de arborizar uma laje como é o caso da praça, em que há pouco espaço para penetração de raízes no solo. Durante a observação, pode-se verificar duas situações distintas: uma em que no período de escassez de chuva houve pouca manutenção das áreas verdes e por isso, visualmente a Praça Roosevelt estava seca; e outra, no período chuvoso, em que o verde se destacava, especialmente ao redor da Igreja da Consolação.



Figura 27 Vegetação seca na Praça Roosevelt.
.Fonte: Acervo próprio, 2017.



Figura 28 Vegetação florida na Praça Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Na pesquisa *survey*, verificou-se que o público da Praça Roosevelt tem variadas motivações para frequentá-la. Durante a análise *in loco*, foi possível identificar usos especiais do local, tais como espaço para os skatistas, o uso do espaço para confraternização e os quiosques. Os quiosques são novidades na Praça. Foram inaugurados em setembro de 2016 e mudaram o aspecto de vazio que havia antes. Com horário de funcionamento de terça a domingo das 09h às 22h, constituem espaços multifuncionais.

Segundo a *VejaSP* (2017), a Via Roosevelt foi fruto de parceria público-privada e abriga o Café Antiquário Roosevelt e o Natural Roosevelt. Cada espaço tem sua particularidade. O Antiquário abriga objetos de antiguidades, obras de arte e fotografias; já o Natural Roosevelt vende produtos naturais seguindo a proposta do *Slow Food*. Também há programações culturais todo domingo no local. Segundo a proprietária Mari Ferreira, a Via Roosevelt tem tido um resultado satisfatório e ela percebe a diferença promovida no entorno. Além de trazer mais vitalidade para os quiosques que estavam abandonados, ela e seu sócio também cuidam do jardim logo à frente do espaço. Mari Ferreira avalia que “gente atrai gente” e os quiosques têm colaborado para trazer mais público para a Praça Roosevelt.



Figura 30 Quiosque vazios na Praça Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.



Figura 29 Via Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

CONFORTO

Ao analisar a categoria conforto na Praça Roosevelt, observou-se que o mobiliário urbano está em boas condições de uso. Há uma série de bancos disponíveis para se sentar e verificou-se que muitas pessoas usam as escadarias para este fim também. Não há banheiros públicos disponíveis para serem utilizados no local. Tampouco o pergolado pode ser utilizado como abrigo para intempéries. Mas, durante o estudo in loco, percebeu-se que o espaço estava limpo, com muitas lixeiras no local e a vegetação estava bem mantida assim como as calçadas.



Figura 31 Bancos da Praça Roosevelt.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Na entrevista realizada com a equipe da SPObras, ficou claro que um dos objetivos da obra na Praça Roosevelt era melhorar a circulação das pessoas no local, uma vez que o Pentágono obstruía a visão das extremidades da praça, havia desníveis em excesso e muitos obstáculos. Foi dada a preferência para transformar a Praça Roosevelt em um local adaptado para todos e iluminado. Por isso, foram construídas rampas em todo o seu entorno, escadas com corrimão, piso tátil e foram instalados postes de energia.



Figura 32 Praça Roosevelt adaptada.
Fonte: Acervo próprio, 2017.

Por fim, foi observado que apesar de estar próximo às ruas de grande movimento, um elevado e um viaduto, a Praça Roosevelt é um lugar tranquilo, sem nenhum barulho de trânsito. Porém, oficiais da Guarda Municipal sinalizaram que isso ocorre apenas na parte da manhã e da tarde. À noite o fluxo de pessoas é mais intenso e a partir das 22h a ronda policial precisa dar o sinal de que som e barulho precisam ser reduzidos. Estes mesmos oficiais explicaram que há um conjunto de regras de convivências (Anexo 1) que foram definidas entre o Ministério Público, os moradores e os frequentadores e que depois disso, os conflitos tiveram uma redução significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é um organismo em constante transformação porque nela habitam pessoas e é fundamental entender como o comportamento humano influencia esse ambiente urbano. Por isso, a principal motivação para realizar esta pesquisa foi entender o que faz uma cidade ser melhor do que outra para se viver ou se visitar, partindo-se da premissa que uma cidade só é boa para o turista se for boa para o seu habitante. Desta forma, a proposta geral desta dissertação foi compreender a relação entre a hospitalidade e a cidade, fazendo uso de exemplos de praças que são frequentadas por públicos diversos e que apresentavam alguma particularidade em relação às outras. Por isso, buscou-se como objetivos específicos entender o papel da praça como espaço público na cidade; identificar o significado das mudanças ao longo de tempo na percepção dos frequentadores; verificar na atualidade, indicadores de hospitalidade, no contexto das mudanças efetuadas; e apresentar uma discussão atual sobre Cidade Criativa.

Diante disso foram formuladas duas questões norteadoras: i) Qual o significado das intervenções nos espaços públicos e, em especial as praças, que evidenciam a mobilização dos frequentadores, moradores e visitantes? ii) Em desdobramento, pode esse fato significar maior sentimento de identidade e pertencimento e em consequência, cidadania? Se sim, por meio de que tipo de indicadores? Duas proposições foram definidas: o envolvimento das sociedades civil, pública e privada pode facilitar o processo de ressignificação de espaços públicos e de uso coletivo; e a revitalização de espaços urbanos pode resultar no aumento da ocupação pública e estimular o vínculo ou esgarçamento com o Outro.

Como apresentado, as Praças do Coco e Roosevelt são significativamente distintas e, por isto, as motivações de frequência verificadas são variadas desde o ambiente até a oferta de bares e restaurantes. Porém, observou-se que os benefícios percebidos após as intervenções são comuns, tais como: aumento na ocupação do espaço público, acesso às atividades culturais e sentimento de pertencimento à comunidade. Esses dois resultados somados às demais informações coletadas, colaboram para a constatação que ambos os objetos de estudo são espaços multifuncionais de uso coletivo que estimulam a sociabilidade.

Apesar dos conflitos provocados pelas festas de carnaval e barulhos identificados nas matérias de jornais, viram-se mais cenas que retratam

manifestações de hospitalidade do que hostilidade. Isto não significa que estas não aconteçam, sobretudo porque, como visto anteriormente, a hospitalidade é percebida nas brechas do cotidiano que é arraigado por hostilidade ou inospitalidade. Um dado relevante identificado refere-se ao resultado obtido na Praça do Coco em relação à percepção de resgate da história do espaço. Este resgate pode ser atribuído ao uso das imagens e menções a personagens importantes do Distrito de Barão Geraldo. Por outro lado, na Praça Roosevelt nenhuma ação neste sentido é realizada e o que se viu foi o oposto: desinteresse e hostilidade por parte dos frequentadores por não conhecerem a trajetória do local. Assim, pode-se concluir que ações como a da Praça do Coco podem, de fato, estimular ainda mais o processo de ressignificação de um espaço público.

O conceito de hospitalidade urbana também foi traduzido nas análises realizadas, pois, verificou-se que as categorias de identidade, acessibilidade, legibilidade, qualidade de vida e cidadania estão presentes em ambos espaços. A urbanidade, por mais que não apareça enfaticamente, também pode ser observada nas praças. Enquanto que na Praça do Coco a licença foi concedida pela Prefeitura de Campinas para que pai e filho adotassem o espaço na condição de que os moradores do entorno aprovassem, na Praça Roosevelt foram elaboradas regras de convivência da praça por todos que estão visíveis no Posto da Guarda Municipal (Anexo 1). Este tipo de situação retrata o exercício diário de alteridade.

Já na análise dos elementos tangíveis da hospitalidade urbana, foram verificados pontos positivos e negativos em ambas praças. Foi observado que a Praça do Coco não é frequentada à noite, em razão do acordo comum com os moradores, e que isso gera insegurança no local após o anoitecer, o que corrobora o estudo realizado em Nairóbi, conforme apresentado anteriormente. Além disso, esta praça não apresenta características de ser frequentada por um público de grandes diferenças sociais, inclusive porque sua localização não favorece isto, apesar dos esforços dos proprietários em promover a ideia de que se trata de uma praça para todos. Por outro lado, percebe-se que a Praça do Coco é a solução para alguns problemas cotidianos, como a falta de contato com a natureza e ausência de espaço ao ar livre para crianças brincarem. Soma-se a isso, a premissa de que a praça é sustentável, utilizando materiais recicláveis para mobiliário urbano, que não a desqualificam.

A Praça Roosevelt talvez ainda não seja como o Prefeito Faria Lima sonhou. Mas, o fato de que após as reformas realizadas, há um público diversificado frequentando o local e que juntos, separados ou misturados reivindicam por seu lugar na praça, dá sinais de que as pessoas saíram de casa, que estão dispostas a conviver mais, enxergar suas diferenças e conviver com elas. Logo, o caminho a ser trilhado é positivo. Esse comportamento de conhecer o seu bairro, sua cidade, zelar por eles e sentir pertencido à uma comunidade tem relação direta com a proposta de Cidade Criativa. Isto porque o ambiente urbano torna-se mais favorável para que suas singularidades sejam exploradas e para transformar a cidade tornando-a mais interessante. Mas, novamente, para que isso ocorra é necessário o engajamento e envolvimento de todas as esferas.

Por trás desta proposta que pode ser considerada como otimista, há muitas dificuldades, quando a hostilidade e/ou a inospitalidade aparecem. Mas, o que se vê nesse processo de ressignificação dos espaços públicos ou de uso coletivo é a possibilidade de se lidar com as diferenças das pessoas em busca de um objetivo comum. As cidades estão em constante transformação por causa das pessoas que ali vivem, que a frequentam. Os exemplos das Praças do Coco e Roosevelt mostram que é possível romper com a barreira do desencantamento, desde que o foco da mudança seja nas pessoas e não em fins lucrativos, como foi visto ao longo da história das cidades. As relações de hospitalidade podem transformar o uso do espaço público e isso reafirma a visão de Grinover (2007) sobre a necessidade de se discutir políticas de hospitalidade nas cidades.

Espera-se que com esta pesquisa, após a discussão apresentada a partir da metodologia considerada pertinente, tenha sido possível colaborar com a quebra de alguns paradigmas sobre a vida urbana e mostrar que os espaços públicos comportam manifestações de hospitalidade nas cidades que podem significar padrões diferentes de participação, identidade e cidadania. Além disso, espera-se que a pesquisa possa ter continuidade no desdobramento da discussão sobre a relação anfitrião e hóspede no contexto urbano, isto porque a linha da diferença entre estes papéis se mostrou tênue ao longo desta pesquisa. Por fim, se constatou a necessidade de explorar mais a pesquisa sobre a relação hospitalidade e urbanismo no mesmo grau de importância quando se busca a melhoria e avanço das cidades.

REFERÊNCIAS

Acervo Estadão. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/procura/>. Acessado em: 10 de setembro de 2016

AGEVI, Elijah.; ANDERSSON, Cecilia. e PETRELLA, Laura. **Pedestrianização da Mama Ngina Street. Nairóbi. Em: A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths.** Org: Hans Karssenber. Documento eletrônico. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

ALLIS, Thiago. **Projetos urbanos e turismo em grandes cidades: o caso de São Paulo.** Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2012.

ARCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo.** São Paulo: Romano Guerra. 2010.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Coleção Travessia do Século. Campinas Papyrus, 1994

BAPTISTA, Isabel. **Lugares de hospitalidade. Em Hospitalidade: reflexões e perspectivas.** Por Celia Maria de Moraes Dias. Baureri: Manole, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Postmodern Ethics*, Malden/Oxford: Blackwell Publishing. 1993
—. *Liquid Modernity*, Cambridge: Polity. 2000
—. *Liquid Fear*, Cambridge: Polity 2006

BBC Brasil. Disponível em:
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/141219_vert_cul_pracas_protestos.
Acesso em: 05 de abril de 2017.

BELL, David. *Hospitality and Urban Regeneration. In Hospitality: a social lens.* Por Conrad Lashley, Paul Lynch, & Alison Morisson. Elsevier, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. **A história da cidade.** Trad. Sílvia Mazza. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornekas **Cidades utópicas do Renascimento.** Revista Ciência e Cultura, 2004

BINDE, João Luis. **Não-lugares – Marc Augé**. Resenha. Revista Antropos – Volume 2, Ano 1, Maio de 2008

BONET, Lluís. **O papel do desenho urbano no processo de transformação das cidades**. Seminário Porto Alegre, Cidade Criativa. Porto Alegre, 2003.

BORJA, Jordi. e MUXI, Zaida. *El Espacio Público: ciudad y ciudadanía*. Barcelona: Electa, 2003.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CALLIARI, Mauro. **Praça Roosevelt: Um espaço emblemático da relação de São Paulo com seus espaços públicos**. Minha Cidade, Outubro de 2012.

CALDEIRA, Junia. Marques. **A praça brasileira: trajetória de um espaço urbano-origem e modernidade**. 2007.

CAMARGO, Luis Octavio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

— **O estudo da hospitalidade**. Em **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**, por Alain Montadon. São Paulo: SENAC, 2011.

— **A pesquisa em hospitalidade**. Revista Hospitalidade, 2008

— **Os interstícios da hospitalidade**. Revista Hospitalidade, 2015

CHÁVEZ, Frans Van Den Broek; VAN DER REST, Jean_Pierre. *The hospitalities of cities: Between the agora and the fortress*. Hospitality & Society. 2014

Cidade Criativa. Documentário. Disponível em: <http://tal.tv/video/cidades-criativas/>. Acessado em: 12 de dezembro de 2016

ECCE HOMO: **Cidade**. Documentário. Conscient Productions. 1999

FERNANDEZ, Renato. Lanna. **A concepção de esporte em Antonio Prado Junior: O amadorismo como princípio civilizatório e regenerador**. XVIII Simposio Nacional de Historia. Florianópolis, 31 de julho de 2015.

FERREIRA, Jair César Maturano. **Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso do espaço público**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

FERRAZ, Valéria de Souza Severini. **Hospitalidade urbana em grandes cidades. São Paulo em foco**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2013

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 2002

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber livro.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GRASSI, Marie Claire **Transpor da soleira. Em: O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**, por Alain Montadon. São Paulo: SENAC, 2011.

GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade**. Revista Hospitalidade, 2006.

— **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

— **A cidade a procura da hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2016.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LANNA, Marcos. **Notas sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva**. Revista de sociologia e política. 2000

LASHLEY, Conrad. **Para um entendimento teórico. Em Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**, por Conrad Lashley e Alison Morisson. Baureri: Manole, 2004.

— **Hospitalidade e hospitabilidade**. Revista Hospitalidade, 2015: 70 -92.

LATHAM, Alan. *Urbanity, life style and making sense of the new urban cultural economy: Notes from Auckland, New Zealand*. Urban Studies, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *Barrio y vida de barrio. In: De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1971.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: Conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora UNESP. 1998

LERNER, Jaime. **Medellin, uma cidade criativa. Em Cidades criativas: perspectivas**, por Peter Kageyama Ana Carla Fonseca Reis (orgs). São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

LUGOSI, Peter., BELL, David.; LUGOSI, Krisztina. *Hospitality, Culture and Regeneration: Urban decay, entrepreneurship and the ruin bars of Budapest*. Urban Studies. 2010

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Adilson Costa. **A carta do novo urbanismo norte-americano**. Revista Integração. 2007

MASHASHABLE. Disponível em: <http://mashable.com/2015/12/05/great-chicago-fire/#HzNan4itVgqT>. Acessado em 29 de março de 2017

Mata Santa Genebra. Disponível em: <http://www.santagenebra.org.br/historico>. Acessado em: 09 de Setembro de 2016.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre o dom. Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1974.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. **Espaço público: ação política e práticas de apropriação.: Conceito e procedências**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2009

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: todos aos passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia/Ed. 34, 2003.

Praça do Coco. Disponível em: <http://www.pracadococo.com.br/origem-e-historia>. Acesso em: 20/09/2016

PNUD/ONU. Disponível em: <http://www.br.undp.org/>. Acessado em: 13 de outubro de 2016

Prefeitura de Campinas. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/dados-do-municipio/cidade/>. Acessado em: 10 de Setembro de 2016.

Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/>. Acessado em: 03 de Novembro de 2016.

RAFFESTIN, Claude. *Réinventer l'hospitalité*. Communications, 1997: 165 - 174.

REIS, Ana Carla Fonse. **Cidades criativas - soluções inventivas: o papel da copa, das olimpíadas e dos museus internacional**. São Paulo; Recife: Garimpo de Soluções; FUNDARPE, 2010.

RIBEIRO, Rita. **Barão Geraldo - História e Evolução**. Campinas: Autora, 2000.

RITZER, George. *Inhospitable hospitality. Hospitality: A social lens*, 2007
— . Hospitalidade e prosumerização. Revista Hospitalidade, 2015.

A nova Praça Roosevelt. Revista Labverde, nº6. Entrevistas. 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1988.

Roosevelt: uma praça além do concreto. Direção: Ana Cristina Vasconcelos, Érika Valois, Luiz Mazetto e Maria Joyce Santos Amanda Santana. 2009.

SALLES, Maria do Rosário Rolfesen, BUENO, Marielys Siqueira e BASTOS, Sênia. **Desafios da pesquisa em hospitalidade**. Revista Hospitalidade, 2010

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do Público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996.

SENNETT, Richard. **Declínio do Homem Público: as Tirantias da Intimidade**. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia. das Letras, 1988

SEVERINI, Valéria Ferraz. **Hospitalidade urbana: ampliando o conceito**. Revista Iberoamericana de Turismo, 2014: 84 - 99.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 694 p.

SIGAUD, Ligia. *Les Paysans et le Droit: Le Mode Juridique de Règlement des Conflits*. Information sur les Science Sociales, 1999: 113 - 147.

SIMSON, Olga von **Retrospectiva sócio histórica da formação do distrito de Barão Geraldo de Campinas**. 2003.

SITTE, Camillo. **A Construção de Cidades Segundo Princípios Artísticos**. Trad. Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.

TELFER, Elizabeth. *The philosophy of hospitableness. In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*, por Conrad Lashley e Alison Morrison. Oxford: Butterworth-Heinemann., 2000.

—. **A filosofia da “hospitabilidade”**. LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

ULLDEMOLINS, Joaquim Rius. *Culture and authenticity in urban regeneration processes: Place branding in central Barcelona*. Urban Studies Journal Limited, 2004, 51 ed.

UNICAMP . Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/historia>. Acessado em: 10 de Setembro de 2016.

VALENTINE, Gill. *Living with difference: Reflexions on geographies of encounter*. Progress in Human Geography, 32:3, p. 323 – 337 2008

WEBER, Max. *Economy and Society*. Berkely: University of California Press. 1922
— . Sociologia. São Paulo: Ática, 2004

WELTEN, Ruud. *Hospitality and its ambivalences. On Zygmunt Bauman*. Hospitality & Society, 5(1), 7-21. 2015

YAMASHITA, Kelly. Yumi. **Praça Roosevelt, centro de São Paulo: intervenções urbanas e práticas culturais contemporâneas**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

REFERÊNCIAS AMPLIADA

AJUTAMENT BARCELONA. Disponível em: <http://ajuntament.barcelona.cat/es/>. Acessado em: 06 de novembro de 2015

BARROS, Sandra Augusta Leão. **A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no Recife**. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, 2004: 56-74.

CARDOSO, Celina. **O Palco da Praça: As transformações na praça Franklin Roosevelt pelas mãos do teatro**. Revista Extraprensa, 2010: 1 - 13.

Censo Histórico Demográfico. Disponível em: http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/. Acesado em: 1 de Novembro de 2016.

GALVÃO, Ricardo Marchesini. **Praça Roosevelt - Da trivialidade arquitetônica ao espaço público por excelência**. III ENANPARQ. São Paulo, 2014.

GOTMAN, Anne. *Peut-on faire commerce de l'hospitalité?* Colloque Franco-brésilien Hospitalité et développement durable (CRLMC). Clermont - Ferrand: Université Blaise Pascal, 2005.

GRINOVER, Lucio. **Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana**. Revista Iberoamericana de Turismo, 2013: 16 - 24.

HEMMINGTON, Nigel. *From Service to Experience: understanding and defining the hospitality business*. The Service Industries Journal, 2007.

MONTANDON, Alain. **Hospitalidade ontem e hoje. Em Hospitalidade: cenários e oportunidades**, por Marielys Siqueira Bueno Ada de Freitas Dencker. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2003.

NOGUEIRA, Ataliba. **Rui Barbosa e Campinas**. Revista da Faculdade de Direito, 1971: 431 - 449.

PERAZZOLO, Olga et al. **Hospitalidade e hostilidade: reflexões sobre fronteiras entre aceitação e rejeição**. 8º Semintur: 1ª Hospitalidade em colóquio: Pesquisa e Ensino. Roda Conversações sobre Hospitalidade. Caxias do Sul, RS: UCS, 2015.

PIMENTEL, Thais Ferraz de Barros. **São Paulo reinventada: higienópolis e um novo tempo**. Trama Interdisciplinar, 2012.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades criativas. Análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen, BUENO, Marielys Siqueira, e BASTOS, Sênia **Hospitalidade: Trajetória e possibilidades**. Contribuciones a las Ciencias Sociales, 2010.

São Paulo Antiga. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/mirante-9-de-julho/>. Acessado em: 03 de junho de 2016

SOUSA, Antonio **Os tipos de povoamento. En: Os parceiros do rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas cidades, 1987.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SURVEY

(G1) Origem e frequência à praça

1. Em qual cidade você reside?
2. Em qual bairro você reside?
3. Quantas vezes por semana você costuma ir à praça?

(G2) Motivações sobre a frequência à Praça

4. O que te motiva a ir à praça?
5. Você costuma ir acompanhado(a) à praça?
6. Se sim, quem o (a) acompanha?

(G3) Identificação com a Praça:

7. Há quanto tempo você frequenta a praça?
8. Você frequenta outras praças na cidade?
9. Se sim, qual a diferença da Praça (Coco ou Roosevelt) em relação às outras?
10. Você sabia que a Praça (Coco ou Roosevelt) passou por transformações?

(G4) Percepções em relação às transformações

11. Como você classifica esta mudança?
12. Você frequentava a praça antes das mudanças e reformas?
13. Se sim, acredita que a praça está melhor agora?
14. Você se sente acolhido na praça?
15. Se sim, por que?
16. Você sente orgulho da Praça?
17. Se sim, por que?
18. Você percebeu se o número de frequentadores aumentou?
19. Se sim, como os identifica?
20. Nota diferença entre os frequentadores desde quando você vai à Praça do Coco?
21. Se sim, por que?
22. Você possui algum conhecido ou familiar em Barão Geraldo?
23. Você percebe algum benefício na qualidade de vida dos frequentadores à praça?
24. Se sim, quais?
25. Você conhece a história da Praça?
26. Se sim, acredita que as transformações resgataram a história do espaço?
27. Você sugere alguma melhoria para praça?

→ No questionário aplicado aos frequentadores da Praça Roosevelt a 18ª pergunta era: Você considera a Praça Roosevelt um lugar de passagem ou de interação?

(G5) Dados dos respondentes

- 28. Idade
- 29. Local de nascimento
- 30. Estado civil
- 31. Sexo
- 32. Profissão ocupação

APÊNDICE B - CATEGORIA 1 DO LEVANTAMENTO DE MATÉRIAS REFERENTES A MANIFESTAÇÕES DE HOSPITALIDADE NAS PRAÇAS DO COCO E ROOSEVELT.

Categoria 1: toda e qualquer manifestação de hospitalidade por parte dos moradores e/ou frequentadores, ou seja, fatos que representassem expressões de identidade e sentimento de pertencimento de moradores e/ou frequentadores entre si no ambiente das praças ou para com as praças

| Praça do Coco | | | Praça Roosevelt | | |
|---------------|--|---|-----------------|---|---|
| Data | Matéria | Conteúdo | Data | Matéria | Conteúdo |
| 31/05/2013 | Evento ambiental é "sustentável" em Campinas | As atividades do Projeto Semeia começam na Praça do Coco. A ideia é mobilizar a população para os conceitos ambientais com atividades culturais | 08/01/2013 | Após confusão, subprefeito da Sé, moradores e skatistas discutem uso da Roosevelt | O subprefeito da Sé, Marcos Barreto, participa de uma reunião fechada com representantes da Associação Ação Local Roosevelt e skatistas para discutir o uso do espaço público da praça, no centro de São Paulo. |
| 05/02/2014 | Feverestival volta a ser realizado depois de dois anos | O Feverestival ocorre em paralelo ao Terra Lume e Cursos de Fevereiro, do Lume Teatro. Os dois núcleos promovem encerramento conjunto na Praça do Coco. | 20/11/2015 | Com verba reduzida, festival de teatro Satyrianas investe em peças de rua | Mais pobre e mais pop. O festival Satyrianas ocupa até domingo (22) a praça Roosevelt, no centro de São Paulo, e seus arredores pela 16ª vez – agora com orçamento menor. |
| 06/10/2014 | Grupo protesta contra corte de árvores em Barão | Um grupo de 30 pessoas fez uma caminhada na Praça do Coco, em Barão Geraldo, em protesto ao corte indiscriminado de árvores no distrito | 05/01/2016 | É duro desempenhar à altura na suruba cênica 'Filosofia na Alcova' | Três dias depois de ter um dos seus teatros fechados momentaneamente pelo Psiu, chamado por moradores descontentes com o barulho, a praça Roosevelt recebeu um abraço de seus admiradores. Um abraço sem roupa: dezenas de voluntários participaram em 1º de dezembro de uma cena de orgia que será a espinha dorsal do filme "A Filosofia na Alcova" |
| 19/12/2014 | Projeto 'Pelos Ruas da Cidade' | Serão apresentados dois espetáculos | 19/07/2015 | Em terça nublada, filme sobre | Outro filme será exibido, mas fora das salas de |

| | | | | | |
|------------|---|--|------------|---|--|
| | chega a Campinas | na Praça do Coco, em Barão Geraldo. | | Plínio Marcos tem exibição grátis no centro | cinema. O documentário "Plínio Marcos nas Quebradas do Mundaréu", que narra a trajetória do dramaturgo, será projetado em um telão de 12 metros, às 19h, na praça Roosevelt. Ingresso: GRÁTIS. |
| 02/01/2015 | Feiras culturais que acontecem em Campinas | Feira de Cultura e Arte – Todos os sábados, das 10h às 15h. Na Praça do Coco. Entrada franca. | 09/04/2016 | Estudantes protagonizam ato contra impeachment na praça Roosevelt | Começou debaixo de sol forte e com uma hora de atraso, o ato contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff promovido por comitês estudantis na praça Roosevelt. |
| 14/02/2015 | Moradores de Barão Geraldo protestam contra saques e arrastão | Uma das organizadoras do Carnaval em Barão Geraldo, responsável pelos blocos Ferradura e Zé Coquinho, é categórica ao afirmar que as ocorrências no centro comercial não estão ligadas às festividades promovidas no entorno da Praça do Coco. | 24/10/2015 | Esvaziada, Virada Esportiva leva tirolesa e sumô ao centro | Organizada pela prefeitura, a Virada Esportiva oferece mais de 2.000 atividades gratuitas durante todo o sábado, em 400 pontos de São Paulo. Além do Anhangabaú, há atrações no Centro Esportivo e de Lazer Tietê, no parque Chácara Jockey e na praça Roosevelt, entre outros. |
| 03/04/2015 | Tradicional Festa do Boi Falô em Barão reúne multidão | Na Praça do Cocô, músicos em palco montado animaram a festa com música sertaneja de raiz. | 19/02/2016 | Tudo grátis: Festival das Lanternas, Mondrian e festa na Casa das Caldeiras | No sábado, a praça Roosevelt ficará iluminada com lanternas vermelhas. É o encerramento do Ano-Novo Chinês, promovido pelo Instituto Confúcio e pela Associação Chinesa de São Paulo. Além do show de luzes, serão realizadas apresentações musicais e danças típicas. Food trucks servem comidas típicas. |
| 28/05/2015 | Movimento reivindica construção | O Movimento Trilha Segura realiza | 23/10/2015 | Veja atrações que _cam | Praça Roosevelt - O Espaço Satyros promove duas peças |

| | | | | | |
|------------|---|---|------------|---|--|
| | de trilha segura em praça | manifestação pela construção de uma trilha segura nas praças José Barbutti e Isabela Barreto Antonioli que são continuação da Praça do Coco, no distrito de Barão Geraldo, Campinas. | | próximas às salas da Mostra Internacional de Cinema | inspiradas na obra de Marquês de Sade. |
| 06/02/2016 | Desfile das 'Caxeiras' resgata velhos carnavais | O chão é de terra e o teto de árvores, mas o desfile das Caxeiras, em Barão Geraldo, transforma a Praça do Coco num salão de baile para ninguém botar defeito, resgatando os velhos carnavais de marchinhas, confete, serpentina e fantasias. | 22/05/2016 | Metroviários de SP decidem nesta segunda se param por 24 horas | Um ato público contra o "sucateamento do serviço público promovido pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB)" acontecerá na praça Roosevelt na região central de São Paulo |
| 19/04/2016 | Cupinzeiro traz arte e educação a Campinas | A finalização do projeto será na Praça do Coco de Barão Geraldo. | 01/06/2016 | Mulheres fazem protesto em São Paulo contra estupro e violência de gênero | As mulheres seguiram em passeata pela rua Augusta em direção à praça Roosevelt, bloqueando temporariamente o trânsito na rua, no sentido centro. |
| 16/06/2016 | Barão Geraldo terá festa junina na Praça do Coco. | O Bloco "As Caxeiras" dá continuidade à proposta brincante e apresenta o "2º Arraiá Caxeiras Junina" na Praça do Coco, em Barão Geraldo. | 19/05/2014 | Praça Roosevelt recebe nova ação do projeto Esqueça um Livro | A praça Roosevelt, no centro da capital, recebe no próximo sábado, mais uma ação do projeto Esqueça um Livro. |
| 21/06/2016 | 2ª Mostra Jazz Campinas | Exibição na Praça do Coco de curtas-metragens sobre música, resultado de uma parceria inédita com a Mostra Curta Audiovisual" | 27/11/2015 | Praça Roosevelt, em SP, se transforma em picadeiro gratuito a céu aberto | A última edição do cabaré circense registrou mais de três mil pessoas na Roosevelt em uma noite de quarta-feira. "Eram adultos, idosos e muita criança. Não houve qualquer desentendimento". |

26/06/2016 Skatistas comemoram o Dia Mundial do Skate na região central de SP

Após a concentração, que ocorreu no vão livre Do Museu de Arte de São Paulo (Masp), na avenida Paulista, eles seguiram em direção à praça Roosevelt, conhecida por ser um reduto de praticantes do esporte.

08/01/2013 Subprefeito pede bom senso a skatistas e promete adaptações na Roosevelt

A reunião entre o subprefeito da Sé, Marcos Barreto, representantes da Associação Ação Local Roosevelt e skatistas terminou sem resultados concretos sobre o uso do espaço público na praça, no centro de São Paulo.

APÊNDICE C – CATEGORIA 2 LEVANTAMENTO DE MATÉRIAS REFERENTES A MANIFESTAÇÕES DE HOSTILIDADE NAS PRAÇAS DO COCO E ROOSEVELT.

Categoria 2: toda e qualquer manifestação de hostilidade por parte do frequentador e/ou morador, ou seja, fatos que representassem um conflito, segregação ou não reconhecimento destes entre si no ambiente das praças ou para com as praças.

| Praça do Coco | | | Praça Roosevelt | | |
|---------------|---|---|-----------------|---|--|
| Data | Matéria | Conteúdo | Data | Matéria | Conteúdo |
| 05/03/2014 | Após vandalismo, blocos de Barão ficam na Praça do Coco | O policiamento foi reforçado em todo o distrito de Barão Geraldo após o vandalismo e a agressão de policiais contra foliões que estavam na Praça do Coco. | 20/05/2016 | Combate ao crack deve se separar de revitalização do centro, diz especialista | De acordo com o urbanista, outros exemplos de conflitos no centro são a disputa sobre qual será o destino do Minhocão e os desentendimentos entre skatistas e moradores na Praça Roosevelt. |
| 05/03/2014 | Barão Geraldo contabiliza prejuízos após vandalismo | Segundo testemunhas que estavam na Praça do Coco, depois da apresentação dos blocos, o grupo foi pego de surpresa com a ação dos policiais militares, usando bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha | 15/01/2013 | GCM que agrediu skatistas na Roosevelt ficará suspenso por 120 dias | O guarda civil metropolitano Luciano Medeiros foi suspenso por 120 dias por ter agredido skatistas na praça Roosevelt |
| 05/03/2014 | Blocos de Barão cobram explicação sobre violência | A Pasta recomendou ainda que o Bloco Berra Vaca ficasse concentrado na Praça do Coco. | 28/11/2015 | Parlapatões é fechado pela prefeitura, e Satyros marca vigília na Roosevelt | O Espaço Parlapatões, que funciona na praça Roosevelt como bar e teatro e recebe uma série de espetáculos principalmente aos fins de semana, foi fechado por fiscais do Psu (Programa de Silêncio Urbano). |
| 14/02/2015 | Barão Geraldo tem 'rolêzinho' e policiamento ostensivo | A Guarda Municipal apreendeu dois carros com base na lei do 'Pancadão' em um evento que acontece separado dos tradicionais blocos da Praça do Coco. A agitação acontece até as 2h00 na Praça do Coco. | 14/02/2016 | Haddad aperta cerco a bares, e multa por barulho dispara em São Paulo | Em alguns locais da cidade, boêmios e moradores travam uma guerra. É o caso da praça Roosevelt, no centro, que é ocupada por bares, teatros e espaços culturais. |

APÊNDICE D – ROTEIRO ANÁLISE DE ELEMENTOS TANGÍVEIS

DIVERSIDADE

1. Qual praça está sendo analisada?
2. Há pontos comerciais no local?
3. Quais tipos?
4. Há espaços residenciais no local?
5. Quais tipos?
6. Há espaços públicos e privados no local?
7. Descreva
8. Há edifícios de uso misto?
9. O local é ocupado em qual (is) período (s)?
10. Você percebe a circulação e permanência de pessoas no local?
11. Descreva (grupos sociais, faixas etárias etc)

PERMEABILIDADE

12. Percebe diferentes trajetos e percursos para se chegar no local?
13. Quais? (Sinalizar se há viadutos, passarelas, pontes etc)
14. Há diferentes meios de transporte para se chegar no local?
15. Os quarteirões são grandes ou pequenos?
16. Os quarteirões permitem o fluxo de pedestres e cadeirantes com calçadas em boas condições?
17. O local permite o fluxo de veículos e bicicletas?
18. Os espaços privados permitem serem cruzados por dentro?
19. As fachadas dos espaços têm muros, grades ou qualquer outro tipo de proteção?
20. Os espaços privados e públicos são integrados?
21. As ruas no entorno são conectadas?

LEGIBILIDADE

22. Quais são os pontos você identifica como marcos visuais no espaço?

23. Identifica alguma vegetação típica do local?
24. Identifica algum uso especial do local?
25. Percebe diferentes desenhos arquitetônicos no local
26. Descreva

CONFORTO

27. O local possui bancos para se sentar?
28. O local possui banheiros em boas condições e uso?
29. O local possui abrigo para se proteger de intempéries?
30. O local tem iluminação adequada?
31. As calçadas estão em boas condições de uso?
32. O espaço é adaptado para pessoas com alguma restrição motora ou visual?
33. O espaço é arborizado?
34. O espaço é barulhento?
35. Há lixeiras no local?
36. Há pontos de ônibus?
37. Há espaços para atividades ao ar livre?
38. As ruas são estreitas?
39. As ruas são muito cheias para se caminhar?
40. O local possui boa manutenção?
41. Os materiais de construção parecem ser boa qualidade?

ANEXO 1 – REGRAS DE CONVIVÊNCIA DA PRAÇA ROOSEVELT



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
COORDENAÇÃO DAS
SUBPREFEITURAS
Sé

PORTARIA Nº 022/SP-SÉ/GAB/2015.

ALCIDES AMAZONAS ARAUJO DOS SANTOS, Subprefeito da Subprefeitura Sé, no uso de suas atribuições legais,

Considerando a Lei nº 13.399/02 que, dentre outras providências, dispõe sobre a criação de Subprefeituras no Município de São Paulo e; a necessidade de adequação aos preceitos constitucionais expressos no art. 30, VIII da Constituição Federal que confere ao Município o direito de organização territorial do solo urbano;

Considerando o uso da Praça Franklin Roosevelt - Consolação, visando o interesse coletivo da localidade em proporcionar melhor e maior convivência à população e aos usuários deste espaço;

Considerando a instauração de Inquérito Civil pelo Ministério Público referente à poluição sonora na Praça Roosevelt, vinculando a Guarda Civil Metropolitana e a Polícia Militar, pelo uso e conservação do local, diante da concordância na elaboração do presente regulamento por esta Subprefeitura;

Considerando a necessidade de disciplinar o uso, tornando-o conveniente e compatível com as circunstâncias de moradia, trabalho e lazer, a fim de proporcionar a diversidade do uso de maneira harmônica, pela melhor e maior convivência dos usuários e moradores que utilizam a Praça Franklin Roosevelt - Consolação;

RESOLVE:

1. Adotar as normas e procedimentos constantes do regulamento de utilização da Praça Franklin Roosevelt, estabelecidas abaixo;
2. É vedado, a qualquer tempo e circunstância, o ingresso e circulação de automóveis particulares, motocicletas e veículos motorizados, sendo permitido o ingresso de veículos oficiais e sua circulação para diligências e emergências;
3. Os visitantes, quando do interior da Praça, deverão:
 - I – observar as comunicações e alertas constantes de placas indicativas;
 - II – observar, cumprir e zelar para que sejam obedecidas, integralmente, as normas do presente regulamento;
 - III – comunicar aos representantes do Conselho Gestor, a Guarda Civil Metropolitana, a Polícia Militar, existentes no local, e/ou a Subprefeitura qualquer irregularidade observada na Praça;
 - IV – preservar a limpeza e conservação, bem como, depositar detritos sempre em recipientes específicos para a coleta de lixo;
 - V – coletar a sujeira de cães e gatos, na área delimitada e permitida para acesso de animais; VI – não subtrair, danificar ou pichar bens municipais.
4. Para proporcionar maior e melhor aproveitamento e utilização dos espaços no interior da Praça, fica estabelecida a seguinte organização para:
 - I - Realizar exposições, exposições de produtos e serviços comerciais e promocionais ou filmar e/ou fotografar, para fins publicitários ou comerciais, desde que de acordo com o estabelecido na legislação específica e, expressamente, autorizado por esta Subprefeitura;
 - II – Eventos expressamente autorizados pela Subprefeitura Sé, de qualquer natureza, desde que devidamente requisitados, observando a legislação específica e a antecedência mínima de 30 dias;
 - III – Nos eventos que forem utilizados de instrumentos musicais ou com uso de amplificador por alto falantes ou outros aparelhos dependerá, exclusivamente, de autorização prévia, desde que condicionado a observar os parâmetros legais e ao comprometimento de não ultrapassar o limite de ruído estabelecido para região pelo Programa de Silêncio Urbano;
5. As atividades serão, respectivamente, permitidas para os locais delimitados, como a prática de skate restrita a área de 1.894,15 m² próximo a Avenida da Consolação; a realização de eventos na área delimitada de 1.043,00 m², próximo a Rua João Guimarães Rosa; na área de, aproximadamente, 864,50 m² em frente aos quiosques, é reservada para a exclusiva circulação de pedestres; o acesso aos animais será permitida na área de 626,15 m², denominada cachorródromo, situado próximo a Rua João Guimarães Rosa; a utilização do playground será, exclusivamente, para as crianças acompanhadas dos responsáveis na área de 919,30 m² situada ao lado da Paróquia Nossa Senhora da Consolação.
6. Torna obrigatória a distribuição, fixação e o cumprimento do regulamento da utilização da Praça Franklin Roosevelt, pela Subprefeitura Sé, a todos com responsabilidades sobre a mesma, facilitando o seu conhecimento aos usuários e visitantes.
7. Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

**ANEXO 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO VAGNER
DOS SANTOS**